

VARAL DO BRASIL[®]

Literário, sem frescuras!



ISSN 1664-5243

Ano 6 - Maio de 2015 — Edição no. 35



**A LITERATURA
VAI MAIS
LONGE QUANDO
É FEITA
PARA TODOS!**

No. 35

EXPEDIENTE

Revista Literária VARAL DO BRASIL

NO. 35 - Genebra - CH - **ISSN 1664-5243**

Copyright Cada autor detém o direito sobre o seu texto. Os direitos da revista pertencem a Jacqueline Aisenman.

O Varal do Brasil é promovido, organizado e realizado por Jacqueline Aisenman

Site do VARAL: www.varaldobrasil.com

Blog do Varal: www.varaldobrasil.blogspot.com

Textos: Vários Autores

Ilustrações: Vários Autores

Foto capa: © Akarapong Suppasarn

Muitas imagens encontramos na internet sem ter o nome do autor citado. Se for uma foto ou um desenho seu, envie um e-mail aqui para a gente e teremos o maior prazer em divulgar o seu talento.

Revisão parcial de cada autor

Revisão geral VARAL DO BRASIL

Composição e diagramação:

Jacqueline Aisenman

A distribuição ecológica, por e-mail, é gratuita. A revista está gratuitamente para download em seus site e blog.

Se você deseja participar do VARAL DO BRASIL NO. 36 envie seus textos até 25 de maio de 2015 para: varaldobrasil@gmail.com TEMA LIVRE

O tema da edição no. 36 terá livre .

Toda participação é gratuita.



Animais



Eu amo e defendo!



A revista VARAL DO BRASIL circula no Brasil do Amazonas ao Rio Grande do Sul...

Também leva seus autores através dos cinco continentes.

Quer divulgação melhor?

**Venha fazer parte do
VARAL DO BRASIL**

E-mail: varaldobrasil@gmail.com

Site: www.varaldobrasil.com

**Blog do Varal:
www.varaldobrasil.blogspot.com**

***Toda participação é gratuita**

ATIVIDADES DO VARAL

- Estão abertas as inscrições para o III Prêmio Varal do Brasil de Literatura;
- Estão abertas as inscrições para a edição de julho de nossa revista com o tema livre.
- Em maio estarão abertas as inscrições para nossa coletânea muito especial, o Varal Antológico 6.
- Em breve abriremos concurso para a capa e para apresentação e orelhas para nossa antologia.
- Em breve estarão abertas as inscrições para o 30o Salão Internacional do Livro e da Imprensa de Genebra - Suíça.

**FIQUE ATENTO, NO VARAL AS
COISAS ACONTECEM!**

PARTICIPE! INSCREVA-SE!

varaldobrasil@gmail.com



VARAL ESTENDIDO!

Iniciado em 2009, o Varal do Brasil caminha hoje para os seis anos de atividades. Com mais de quarenta edições de sua revista, três edições do Concurso, seis antologias e agora indo para a quarta participação no Salão do Livro de Genebra.

Vamos ao Salão do Livro de Genebra em desde 2012 e cá estamos novamente para esta quarta participação consecutiva.

Este ano voltamos com mais escritores e dentre eles temos a honra de contar com nomes relevantes da literatura nacional atual: CINTIA MOSCOVICH, RONALDO CORREIA DE BRITO E MARCELINO FREIRE, durante o 29o Salão Internacional do Livro e da Imprensa de Genebra.

A partir do ano de 2013 o Varal também tornou-se a Association Culturelle Varal do Brasil, com o intuito de melhor divulgar nossa Língua e cultura.

Celebramos 5 anos de VARAL DO BRASIL lançando o livro Varal Antológico 5 que conta com diversos autores selecionados e com os premiados durante o II Prêmio VARAL DO BRASIL de Literatura 2014.

Agradecemos a presença de todos os escritores que vieram de diversos países e várias regiões do Brasil e também de Portugal, Angola e Cabo Verde, trazendo seus livros. Diferentes estilos para agradar o seletor público do Salão Internacional do Livro desta cidade cosmopolita que é Genebra.

Obrigada ao público leitor que prestigia nosso trabalho, desta forma prestigiando também a literatura brasileira, portuguesa e uruguaia que aqui mostramos.

Seja esta feira literária uma festa para a cultura!

Aqui na revista chegamos para você com tema livre, dando real liberdade para que todos esvaziem os corações, superlotem as mentes, carreguem emoções e nos surpreendam com a harmonia de suas palavras.

Você vai encontrar contos, crônicas, poemas ensaios... Vai encontrar diferentes personalidades que se afirmam em textos para se degustar.

Aproveite, você que é leitor, e pense seriamente em vir também como escritor na próxima edição: por que não? Aqui no Varal todos somos iguais, ninguém é melhor ou mais experiente, porque quem nos ensina é a vida e a vida dá experiência a todos. Esperamos você!

Esperamos você também para o concurso literário internacional III Prêmio Varal do Brasil de Literatura que premiará este ano os melhores contos, textos infantis, poemas e crônicas. Fique por dentro, participe!

Desejo a todos uma excelente leitura e esperamos você lá no Salão do Livro (Palexpo, estande A150).

Até breve!

Jacqueline Aisenman
Editora-Chefe
Varal do Brasil



PENDURADOS NESTA EDIÇÃO!

- AGALÉ TORRES
- ALDO MORAES
- ANA DENISE SOUSA
- ANA ROSENROT
- ANTONIO CABRAL FILHO
- ANTONIO MARCOS BANDEIRA
- CARLOS ALBERTO C. SOUZA
- CARMEN LUCIA HUSSEIN
- CASSIANE SANTOS
- CESAR SOARES FARIAS
- CLAUDETE DA MATA
- CLAUDIA BANEGAS
- CLEBER REGO
- CRISTINA CACOSSI
- DANIEL DE CULLÁ
- DANIELLI RODRIGUES
- DECIO MALMITH
- DENISE BRAGA
- DINORÁ COUTO CANÇADO
- DULCE RODRIGUES
- ELISA ALDERANI
- ELOISA MENEZES PEREIRA
- ELVIS SILVA MAGALHÃES
- EDSON JOSÉ DOS SANTOS
- FÁTIMA SILVA
- FELIPE CATTAPAN
- FERNANDO SORRENTINO
- FRANCISCO DE PAULA
- GAIÔ
- GILDA PEREIRA SOUZA
- GILSON LIMA
- GUACIRA MACIEL
- HEBE C. BOA-VIAGEM A. COSTA
- HELOISA CRESPO
- IOLANDA BELTRAME
- ISABEL CRISTINA S. VARGAS
- ISADORA CRISTNA A. DA SILVA
- IVANE PEROTTI
- IVANISE MANTOVANI
- JACQUELINE AISENMAN
- JANIA SOUZA
- JOSÉ ALBERTO DE SOUZA
- JOSÉ HILTON ROSA
- LEANDRO MARTINS DE JESUS
- LENIVAL NUNES DE ANDRADE
- LUIZ ALBERTO DOS SANTOS

PENDURADOS NESTA EDIÇÃO!

- LUIZ CARLOS AMORIM
- LUIZ FLAVIO NASCIMENTO
- MARIA DELBONI
- MARIA JOSÉ V. JUSTINIANO
- MARIA LUIZA VARGAS RAMOS
- MARIA MOREIRA
- MARIA SOCORRO SOUSA
- MARILINA B. DE ALMEIDA LEÃO
- MARILU F. QUEIROZ
- MARINA GENTILE
- MÁRIO REZENDE
- MAURICIO DUARTE
- NELSI EMILIA
- NORÁLIA DE MELLO CASTRO
- ODENIR FERRO
- OLIVEIRA CARUSO
- PAULO ROBERTO CANDIDO
- REGINA RAMOS DOS SANTOS
- REJANE COSTA BARROS
- RITA DE OLIVEIRA MEDEIROS
- ROB LIMA
- ROBERTA MUNHOZ
- ROGÉRIO ALVARENGA
- ROGÉRIO ARAÚJO (ROFA)
- ROSANGELA CALZA
- ROSALINDA MILDNER
- ROSSANA AICARDI
- ROZELENE FURTADO DE LIMA
- SELMA ANTUNES
- SILVIO PARISE
- SONIA NOGUEIRA
- TEODORA URSINO
- VAGNER XAVIER
- VALDECK ALMEIDA DE JESUS
- VITÓRIA PEREIRA DOS SANTOS
- WALNÉLIA CORRÊA PEDERNEIRAS



AMLEF - Ceará



29º SALÃO DO LIVRO E DA IMPRENSA DE
GENEVA 2015



Salon
du livre
et de la
presse Genève



RIO GRANDE DO SUL

CEARÁ

PERNAMBUCO

BAHIA

RIO GRANDE DO NORTE

MINAS GERAIS... E MUITOS MAIS ESTADOS!

OS AUTORES BRASILEIROS ESPERAM VOCÊ

NO ESTANDE DO VARAL DO BRASIL

DE

29 DE ABRIL A 3 DE MAIO DE 2015

BATE-PAPO COM OS AUTORES, MÚSICA, MAIS DE DUZENTOS
TÍTULOS DE LIVROS QUE VOCÊ VAI AMAR!

PALEXPO - GENEVRA - ESTANDE A150

ACIDENTE DE PERCURSO NUMA FRAÇÃO DE TEMPO

Por Aglaé Torres

Outono. Tarde morna em azul metálico. Tanto para dizer... Ansiedade em ritmo acelerado, olhos no relógio. Apresso-me.

Dez para as quatro: Telefone. Ninguém atende. Urgente pedir à minha mãe para Adélia esperar. Há tanto tempo sem falar com ela. Desde o rompimento. No **Dia das Mães** um telefonema. Esquen-tou um pouco a frieza. Preciso vê-la. Entregar o conjunto de lençozinhos e camisas de recém-nascido. Trouxe de Natal. O macacão de lã tricolor comprado em Campos do Jordão. Azul, rosa e amarelo. Menino? Menina?

Quatro e meia: Não chegou. Ligações de ida e volta. E Adélia? Não.

Cinco e vinte!: Ela com certeza estava lá! Talvez não quisesse me ver! E se não me esperar? Atrasada! Quase pronta. O telefone toca. Atendo rápido.

- Adélia chegou. Não pode esperar. Vai ficar só dez minutos. Venha logo.

Ao telefone:

- Adélia?!

- Posso ficar no máximo até dez para as seis. Reunião na Clínica.

Cinco e meia: Aflita, mando chamar o guarda. Portão aberto. Entro correndo no carro. O trânsito ruim. Olhos no sinal e no relógio.

Cinco e quarenta e cinco: E eu presa naquele embaralhado. Finalmente! Estaciono com o pisca - alerta e chamo pelo interfone. Adélia não vai descer agora, está tomando chá. Melhor subir. - Que demora!!

Dez para as seis: Eu no elevador. Entro. Minha filha sentada. Aliso na barriga o neto (a). Alô nenê! Emoção na pele. Faltam só dois meses! Presentinhos entregues e apreciados. Chá servido. Entre palavras rápidas apresso-me a engolir. Adélia se despede com beijos leves e mornos.

Seis horas: Aviso:

- Preciso sair mãe, as seis e vinte em ponto.

Não deu. Uso o toalete, ajeito os cabelos no espelho, despeço-me em carreira.

Seis e meia: Pego o carro e precipito-me na Avenida 23 de Maio. Medindo o tempo em relances rumo à Oficina da Palavra. Mini--engarrafamentos.

Sensível pelo recente encontro, solto o pensamento. **Filha, mãe, avó.** Ausência revolucionada. Saudade em suspense.- Gritos... Na garganta. Abafados em buzinas exigindo passagem. Sinal verde.

Sete horas e cinco minutos: Que sorte! Estaciono em frente à Casa Mário de Andrade. Escadas acima. Tempo para respirar e até para um namoro com a lua cheia no terraço. Estrelas. No ar quentura. Na sala no temido relógiozinho, implacável:

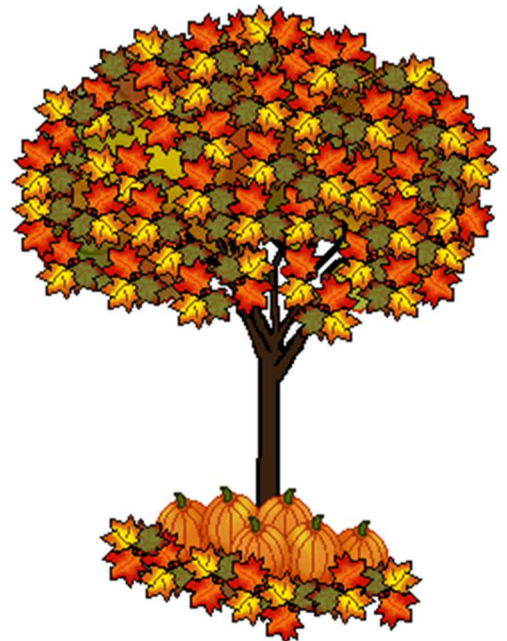
Sete horas e trinta minutos!: Início da oficina.

Uma incrível noite de outono!

OUTONO

Por Aglaé Torres

Nas mãos do outono
o vento esbraveja
derrubando folhas secas
assobiando
sob pés descrentes
envolvendo
desejos de primavera
pisados num arrepio.



A PRESENÇA DO LIVRO NAS OFICINAS DO PROJETO BATUQUE NA CAIXA

Por Aldo Moraes

A presença do livro nas oficinas do batuque na caixa é algo que se tornou parte do cotidiano de oficineiros e alunos.

Desde 1999, os alunos sempre são estimulados a ler, a criar seus textos e letras musicais e, sobretudo a ter uma relação de proximidade com o livro.

Isso se deu muitas vezes através de oficinas literárias e de forma espontânea com o livro presente nas salas de aula e na mão de oficineiros, convidados e de coordenadores do projeto.

O batuque na caixa foi criado em 1999 como proposta pedagógico-cultural de formação a crianças e jovens no interior do Paraná através da música, teatro e literatura.

O Batuque na caixa já atendeu 5.632 alunos, todas as atividades são gratuitas e incluem conceitos de cidadania e o incentivo a leitura e seus integrantes já tiveram a oportunidade de tocar ao lado de Alcione, do Grupo Infantil Palavra Cantada, Olodum, Naná Vasconcelos e Hermeto Paschoal.

Em 2002, gravou o CD Arte Brasilis e em 2005, o núcleo de teatro Batuque na caixa se apresentou no Festival Internacional de Teatro de Portugal com uma peça inédita do grupo. Em 2013, entregou mais de 1200 livros infantis para seus alunos e instituições parceiras.

Em 2011 e 2013, o Batuque na caixa recebeu selo de semifinalista por sua classificação nacional no Prêmio Itaú Unicef, por conta de seu atendimento a crianças e adolescentes em escolas públicas de Londrina e Norte do Paraná.

Também fez parceria com o projeto “Por um mundo melhor”, do Rock in Rio, em 2011 e foi certificado pelo VII Prêmio Ozires Silva, promovido pelo ISAE/FGV, na categoria projeto de empreendedorismo social e sustentável.

Em 2014, o batuque na caixa recebeu Menção Honrosa no II Prêmio Londrina Cidadania; placa do Prêmio Nacional de Educação Fiscal e

Prêmio Leitura para todos, concedido pelo Ministério da Cultura. Em 2015, será lançado o livro **batuque na caixa 15 anos!**

Num ano em que o batuque na caixa lança seu livro e em que conquistou o prêmio Leitura para todos (Minc), o livro traz mais que nunca o simbolismo da aventura, da descoberta e da imaginação.

O projeto é coordenado pelo músico e escritor Aldo Moraes, com vários títulos publicados pelo Clube de Autores.

Contatos e mais informações:

infoartebrasil@yahoo.com.br e

projetobatuque@bol.com.br

Conheça mais:

www.palcomp3.com/batuquenacaixa

www.batuquenacaixa.blogspot.com

www.batuquecaixa.nafoto.net



Dança das cores

Por Ana Denise Sousa

Na roda da dança meus olhos que
Não veem, voam na inclusão de um calidoscópio.
Na poética do encontro
Mãos se cruzam em amor.
Mil cores se formam no meu corpo esquecido de
mim mesmo.
Toco o outro, ele não vê.
Lembro que outros sentidos pulsam em mim.
Na ponta dos dedos, lembro - me vivo,
Lembro-me cor.



Arte by Georgia Blanaru

MULHER

Por Antonio Cabral Filho

Inúteis mitologias
e todos os preconceitos
que tolhem sua deidade,

toda insanidade rui
à sua tenacidade

e sob o fulgor da sua luz
ei-la sobre o pódio das vitórias,

deusa de toda a paz,
rainha do nosso amor,

incomensurável sempre,
farta no seu calor,

dona do nosso ser,
mulher, naqueles dias, cuidado...

Mulher

Por Antonio Marcos Bandeira

Março? Somente?
Março? Permanente.
Mulhermarço?
Mulher, eternamente.

Mulher? Março?
Plenamente
Mulhermarço
Lindamente.

Mulher? Todo dia!
Março? Alegria!
Mulher? Canção!
Mulher? Poesia.

Março? Um mês?
Mulher? Maciez!
Mulher? Sensualidade!
Março? Sensatez.

Mulher? Assim...
Março? Sem fim.
Mulher? É vida.
Março? Festim.

Mulher? Maravilha!!!
Março? Insuficiente.
Mulher? É corpo.
Mulher? Presente!

Minha esposa?
Inspiração!!!
Março á ela!
Mulheres, de coração!

**III PRÊMIO VARAL DO BRASIL
DE LITERATURA**

2015

Contos

Crônicas

Poemas e

Textos Infantis

**Regulamento e ficha de inscrição:
varaldobrasil@gmail.com**



Ana Casanova Pinto



29º SALÃO DO LIVRO E DA IMPRENSA DE
GENÈBRA 2015



Salon
du livre
et de la
presse Genève

Blenda Bortolini



290 SALAO DO LIVRO E DA IMPRENSA DE
GENÈBRA 2015



Varal do Brasil®

Literário, sem frescuras

Salon
du livre
et de la
presse Genève



Salon du livre et de la presse Genève

CINTIA MOSCOVICH

MARCELINO FREIRE

RONALDO CORREIA DE BRITO



VENHA PASSAR
MOMENTOS INESQUECÍVEIS
COM OS AUTORES
BRASILEIROS E
PORTUGUESES QUE ESTARÃO
EM GENEBRA!



DE 29 DE ABRIL A 3 DE MAIO
ESTANDE VARAL DO BRASIL



Varal do Brasil[®]
Literário, sem frescuras

MULHER

Por Carlos Alberto Carneiro Souza

É ESPECIAL COMPLEMENTO
QUE INSTITUIU A TRINDADE
ESSENCIAL SUPLEMENTO
DE NOSSA NECESSIDADE
EM MINHA CASA, MONUMENTO
SÍMBOLO DE FELICIDADE

MULHER
SEIS LETRAS
COMPÕEM SEU NOME
UMA SINA, O DOMÍNIO
APLACANDO CADA FOME
FASCÍNIO ,AFABILIDADE
BELEZA QUE NÃO SE CONSOME
É PLENA DE MAJESTADE
NA MÃE, ESPOSA, AMANTE
ARROUBO DE QUALIDADE

MULHER
SEMPRE IMPERIOSA
NESSA SENDA, NA ETERNIDADE
NA DOR
É VITORIOSA
POSSUI SOBRIEDADE
ÚNICA CAPAZ DE GERAR
É DEUS , NA MATERNIDADE
NO CUIDADO EM BEM ALIMENTAR
RESIDE SUA SACIEDADE
NO CULTO A BELEZA, SUA IMPERFEIÇÃO
RESULTANDO ANSIEDADE

MULHER
TORNA-SE MAIS DELICIOSA
COM O PASSAR DA IDADE

COM SEU AFETO, MAIS GOSTOSA
IMPONDO FEMINILIDADE
AH ESTA FLOR CHEIROSA!
EXACERBA NOSSA VIRILIDADE

MULHER
É YIN, É EQUILÍBRIO
É NOITE
É SOL NO LUAR
É ESTRELA BRILHANTE EM MEU CÉU
QUE CAI AQUECENDO O MEU MAR
FAZ CAIR DE MEUS OLHOS O VÉU
QUANDO AO SE DESNUDAR
SEDUZ MINHA VIDA
CURA A FERIDA
APLACANDO ESSA DOR

MULHER
ESSÊNCIA DIVINA TÃO QUERIDA
PELA FORÇA DE SEU AMOR.



A vida íntima

Por Carmen Lúcia Hussein

A segunda vida

Vida secreta

Vida íntima

A vida secreta é inesgotável

Por outro lado a vida social

E a burguesia é superficial

É visível demais

Vê-se o final de modo claro

Todos os atos levam até lá

Parece loucura!

O tempo devora a vida superficial

A vida secreta e íntima é inesgotável

Sentimento inefável ao seu lado

O que tenho agora ao seu lado

Bem-aventurança!



Homem do terno

Por César Soares Farias

Homem do terno, me diz agora,
como é que eu devo me comportar,
nesse momento, nesse lugar,
e em cada hora e parte que eu vou
Tu não sabes como é que eu sou,
mas nessa roupa queres me fechar,
pois só assim podes me aceitar
Tu vês cara e não coração
Jogas tudo em minha cara,
E achas que eu não estou de cara

Hoje é dia de riso ou choro?
Vejas tu no calendário,
Enquanto vejo no dicionário,
uma palavra para ti
A palavra escolhida não deve apenas
ser lida,
mas entoada num refrão
A hora enfim já chegou
Afiem o machado, vocês da minha ge-
ração
Há uma nova canção,
Já ecoando pelo ar
Preparem logo o caminho,
e nele vamos andar

Nada de novo embaixo deste sol
Nem mesmo o homem do terno,
que cobre a roupa no inverno

e espera outra estação
Quando o frio vai embora,
ele, elegante, retorna
ditando as regras da moda

Homem do terno, decida,
quem fica com essa vaga
Me mande logo pra casa,
se não sirvo pra você
Na próxima entrevista,
vou copiar de uma revista,
tudo que devo dizer
Nada restou a fazer
Até aqui você venceu
Mas o futuro é problema meu,
é problema seu, é problema nosso
Eu sei que agora eu posso,
Entoar meu canto de guerra.



Velho João, o filho da bruxa!

Por Claudete Terezinha da Mata

Há muitos anos atrás, lá pras bandas do Ser-tão do Ribeirão da Ilha de Santa Catarina, antiga Nossa Senhora do Desterro, um pescador de dentro de sua canoa, em alto mar, ouviu um choro de criança recém-nascida que vinha de trás de um milharal, em terra firme. O lugar que ficava atrás de uma casa, dava de frente para o mar. Lá em alto mar, o pescador que era o mais velho entre outros que o acompanhavam, chamou a atenção dos amigos.

- Vancês tão ouvindo o queu tô?

Um pescador retrucou enquanto outros riam:

- Tô não cumpadi... O cumpadi que me dixcurpe, maix deve sê cousa da tua baça, visse?

O pescador que tinha o costume de perder as estribeiras ao ser provocado, levantou de onde estava e falou:

- Poix intão acabou a pexcaria, vamo todo mundo de vorta pra bera da praia e vamo vê se isso é cousa da minha cabeça, visse cumpadi!!!

Como era muito conhecido pelos seus rom-pantes que eram de deixar qualquer um sem saída, ninguém quis contrariá-lo e voltaram para ver que choro era aquele que só um dos compadres estava a ouvir.

Ao aproximarem-se do local, seguindo o choro de criança, que ficava cava vez mais próximo, para surpresa de todos, o pescador mais velho e muito irritado, o Zé Tião, encontrou uma criança recém-nascida sobre as palhas de uma plantação de milho que havia de frente ao mar.

A criança estava enrolada numa coberta de pluma de pato. Era um menino de seus olhos grandes e cheios de lágrimas que banhavam o seu rostinho miúdo. Ele olhou os pes-

cadores um por um e mostrou um discreto sorriso, feito um ser encantado.

Para a admiração de todos, os pescadores mais novo do bando pegou o menino e o abraçou fortemente como se já o conhecesse há muito tempo. Foi então que o bando de pescadores fez um grande saragaço.

E, com todos falando ao mesmo tempo, ninguém percebeu que o menino calou e dormiu tranquilo no colo quentinho do Zezé.

Depois do saragaço veio a calmaria que organizou as ideias dos pescadores, que mais calmos, foram à procura de uma solução. Alguém precisava ver se era menino ou menina. Foi então que o seu Vivinho, o mais velho de todos, teve a ideia de levar a criança para alguma mulher da redondeza.

Além de precisar saber se a criança era menino ou menina, eles também pensaram ao mesmo tempo que o recém-nascido deveria ser benzido. Logo veio à cabeça do Zezé, a Dona Sissa, que uma benzedeira de mão cheia.

- Gente, acho que além de ver se essa criança é isso ou aquilo, se ela tivé embruxada vai tê que sê benzida. Intão vamos logo pra casa da sinhá Sissa, vamo?

Dona Sissa pegou a criança e viu que era um menino e o olhou da cabeça aos pés, sem nada encontrar. Depois fez sobre ele uma *reza de proteção*, que era assim:

"São Pedro, salva-me bem que me vou.

Jesus Cristo foi Batizado.

Na arca de Noé me meto.

Com as chaves de São Pedro me fecho,

Para que nenhum mal te aconteça.

E tudo quanto perder, apareça.

(Segue)



A Jesus me entrego,

E a Jesus um credo rezo.

Amém!”

Depois desse benzimento, Dona Sissa colocou um amuleto de proteção no pescoço do menino, para que ele ficasse protegido de todos os males do corpo e da alma. Mas alguém precisava adotar o menino... E quem faria isso? O Zezé que, ao recusar a ideia, ouviu da Dona Sissa:

- Mô fio, agora toma qui ele é teu...

O menino, que parecia entender o que a benzedeira falou, se agarrou no braço esquerdo do Zezé parecendo querer ficar com ele. Por sua vez, ao olhar nos olhos do menino, Zezé soltou uma frase que surpreendeu os amigos.

- Ele vai se chama João!

Assim, o tempo passou e Velho João, aquele que nasceu menino lá pras bandas da praia do Ribeirão, acordou de madrugada com um barulhão daqueles, vindo de sua cozinha. E, pé por pé, Velho João saiu de seu quarto, desceu a escada, e assustado com o que seus olhos viram, se agachou e congelou bem no meio da escada.

Agachado e agarrado ao corrimão da escada, Velho João viu um bando de bruxas no maior saragaço. Elas tagarelavam suas tramas bruxólicas, que de tão alto, dava de se ouvir lá do outro lado dos confins do mundo. Nesse momento, a bruxa mais velha do bando falou alto. E para chamar a atenção da bruxarada, gritou:

- Meninas... Tô sentindo cheiro de homem!

Vassoura, vassoura matreira... saia já daí e veja quem é!

Nesse instante, a vassoura que estava encostada atrás do fogão à lenha, espionando tudo, saiu correndo e se meteu entre as pernas do Velho João. Ela subiu bem alto... e dando uma rodopiada pela cozinha, saiu janela a fora.

E lá se foi a vassoura levando o Velho João, aquele que um dia apareceu menino lá pras bandas do Ribeirão. A vassoura voou por todo o Ribeirão da Ilha de Santa Catarina, com o Velho todo desengonçado. Os dois foram até o Centro da antiga Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis, e lá das alturas sobre a velha figueira da Praça XV, Velho João viu um bando de crianças em círculo, onde alguns palhaços se apresentavam com suas palhaçadas a fazer as suas estripulias, cantando e dançando.

Lá das alturas, Velho João, ainda tonto, caiu bem no meio dos palhaços com suas travessuras. Foi então, que a plateia riu mais ainda ao pensar que aquilo fizesse parte da palhaçada.

Velho João, que de bobo não tinha nada, saiu dançando feito criança, entre o riso da gurizada. Envolvido nesse mágico momento, ele até esqueceu das dores no joelho e nas suas costas arcadas.

Depois de muito pular, cantar e dançar, Velho João sentiu uma saudade louca de seu travesseiro, o seu maior companheiro. Enquanto isso, lá do outro lado da velha figueira, escondida atrás do tronco de uma seringueira, a vassoura matreira, ao ver a alegria estampada no semblante da gurizada, beliscou um fiapo de palha e matutou:



(Segue)

- Ah... Velho João, Velho João, chega de brincadeira. Nunca vi dentro de uma só pessoa tanta felicidade! Meu menino, é hora de parar com essa brincadeira. É por isso que...

E Mal a vassoura acabou de matutar, saiu em disparada e se meteu entre as pernas do Velho João, voando de volta lá para a praia do Ribeirão.

De repente, Velho João se viu embaixo do colchão, com seu pijama listrado e todo amarrotado. Assustado e agarrado ao velho travesseiro, o seu maior companheiro, sussurrou para consigo:

- Velho João, velho João o que que é isso homem? Já sei, continuou ele - devo tá sonhando demais. E coçando a velha careca, Velho João sentiu um arrepio. Nesse momento arrepiante, ele segurou o amuleto e o apertou bem forte ao peito.

- Jesus, Maria, José... Protejam-me!

Foi então que nesse exato instante, a janela do quarto se abriu deixando entrar pelo quarto adentro uma ventania com cheiro de maresia. Além do vento algo puxou a barra do pijama de Velho João, que imediatamente, num só pulo, enfiou-se embaixo do colchão e lá de fora, dizem que ele pode ouvir em tom alto, alguém lhe falando:

Velho João, Velho João... Agora ouve tua mãe, aquela te deixou nascer lá no meio do milharal da praia do Ribeirão, e durma em paz mô fio, qui eu também te protejo!!! Ahahahaha...





MILTON CUNHA
CARNAVALESCO
CARIOCA

Livro com mais de
500 imagens sobre
o carnaval do
Rio de Janeiro!



Varal do Brasil
Literário, sem frescuras

Salon
du livre
et de la presse
Genève

Stand A150

Cauê Borges



29º SALÃO DO LIVRO E DA IMPRENSA DE
GENÈBRA 2015



Varal do Brasil®
Literário, sem frescuras

Salon
du livre
et de la
presse **Genève**



CULTÍSSIMO

POR ANA ROSENROT

Descobertas sempre mudam nossas vidas, enriquecem nossa cultura e ajudam a formar o caráter principalmente dos jovens; mas quando são mal direcionadas ou se tornam obsessão, algo simples e necessário como o conhecimento aprofundado da história mundial, pode levar um jovem a buscar a violência sem razão, por ignorância ou tédio, escolhendo “ídolos” nos assassinos que de alguma forma se tornaram consagrados pela história como “poderosos” e saíram impunes (ou quase) dos crimes que cometeram contra a humanidade, fortalecendo a insegurança e a baixa auto-estima e criando o gosto pela transgressão, a impunidade e o crime.

O filme que trago para vocês trata exatamente deste tema é “O Aprendiz (Apt Pupil)”, feito em 1998 e adaptado do conto “O Verão da Corrupção – Aluno Inteligente” escrito por Stephen King, integrante do livro “Quatro Estações” (Different Seasons, 1982) e conta a história de Todd Brown um garoto estudioso e inteligente que se torna obcecado com as aulas de história sobre a Segunda Guerra Mundial, principalmente sobre os horrores do holocausto e em suas pesquisas descobre provas de que seu velho e pacato vizinho Artur Denker é na verdade o ex-comandante nazista assassino de judeus e procurado pela justiça Kurt Dussander, vivendo com identidade falsa; mas ao invés de entregá-lo às autoridades ele resolve chantageá-lo com um pedido incomum: Todd quer que ele lhe conte em detalhes suas experiências como assassino nos campos de concentração.

Dussander aceita o acordo e começa a alimentar o apetite doentio de Todd, que passa a ter alucinações, ausências, estranhos pesadelos e desejos psicóticos; suas notas caem, ele se torna arredio e a relação vai se invertendo, pois o experiente nazista vai assu-

mindando o controle da situação, transformando pouco a pouco seu pupilo em presa e a chama da maldade novamente toma conta do ex-comandante, com consequências que podem ser terríveis.

Conduzido pelo diretor Bryan Singer de forma lenta e gradativa (com destaque para a forma realista em que o horror dos campos de concentração é introduzido na história), o enredo é opressivo e claustrofóbico, com fotografia escura e rico em detalhes, que prende e faz refletir sobre a origem do mal no comportamento humano e as transformações envolvidas. As atuações espetaculares de Ian McKellen (Denker/Dussander) grande ator inglês ativista das causas sociais e Brad Renfro (Todd Brown) um garoto problema na vida real que morreu aos 25 anos por overdose, fazem de “O Aprendiz” um filme intrigante e inesquecível que deve ser visto por todos e um verdadeiro alerta para pais e educadores.

Deixo com vocês mais esta dica, espero que gostem, obrigada e até a próxima!!!



Aprendiz (Apt Pupil 1988, França, Canadá, Estados Unidos), é um misto de suspense e drama dirigido por Bryan Singer e conta a história de um garoto (Brad Renfro) que reage de forma inesperada ao descobrir que um de seus vizinhos é um criminoso nazista procurado, vivendo em sua cidade com identidade falsa. Para não entregá-lo às autoridades, ele exige que o fugitivo (Ian McKellen) lhe relate suas memórias. A partir de então um tenso jogo psicológico surge entre os dois, ameaçando a sanidade do jovem.

Para contato e/ou sugestões: anarosenrot@yahoo.com.br

Curtam no facebook a página Cultíssimo – Ana Rosenrot



Conceição Barros



290 SALAO DO LIVRO E DA IMPRENSA DE
GENÈBRA 2015



Salon
du livre
et de la
presse Genève



RONALDO CORREIA DE BRITO



Salon
et de la ^{du livre} **Genève**
presse

**DE 29 DE ABRIL A
3 DE MAIO DE
2015!**

GENEBRA

VENHA TAMBÉM!

varaldobrasil@gmail.com

www.varaldobrasil.com

Sementes

Por Cláudia Banegas

Coração em contentamento,
amanhece em gotas de orvalho.
Brisa suave em meu rosto,
toca-me calma a alma.

Meu tempo é agora,
despoja-se das vestes tristes.
Meus momentos são inícios,
são meios e também são fins.

Meu coração tem pressa
em começar a aprender a amar.
Sou pluma leve em nuvens de algodão.

Borboleta na vidraça, dúvidas se vão.
Planto semente de mudança,
colho frutos de transformação.



Dó maior

Por Cléber Rego

Quando ele
(o sol)
voar alto por trás

da montanha
de tijolos nus,

um tapete de luz
deitará sobre tua cadeira
vazia.

Na varanda
(nosso palco)
estarão meus
dedos teus,
em triste acordes,
à espera da alegria
do tom do teu pandeiro
que não virá.

Na pequenez
de corpo
e grandeza
de canto,
tal qual teu
curió sozinho,
seguirei compondo
sambas-canção.
Todos terão por nome
“SAUDADE”

e cada solo
só
(em Dó)
do meu cavaquinho,
meu pai,

chorará o beijo
que eu não
te dei.



A ESCOLHA É SUA ...

Por Cristina Cacossi

Trova, charge, reportagem:
quanta linguagem !
Resenha, carta, entrevista:
gêneros a perder de vista !

Crônica ou conto ?
Eu nem lhe conto.
Propaganda X Notícia
realidade fictícia.

Artigo, biografia,
romance ou poesia ?
Ah ! História em quadrinho
é mais animadinho.

Um muito preciso ?
bilhete, que é bem conciso.
Chega através do e-mail
qualquer recado alheio.

Fábula, acróstico... começar!
O pensamento libertar,
dar asas à imaginação
e fazer revolução !

Há ideias a tecer,
o gênero é só escolher.
Ser afoito sem demora,
trazer tudo o que aflora.

Escolher um gênero textual
usar um tema atual;
Um caminho iniciar
a sagacidade desafiar!!



¿QUE ES UN PASEO POR LOS LIBROS?

Por Daniel de Cullá

¿Qué es un paseo por los libros, me preguntas? Y te respondo con las canciones 13 y 14 de S. Juan de la Cruz, el más grande poeta del misticismo erótico: “las montañas, los valles solitarios nemorosos, las ínsulas extrañas, los ríos sonoros, el silbo de los aires amorosos, la noche sosegada en par de los levantes de la aurora, la música callada, la soledad sonora, la cena que recrea y enamora”, en los manjares exquisitos del Verbo en ese vuelo que hacen nuestros dedos al pasar las páginas de los libros que leemos y amamos, echando de ver en ellos las muchas mansiones que la palabra contiene, significada en vocablos comunes o en la trayectoria popular del refrán hecho cuento y anécdota.

Un paseo por los libros es comunicarse con el Autor y acariciar con ternura y verdadero amor el desarrollo del poema o del cuento, y ver cómo el gusanillo de apetitos y gustillos por los libros nos hace quererles y sacarles de la imperfección de las estanterías donde duermen hasta que llega su despertador con el apetito de un lector que le posea estimando sus puntillos y puntos suspensivos que huelen y saben a mundo, a vida, disipando Febo la densa niebla que cubre el rastro o reliquia de ellos y que, al cerrar el libro con el “fin” en hermosa suma de páginas, sentirse uno agradecido a este Autor o Autora ya victoriosos.

Un paseo por los libros es ir de la mano del Autor o Autora cumpliendo las cuatro pasiones de esperanzas, gozos, dolores y temores en amor y libres, de manera que uno pueda decir: “el libro encontré que antes seguía”, como me ha pasado con “Los Despertares” de Marina Casado quien, con ternura y verdad de amor, regala y engrandece la obra maravillosa de Lewis Carroll, “Alicia en el País de las Maravillas”, hallándose ahí el cantante Jim Morrison, del grupo musical los “Doors”

en Asno convertido y, cual sacerdote, cometiendo acciones bien buenas y obscenas con su Amada, que es su diosa. ¡Qué bribones!

Un paseo por los libros es despertar el amor a esa corte celestial de dioses, diosas, semidioses, poetas y noveladores que supieron darle forma al Verbo y su cópula, a la sombra de sus laureles alucinando a las gentes, como en tiempos de antaño nos alucinaron andando por casas y mesones, llevando el “Arte Amatoria” de Ovidio, las obras de Juan Ruiz “el Arcipreste de Hita”, y los Mejores Versos de los poetas preferidos: la “Sensación de Olor” (Fragancia de lilas... claros atardeceres de mi lejana infancia”, en las obras completas de Pablo Neruda; el “Romance de la Luna Luna”, de Federico García Lorca (“La luna vino a la fragua con su polisón de nardos”); el “Dicen”... de Antonio Machado (“Dicen que el hombre no es hombre mientras que no oye su nombre de labios de una mujer.”); la “Pastoral” de Juan Ramón Jiménez (“Tristeza dulce del campo, la tarde viene cayendo.”), entrándonos por los ojos.



Escolhas

Por Danielli Rodrigues

Ser Maria, Madalena ou Eva?
Como era mais fácil
Como era mais simples
Como era mais prático
Ficou no passado.

Ser Amélia é difícil
Agora é impossível
Agora é inacreditável
Agora é inaceitável
neste tempo moderno.

Ser Macabéa é humilhante
uma possibilidade repugnante
uma possibilidade horrorizante
um verdadeiro limbo no inferno.

Do passado, do presente, do futuro,
escolhas e mais escolhas...
As mulheres surgem
e ressurgem
O tempo não muda
O homem não muda
A mulher não muda
Só mudam os nomes
e as escolhas...



Certo ou errado

Por D. Mallmith

Nada precisa ser certo ou errado.
As coisas são como são e ponto.
E depois vem o conto
O envolver inebriante, o sono,
a cama macia e, finalmente, o sonho.
E tudo começa a ter sentido
e se fazer muito sentido... sentido!
E daí, tudo está certo
mas, ao mesmo tempo, muito errado.
Pois o errado é o certo,
Só que visto do outro lado
no sentido inverso, oposto.
Ou seja, pelo viés do não sentido,
Ou do que não sente, o insensível,
Tudo aquilo que é sem sentido!



Dulce Rodrigues



290 SALAO DO LIVRO E DA IMPRENSA DE
GENEVA 2015



Varal do Brasil®

Literário, sem frescuras

Salon
du livre
et de la
presse Genève

Edna Barbosa de Souza



29º SALÃO DO LIVRO E DA IMPRENSA DE
GENÈBRA 2015



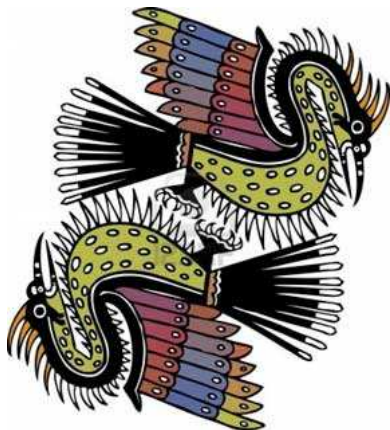
Salon
du livre
et de la
presse Genève

NO UNIVERSO DE GUACIRA MACIEL



Imperfeição

Despejas em tempestade
o amor que te sufoca o peito
como as ondas que desistem de lutar
quando penetram as areias
então te vestes de festa
e teu corpo se colore para a entrega
quero que as tuas mãos de asas
acordem a aurora do meu corpo
que arde em horizontes de brasa
não quero medos
não quero finitudes
deixemos que a placidez do eterno
se aqueça ao calor do nosso sangue
quero os teus dedos explorando
com voraz delicadeza a relva úmida
da minha plenitude que é só tua
quando alado e tímido me habitas
teu olhar de abissal azul
cobre minha nudez em chama
sou a tua fêmea a tua carta náutica
terno timoneiro
es a música da minha alma antiga
sou o doce favo que sugas
e te adormece em paz
sou a brisa suave
que retesa os nervos das tuas asas de cristal
a pele que te agasalha o sono pueril
e o fruto agridoce que mata a tua fome
sou planície enluarada
quero de novo o ouro dos teus braços como travesseiro
somos estrada conhecida
reencontro segredado no soluço
daquela despedida
descansa pois na madrugada em fevereiro
sonha e visita o eterno
que te velo o sono os sonhos o sagrado
em minha imperfeição...



LITERATURA & ARTE

LUIZ CARLOS AMORIM

UM MEMORIAL PARA CRUZ E SOUSA...

No final do ano passado, estive no Palácio Cruz e Sousa para verificar in loco o estado do “Memorial Cruz e Sousa”. É que mais um aniversário do poeta tinha passado e a promessa de reforma do Memorial, recorrente, mais uma vez não fora cumprido. Está lá, abandonado, apodrecendo no tempo, fechado, sem nenhuma utilidade. E sem o início da tão prometida reforma. Voltei lá recentemente e, apesar de parecer ter alguma atividade que indica reforma no Palácio – tapumes, andaimes, etc. – o problema maior, detectado pela imprensa, inclusive, é a falta de energia elétrica naquele local, por incrível que pareça. Em reportagem, os “administradores” do lugar deram como desculpa o fato de que a fiação é antiga e está em colapso. E sugeriram que as visitas devem ser feitas em dias de sol, para que o interior possa ser visto. Brincadeira? Antes fosse. E o aniversário do poeta passou em branco, de novo, sem o Memorial e sem um tributo merecido.

Aliás, nenhuma homenagem que fosse feita poderia ter lugar no Memorial que leva o nome do poeta, inaugurado em 2010, com atraso, ao lado do Palácio Cruz e Sousa, onde estão depositados os restos mortais dele. O local, que foi feito para abrigar eventos culturais, além de não ser apropriado para receber público, porque é muito pequeno, está deteriorado, pois ficou fechado desde a sua criação. Foi interditado pelo Deinfra, inclusive, por problemas estruturais.

No início deste ano, o Secretário de Turismo,

Esporte e Cultura do Estado prometeu, como tem sido prometido todo ano, que a reforma do Memorial Cruz e Sousa seria entregue a tempo de comemorar mais um aniversário do poeta. E outra vez a promessa não foi cumprida, pois o Palácio Cruz e Sousa está em obras, mas o Memorial está como sempre esteve, abandonado e fechado. Aliás, recentemente a imprensa noticiou que os visitantes da parte que está aberta ao público, no Palácio, devem ir lá em dias de sol, pois não há iluminação elétrica no prédio. Não parece brincadeira?

O descaso para com os restos mortais do Cisne Negro é gritante. O Estado de Santa Catarina fez questão de reivindicar os despojos do poeta que é o maior patrimônio cultural dos catarinenses, para colocá-lo em um Memorial, que seria construído anexo ao Palácio Cruz e Sousa. A urna com os restos mortais do poeta chegou, mas o tal Memorial demorou mais de dois anos para ser inaugurado. O Estado prometeu um Memorial amplo, com espaço para eventos culturais, mas o seu espaço era tão exíguo que não era possível realizar, absolutamente, nenhuma reunião ali.

(Segue)



Pior: descobriram, depois de todo o tempo que demorou para construir o Memorial, que ele estava em cima da casa de força do Palácio Cruz e Sousa, onde não deveria ter sido construído nenhuma benfeitoria. E o Memorial ficou abandonado, deteriorando no tempo, interditado. Agora esperamos pela ação dos setores competentes (competentes?) do Estado, no sentido de reconstruir o jazigo do grande poeta, de uma vez por todas, com as especificações iniciais, com espaço para eventos, biblioteca, etc., para que possamos, enfim, honrá-lo como ele merece e ele possa, finalmente, descansar em paz.

As promessas se sucedem, mas mais um aniversário do poeta passa sem que o Memorial tenha sido reformado. Que Estado é esse, que não respeita a sua cultura, não honra seus grandes nomes, como o nosso poeta maior Cruz e Sousa, que representa Santa Catarina e o país pela sua arte?

Nosso respeito e nossa admiração por você, grande poeta. Feliz aniversário. De presente, meu poema em sua homenagem: SAUDADE: A poesia Catarina / tem um nome: / Cruz e Sousa. / A nossa poesia tem cor: / tem a cor da sua pele, / a cor alva dos seus dentes, / tem a cor do seu olhar, / tem a cor da sua alma, / a cor do seu coração; / tem todas as cores. / A poesia tem idade, / a idade da saudade: / mais de século e meio / de saudade do poeta.



O Meu Primeiro Amor

Por Silvio Parise

Todos nós devemos amar
O nosso Criador espiritual
Porque, se pensarmos bem,
Foi Ele quem nos amou primeiro.
Daí, poder dizer sem medo
Que Jesus é e eternamente será
O meu primeiro Amor,
E sabem o por que?
Porque o seu Amor é verdadeiro.





CINTIA MOSCOVICH



Varal do Brasil®
Literário, sem frescuras

Salon
du livre
et de la presse **Genève**

**DE 29 DE ABRIL A
3 DE MAIO DE
2015!**

GENEbra

VENHA TAMBÉM!

varaldobrasil@gmail.com

www.varaldobrasil.com

III
PRÊMIO
VARAL DO BRASIL
DE
LITERATURA 2015

Não jogue suas ideias fora!

Contos

Crônicas

Poemas

Textos infantis

O Varal do Brasil

premiará

os melhores!

Inscreva-se!!

varaldobrasil@gmail.com

www.varaldobrasil.com



Talvez

Por Denise Braga

Talvez

se tudo fosse flores,

não conseguiríamos com as dificuldades crescer.

Talvez

se todos fossem amigos,

não conseguiríamos distinguir o bem e o mal.

Talvez

se tudo chegasse bem perto da perfeição,

não aprenderíamos a fazer críticas construtivas.

Talvez

se tudo fosse a nossa maneira,

não aprenderíamos ouvir o não!

Talvez

se a vida fosse do jeito que sonhávamos,

não existiria os belos sonhos a serem conquistados.

Talvez

se os sonhos, a vida, as vontades fossem designados por nós,

a evolução do espírito não seria possível!



Espaços brasilienses

Por Dinorá Couto Cançado

Não tendo como definir local predileto
veio à mente o Centro de Convenções
ao deparar com público de interesse seletivo
o peito quase explode, com tantas emoções
ao vivenciar eventos que envolvem leituras...
muitos intercâmbios, nada se compara
gente pra valer, muitas misturas...
apreciamos, participamos, nada para...
Centros culturais, Espaço Brasil, cativantes
locais incríveis, intercâmbio motivacional
que geram encontros emocionantes
Parque, Câmara Legislativa e Biblioteca Nacional
Sedes do Fórum Brasília, capital das leituras
com 50 projetos mapeados para uma coletânea
e mais 5 novos a completarem 55, belezuras
celebrando mais uma edição, uma miscelânea
com o aniversário da querida Brasília, a capital.
O interesse por esses locais, há 20 anos, explodiu
hoje, centrado em nobre Espaço Cultural
em forma de voluntariado onde Gente se uniu...
indo pelo mundo afora com novidades
que acontecem em nossa Brasília e arredores
com seus pontos culturais em todas as cidades
poderia listar outros, quem sabe, melhores...
ora simples, ora confortáveis, quanta parceria
o diferencial é o entrosamento com Gente
em cada canto da nossa amada Brasília
a cultura pulsa, vemos povo consciente!

COMA NOZES DE CAJU, FONTE DE VITAMINAS NATURAIS

Por Dulce Rodrigues

Adoro toda a espécie de nozes e as de caju, além de terem um bom sabor, são fonte de gorduras monoinsaturadas e de minerais essenciais como ferro, cobre, zinco, magnésio e fósforo.

Mas as nozes de caju trazem ainda mais benefícios ao corpo humano, pois protegem o coração contra o risco de doenças cardiovasculares e coronárias. Por isso, não deixe que as vozes sejam mais do que as nozes e delicie-se a comer nozes de caju (ou qualquer outro género de nozes) pelo menos 4 vezes por semana e com moderação. Depois de ter estado na Índia em Fevereiro, passei a gostar ainda mais destes frutos secos.

Embora a Índia seja actualmente o maior produtor mundial de nozes de caju, esta planta é originária do Brasil. E aqui vai a história de como esta planta chegou à Índia. Os Portugueses descobriram-na no Brasil em 1578 e levaram-na para a Índia e também para a parte oriental da África. A intenção inicial ao plantarem as nogueiras de caju não era a produção de nozes para alimentação – que só aconteceu mais tarde – mas sim impedir a erosão da costa. As árvores adaptaram-se tão bem à Índia, especialmente na região de Kerala, que acabaram por se “naturalizar”. Numa das paredes exteriores da igreja ortodoxa de Kottayam, no Kerala, pode ver-se um alto relevo representando um pássaro exótico (provavelmente também trazido do Brasil pelos Portugueses) que tem no bico uma noz de caju.

Quer saber mais sobre a noz de caju, como a etimologia tupi do nome ou as suas virtudes? Então convido-vos a ler o artigo completo em http://www.dulcerodrigues.info/plantas/pt/acaju_pt.html.



A LIBERDADE É O ESPAÇO QUE A FELICIDADE PRECISA...

Por Elisa Alderani

Este mote é aparentemente fácil de ser entendido, mas muito difícil a ser vivido.

Quantas vezes nos caminhos de nossas vidas nos deparamos com este questionamento, queremos ser livres e felizes ao mesmo tempo.

Todos nós almejamos ter, possuir a felicidade. Perguntamo-nos e às vezes experimentamos este estado de espírito e de contentamento.

Felicidade, anseio perene da alma humana. Ela existe nas pequenas coisas, se esconde na paz e na serenidade, no prazer efêmero de poucos instantes. Nos não percebemos, não valorizamos.

Na correria da vida, preocupados com mil coisas inúteis, não a enxergamos. Só depois de uma triste experiência, caímos na realidade quando é tarde para sentir que a perdemos ao longo do caminho. Escorregou da nossa mão como areia.

Quando somos criança, queremos crescer depressa para ter liberdade. Magoamos nossos pais querendo-a antes do tempo devido. Com os amigos caímos no mesmo erro que os sufocou com nossas cobranças, a ponto de ficar pegajosos. A felicidade de ter amigos se esvai.

Mais tarde nos apaixonamos. È o amor batendo a nossa porta. Custe o que custar nós queremos ser felizes com aquela pessoa. Doamo-nos, mas cobramos, esquecemos que o verdadeiro amor é gratuito. O pior pode acontecer, matamos o amor. Ciúme inútil, desconfianças, interrogatórios, e muito mais. Assim a felicidade sai pela janela levada pelo vento da rotina do cotidiano.

Não soubemos valorizar suficientemente as pequenas coisas, enxergando somente defeitos e não as virtudes.

Continuamos assim o caminho da procura, aprendendo a tão importante lição sofrendo. A liberdade é o espaço que a felicidade precisa.

Deixamos, portanto fluir esta liberdade do nosso ser, livrando-nos dos pré-conceitos que muitas vezes são os responsáveis pelos nossos erros de comportamento.



Meritocracia

Por Eloisa Menezes Pereira

Destrave seu sentimento
Encubra o lento
Retirando o amargor
Preserve seu amor

Configure o pensamento
Rompendo a intuição
Asseveras o comportamento
Elucidando o coração

Compelido à sensação
Vislumbra a emoção
Esquivando o desconhecido
Findas com o mito.



A Colheita

Por Elvis Silva Magalhães

Um fazendeiro, certa vez, plantou algumas sementes em terreno arenoso. Após executar o serviço pediu a Deus que lhe mandasse chuva; e ela veio forte e cheia de vento. A terra onde estava a semente se desfez, levando consigo tudo o que fazendeiro havia plantado.

No outro dia, ao olhar suas terras, descobriu que tudo estava perdido. Então ele chorou e perguntou-se o que havia feito para receber tal castigo, ao mesmo tempo em que imaginava o que fazer para recuperar o que tinha perdido. Mesmo em desespero resignou-se.

Passados alguns meses, andando por suas terras descobriu que as sementes haviam germinado longe de onde tinham sido plantadas.

Algun tempo mais ele pôde colher.

E colheu mais que o imaginado...

A felicidade nem sempre pode ser colhida no local e tempo em que foi plantada. Ela às vezes germina quando e onde menos esperamos.



Um espírito chamado Ícaro

Por Elvis Silva Magalhães

Quando o encontrei, seu corpo estava bem machucado. Ainda restavam algumas penas misturadas à cera derretida.

Seu semblante, apesar de tudo, era de um homem feliz. Ouvi dizer que “A liberdade está no coração.” Juro que pude entendê-lo.

Às vezes penso em tudo que vejo.

Percebo, estamos mais insensíveis. Acho que nosso espírito se cansou de tentar voar.

Às vezes é mais fácil fechar os olhos para nossa realidade. Nem sempre é necessário que nos digam o que se pensa. Percebi em seu olhar quando disseste que nada ia ser incompreensível, nada ia ser em vão.

Nem todo corpo é o que vemos; alguns são mais espírito e, desses, gostamos mais pois ansiamos voltar ao que fomos um dia. A felicidade às vezes resvala em nós e nos sentimos melhor.

Perdoe-me minha sinceridade - disse ele, ou melhor, pensou ele.

“minha prisão é a terra, minha liberdade está no céu talvez você não possa compreender”. Inconformado com tanta injustiça, compreendo-o perfeitamente, sei que não deveríamos aceitar a paz de vez em quando, nem ver nossos irmãos passando fome.

Talvez a ignorância nos torne insensíveis.

Um espírito de Ícaro é sabedoria; não a dos livros, mas a da vida.

Sabemos para onde caminhamos quando preparamos nossa geração para o grande voo do não contentamento; onde a esperança é cera de nossas penas;

o céu, nosso objetivo.

Alguns homens não foram feitos para andar, mas sim flutuar ...

De tão leve seus sentimentos ...

De tão doces suas palavras e tão brandas suas pretensões...

Estes querem apenas viver e o que mais se pode querer da vida senão sua presença?

Grecianny Carvalho Cordeiro



290 SALAO DO LIVRO E DA IMPRENSA DE
GENEVA 2015



Salon
du livre
et de la
presse Genève

Isis Berlinck Renault



290 SALAO DO LIVRO E DA IMPRENSA DE
GENEVA 2015



Salon
du livre
et de la
presse Genève



HISTÓRIA DO BRASIL SOB A ÓTICA FEMININA

Hebe C. Boa-Viagem A. Costa

Chiquinha Gonzaga

(Francisca Edwiges Neves Gonzaga)

1847 – 1935

Primeira maestrina brasileira

Da união do 1º tenente, mais tarde marechal, José Basileu Neves Gonzaga e da mestiça Rosa Maria de Lima, nasceu Francisca Edwiges Neves Gonzaga, em 17 de outubro de 1847, no Rio de Janeiro. Apesar da oposição de sua família, José Basileu se casou com Maria três anos após o nascimento de Chiquinha.

A menina cresceu num lar estável, recebeu uma educação geral de muito boa qualidade e uma cuidadosa formação musical. O pai desejava para ela um futuro promissor que incluía um bom casamento e a possibilidade de ser uma dama da corte. Seu professor de piano, maestro Elias Álvares Lobo, era autor de ópera com libreto de José de Alencar, de composições sacras, lundus, romanças e modinhas. Esse contato com a criação musical certamente contagiou a jovem aluna. Aos 11 anos, para o Natal, compôs sua primeira música: **Canção dos Pastores**.

Aos dezesseis anos Chiquinha se

casa com Jacinto Ribeiro do Amaral, moço de belo porte, oito anos mais velho do que ela, rico e ambicioso. José Basileu estava feliz: atingira seu objetivo.

Para Chiquinha, entretanto, o casamento não correspondeu às suas expectativas. O casal não tinha afinidades. Enquanto Chiquinha tinha paixão pela música, Jacinto não só a detestava como a proibia de tocar o piano que ela levava de dote. Nos seis anos de vida em comum tiveram três filhos e ela conviveu com a intransigência e o ciúme do marido. A gota d'água desse relacionamento foi quando o marido lhe impôs o seguinte dilema: *Eu ou a música!* A resposta foi imediata: *Pois, senhor meu marido, eu não entendo a vida sem harmonia!* (Segue)



Em seguida abandonou o lar levando consigo apenas o filho mais velho, João Gualberto.

Seus outros filhos foram criados pelos parentes paternos: Maria do Patrocínio, pelos avós e Hilário por uma tia. Chiquinha busca guarida na casa paterna, mas José Basileu, inconformado com o escândalo, a expulsa e a *declara morta e de nome impronunciável*.

A vida para ela se torna difícil. É acolhida pelo músico Joaquim Antonio da Silva Callado Jr., pessoa muito respeitada no meio musical carioca. Por influência dele, flautista e compositor, ela tem acesso ao mundo musical popular.

Apaixona-se pelo engenheiro João Batista de Carvalho e vai viver com ele. Para livrar-se dos comentários que circulavam a respeito de sua conduta resolve deixar o Rio de Janeiro e acompanha o amante que fora contratado para dirigir a construção de uma estrada de ferro no interior de Minas Gerais. Tem dessa união a filha Alice Maria. Entretanto, novamente não é feliz e, cansada do comportamento mulhereengo de João Batista, resolve abandoná-lo quando o surpreende com outra mulher. Ele fica com a menina e se encarrega de educá-la.

No Rio, mais uma vez se aproxima de Callado e tem oportunidade de tocar em grupos de choro. Começa, com autodidatismo, a instrumentar, dá aulas particulares de diversas disciplinas escolares e de piano. Em 1877 consegue editar a sua primeira obra, a polca **Atraente** que, em nove meses, chega a 15ª edição constituindo um verdadeiro sucesso. Descobre que é a composição de músicas que, além de lhe proporcionar um meio de ex-

pressar a sua arte, poderá dar-lhe a oportunidade de um ganho a mais.

A partir daí, Chiquinha conquista notoriedade e outras músicas são editadas abrindo caminho para apresentá-las no teatro musicado. Chiquinha desabrocha! Sua personalidade cerceada por tanto tempo dá lugar a uma outra autônoma e audaciosa. Ela vai lutar por mais coisas, além da música. Participa ativamente das transformações sociais do século XIX, embora esse fosse território dos homens. Definia-se abolicionista, republicana e lutava pelos direitos da mulher e dos autores.



Em 1883 tenta musicar libreto de Artur Azevedo, mas a produção teatral não aceita uma mulher como autora de música. Não desanima e persiste com o objetivo de romper essa barreira. Dois anos depois ela consegue que uma peça de sua autoria seja encenada e estréia como maestrina, a primeira do Brasil. Tudo isto aconteceu com a sua opereta **A Corte na Roça** com ela regendo a Banda da Polícia Militar. (Segue)



tral.

No ano seguinte, se engaja na campanha pró direito autoral dos compositores e teatrólogos e, em 1917, foi a única mulher entre os fundadores da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT). Enquanto viveu sempre esteve presente nessa entidade. Seu “filho” Joãozinho também colaborou muito para o sucesso do SBAT e, embora não escritor, a assembléia o acolheu como sócio-efetivo e benemérito.

Continuou musicando e encenando peças com textos de Viriato Correa: **A Sertaneja** (1915); **Juriti** (1919) e **Maria** (1933), sempre com boa aceitação do público.

Escreveu setenta e sete peças teatrais e cerca de duas mil composições.

Assim foi a vida dessa mulher ousada e independente que se perturbou a sociedade carioca do seu tempo, também a encantou com a beleza de sua música. Ela foi capaz de sacudir o jugo que lhe impunham, defender sua liberdade de escolha e seguir, com muita luta, em direção a seu bem maior, a arte.

Faleceu, aos oitenta e sete anos, no dia 28 de fevereiro de 1935.

Novamente pioneira quando compõe para o Cordão Rosa de Ouro do Andaraí a marcha rancho **O Abre Alas** (1899). Essa foi a primeira música composta especialmente para o carnaval. A aceitação foi tão significativa que passado um século ela é ainda lembrada.

Nesse mesmo ano, conhece um jovem de dezesseis anos que, apesar da diferença de idade, foi seu companheiro definitivo. Para evitar constrangimentos apresentou-o como seu “filho”.

Suas composições, tão belas, ultrapassaram as fronteiras brasileiras e, a partir de 1902, fez três viagens a Portugal. A última, realizada em 1906, durou três anos e lá desenvolveu atividade profissional, com destaque, no teatro de revistas.

Ao retornar ao Brasil, peças musicadas por ela são encenadas nos cines-teatro da Praça Tiradentes (RJ). Em 1912, estréia a sua peça **Forrobodó** seu maior sucesso tea-

Para saber mais:

COSTA, Hebe Boa-Viagem – Elas, as pioneiras do Brasil – Ed. Scortecci- SP - 2005

Narcisa Amália de Oliveira Campos

1852 – 1922

Primeira jornalista profissional do Brasil

*reis, endeusando as turbas,
acho-a simplesmente fora do lu-
gar [...] o melhor é deixar [o ta-
lento da ilustre dama] na esfera
perfumada de sentimento e sin-
geleza.*

Narcisa Amália nasceu em São João da Barra (RJ) em 13 de abril de 1852. Seus pais eram pessoas cultas que sabiam da importância de uma educação de boa qualidade, mesmo para uma mulher. Sendo uma criança muito inteligente e desfrutando de um ambiente estimulante, cedo demonstrou o seu talento como poeta.

Casou-se, aos catorze anos, com um artista ambulante. Essa união durou pouco tempo. Aos dezoito anos publicou o seu primeiro livro de poesias, **Nebulosas** que surpreendeu os meios literários da época. Seus versos impregnados de sinceridade, sentimentalidade e profundo sentimento da natureza foram elogiados por Silvio Romero, Machado de Assis e D. Pedro II. O livro também recebeu críticas por sua postura de adesão às idéias européias liberais, tais como a abolição, a república, elevação do nível cultural da população, especialmente das mulheres. Queria, também, que estas participassem mais ativamente na política. Tais idéias eram toleradas quando advindas dos jovens. Todavia eram inaceitáveis quando emitidas pelas mulheres. Em 1872, no jornal *Correio do Brasil* (RJ), C. Ferreira assim se refere a Narcisa:

*Mas perante a política, cantando
as revoluções, apostrofando a*

Mesmo seus admiradores teciam críticas à suas poesias de cunho social. Silvio Romero, historiador e crítico famoso, assim se expressou: *Estes são indignos de ocupar as páginas de um livro de mulher.*



Guimarães Jr., mais impressionado com a beleza de Narcisa do que com o mérito de seus versos, achava que ela não era talhada para as lutas políticas. Dizia, então: *... em suas composições políticas parece que deixa de lado a alma, para tomar a baioneta, coisa bem pouco feminina.*

(Segue)

É interessante notar que não havia um denominador comum quando faziam comentários das obras de homens e mulheres, posto que não acreditavam na real capacidade delas no trato das questões políticas e sociais..

Narcisa também foi muito criticada pela sua postura rebelde, pois mesmo sendo admiradora de D.Pedro II, aderiu aos ideais republicanos.

Em 1880, morando em Rezende, casou-se novamente com Francisco Cleto da Rocha, dono de uma padaria. O casamento, entretanto, dada a grande diferença intelectual entre os cônjuges, teve curta duração. As frequentes reuniões literárias em sua casa, com a presença de Raimundo Correia, Luis Murat, Alfredo Sodré e outros, acabaram desgastando o casamento. Com a separação, Narcisa resolveu mudar-se para o Rio de Janeiro uma vez que o ex-marido ciumento a difamava tornando sua vida intolerável na cidade.

No Rio dedicou-se ao magistério e a colaborar na imprensa. Seus artigos apareciam em diversos jornais dos estados do Rio de Janeiro, Pernambuco e São Paulo. Segundo ela, cabia à imprensa divulgar os ideais democráticos e progressistas visando à modernização das estruturas da nação e estimulando o nível cultural da população. Um exemplo desse tipo de jornalismo era o desenvolvido por José do Patrocínio. No jornal de Rezende, *O Garatuja*, Narcisa Amália saúda esse líder do abolicionismo com as seguintes palavras:

A palavra emociona, o livro instrui ou deleita, só o jornal cava, revolve, afeiçoa as mais endure-

cidas camadas intelectuais. A sua ação é lenta, mas contínua e, por isso mesmo, irresistível, avassaladora.

Mais adiante, completa:

“O mais impressionante exemplo do grande poder da imprensa, deu-nos José do Patrocínio na “Gazeta da Tarde”. A sua pena fulgurante e infatigável, através de todos os óbices que separam o domínio do sonho do domínio da realidade presente e dos prejuízos da vida contemporânea, cavou, por todo o país, o largo e profundo álveo por onde hoje se precipita ovante a idéia da emancipação dos escravos. A sociedade brasileira desperta de súbito por essa voz atrojada que clamava sem cessar pela reabilitação de uma raça despojada de todos os direitos. (Segue)



Bonita, inteligente, ousada em criticar os costumes então vigentes, Narcisa atraiu muitos admiradores e também muitos inimigos. Dizem que Fagundes Varela e Ezequiel Freire dela se enamoraram. Sua vida pessoal muitas vezes foi objeto de comentários maldosos. Acusavam-na de atentado ao pudor e à família e procuravam denegrir a sua arte. Sua postura em defesa da mulher, reclamando para ela maiores oportunidades na educação e na participação em atividades intelectuais, sociais e políticas estava sempre presente nos seus escritos.

*A pena obedece ao cérebro,
mas o cérebro submete-se antes
ao poderoso influxo do coração;
como há de a mulher revelar-se
artista se os preconceitos soci-
ais exigem que o seu coração
cedo perca a probidade, habitu-
ando-se ao balbucio de insignifi-
cantes frases convencionais?*

Após a abolição e à proclamação da república, Narcisa se desaponta com os resultados advindos daí. Quanto à abolição, ela protesta em favor dos escravos:

*Tiraram as cadeias, mas fecha-
ram as escolas.*

No começo do século XX poucas notícias se têm dela. Sabe-se que até 1908 ela dirigia uma escola pública de ensino primário no Botafogo. Um duro golpe recebeu em 1912, quando foi caluniada por Múcio Teixeira, que, em artigo publicado na imprensa,

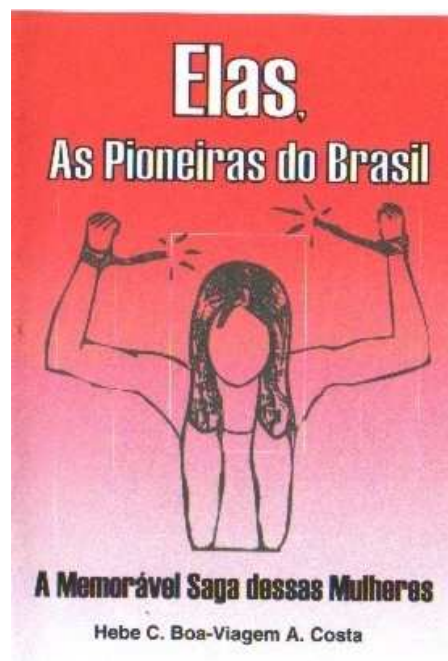
acusa-a de não ser a autora de **Nebulosas**.

Assim difamada, Narcisa não mais teve forças para se defender. Estava doente, desiludida e essa acusação muito a prejudicou.

Essa mulher valente teve um fim de vida difícil e, aos setenta e dois anos, faleceu cega e parálitica.

Em 1949, vinte e cinco anos depois de sua morte, numa pesquisa bibliográfica cuidadosa feita por Antonio Simões dos Reis, foi desvendada a verdade: **Nebulosas** era realmente de autoria de Narcisa!

COSTA, Hebe Boa-Viagem – Elas, as pioneiras do Brasil – Ed. Scortecci- SP - 2005





MARCELINO FREIRE



Varal do Brasil®
Literário, sem frescuras

Salon
du livre
et de la presse **Genève**

**DE 29 DE ABRIL A
3 DE MAIO DE
2015!**

GENEBRA

VENHA TAMBÉM!

varaldobrasil@gmail.com

www.varaldobrasil.com

Jania Souza



29º SALÃO DO LIVRO E DA IMPRENSA DE
GENÈBRA 2015



Varal do Brasil®
Literário, sem frescuras

Salon
du livre
et de la
presse Genève

Reflexu's

Por Edson José dos Santos

Eis o arco íris,
Há colorir a escuridão
de jaz
Fulgor de cores mil há evidência
A voz outrora e o clamor presente
Luz infinita se ofuscada
Brilha em grandeza e esplendor
Tamanha disseminação, reflexo de angústia
E dor, entretanto, voz áurea que descrimina, não se cala
Na aurora do novo tempo
Eu fui... Eu sou...
O arco íris da minha história...





MÃE

Por Fátima Silva

Mãe a raça humana deve a você a continuação da espécie Homo Sapiens, das cavernas, seja dos trópicos, das geleiras, dos desertos, das florestas, dos manguezais, das cidades, dos subúrbios, das favelas, dos esgotos, dos guetos, das sarjetas. Nos palácios, nas mansões, nos condomínios, nos casebres, nas choupanas.

Mães dos presidiários, dos cadeirantes, estupradores, dos marginais, dos cegos, dos bêbados, dos viciados, dos assassinos, dos ladrões, dos homossexuais, dos tiranos, dos oprimidos, dos opressores, dos doutores, dos cientistas, dos astronautas.

Mães carinhosas, desleixadas, descabeladas, ditadoras, preguiçosas, felizes, trabalhadoras, dedicadas, distraídas, ensandecidas, obesas, aleijadas, elegantes, bandidas, guerreiras.

Mães solteiras, mães muito bem casadas, mães meninas, mães avós, mães que abortam, mães adotivas, mães que pagam a babá, mães que catam o lixo, mães que estendem as mãos, mães que jogam no lixo o fruto do seu ventre, mães que choram nas madrugadas.

Maio das mães que ganham presentes, que almoçam em restaurantes chiques, que fazem viagens exóticas, mães que recebem beijos e homenagens, mães que recebem telefonemas de lugares distantes, mães que recebem visitas em hospitais ou em presídios, mães que recebem flores em suas lápides, mães tão velhas que não reconhecem seus filhos, mães que abrem sorrisos e corações para receberem seus filhos ilustres ou mendigos.

Para todas as mães estendo o tapete da realeza, procuro o bicho da seda para confecionar a seda macia para cobrir o corpo que aninhou em seu ventre um embrião que se tornou feto e dar vida a mais um ser humano, mergulho nas profundezas dos oceanos e procuro conchas para ornamentar com pérolas seu pescoço e calçar em seus pés sapatos de cristal como princesa de contos de fadas e peço a Lua um pouco do seu brilho para um pequeno flash sobre você Mulher que dá vida ao único ser racional no planeta Terra: O HOMEM.

Óculos



Por Felipe Cattapan

I

6:00. 6 toques curtos. 2 olhos se abrem. 1 homem se levanta. 1 mesmo ritual se repete. Há 66 anos. 24090 vezes.

Silenciado o despertador, o banho matinal. A água escorrendo pela pele ressecada. Enxuto o corpo, a contemplação da cicatriz no joelho direito... Depois o creme hidratante sendo sugado pelas rugas do rosto.

A refeição na cozinha reduzida ao essencial: um ancião solitário se nutre de obediência ansiando viver alguns anos a mais. Lá fora, a escuridão – esperando por um sol que ainda não nasceu.

Às 6:46 desce cuidadosamente as escadas, ainda sem óculos... o nariz escorregadio denuncia um leve exagero na quantidade de creme... (um indício de senilidade?)... Apalpa nervoso, reencontra indiferente os óculos sexagenários em algum bolso da calça. Protegido pelo seu fiel casaco preto, às 6:49 finalmente abre a porta e sai ao mundo.

O mundo está mais branco do que ontem. A neve dificulta a sua caminhada até o bonde... o medo de chegar atrasado acelera os seus passos, a miopia sem óculos o desestabiliza, o gelo o surpreende, a ineficiência da perna direita o desequilibra, a in-

segurança o derruba. Após um grito de raiva contido, levanta-se com pressa. Arfa. Alcança o bonde ofegante e suado, talvez machucado – mas irrepreensivelmente pontual. Sentado, ainda tem tempo de constatar que as suas pegadas cinzas já estão sendo apagadas por uma neve mais jovem.

Fecha os olhos. Para não rever o tempo se movendo lá fora...

E abre-os logo em seguida, ao descer do bonde. Como de praxe, examina o relógio de pulso para reprovar o atraso quase quotidiano do transporte público – mas, para sua surpresa e agonia, desta vez só consegue recriminar a si mesmo: suas mãos histéricas acusam em todos os bolsos possíveis a ausência absoluta e definitiva dos seus óculos urgentes.

II

Uma perda! Um colapso! Um lapso e um relapso! Uma falha – e uma culpa: a sua própria ineficiência! Que o mundo é ineficiente, ele já sabia (e todos nós já sabemos); que a vida é falha, algum dia todos nós saberemos, você saberá e ele já sabia – no mais tardar quando foi para a guerra e a guerra o feriu no joelho direito, a cicatriz era (e é) a única medalha restante, o seu berro de raiva não sendo escutado por ninguém, nem pela própria mulher (que foi-se embora para não ouvir nunca mais o eco deste grito distante que até hoje não quer calar)! O universo, a humanidade, o ser humano, os animais, os outros, eles, vós, nós, ele, tu, eu e quem quer que seja: tudo é falho – e toda falha é redundante (viver só se tornando suportável quando a própria memória falha e este diagnóstico crônico é provisoriamente esquecido).

- Segue -

Repetindo, e a redundância estilística que se dane, ros... Perdeu a direção, a paciência, a orientação. afinal quem aqui fala é um biólogo frustrado que Olhou para cima e o sol era uma mancha disforme fracassou ao tentar provar que o ácido desoxirriboclareando as nuvens sem nenhum propósito. Caminhou sem fim e, quando a luz se expandiu, viu um imenso parque branco... depois andou mais, viu um pouco mais e o parque era verde e branco; andou ineficiência, por que diabos foi logo ele ser capaz de muito mais, viu demais e as cruzes do parque mataram a grandiosidade da sua visão: viu que o que via era um cemitério! Hora de voltar para casa; para a sala de jantar com as condecorações de uma guerra perdida, para o escritório abarrotado de livros de biologia esquecidos nas estantes, para a cama vazia de esposa que partiu, para o quarto oco do filho que não nasceu.

eu estou me danando (e quem não está?) há tantas décadas e ninguém me ouve (por um acaso alguém te ouve?) desde que a minha mulher foi-se embora

fugindo que nem este maldito bonde e não voltou mais... pois que volte o bonde e eu me calo cansado: esquecerei a minha ira e o meu desejo irado de vingança – e você, toda esta história exaustivamente repetitiva. Pois nos calemos todos – o mundo que se cale: como eu, tu, ele, nós, vós, eles nos calamos frente à ineficiência universal cujo supremo paroxismo é o nosso envelhecimento perene e inexorável. Envelhecer é o pior dos fracassos. Ninguém escapa, nem mesmo tu, vossa mercê, você ou cê –

existir é envelhecer. Tudo tende a nada. Sempre. Nascer é morrer, não nascer é personificar a ausência. Sobreviver é esquecer.

Para esquecer basta agir. Caminhou até o escritório de achados e perdidos: hora do almoço. Esperou. Voltou. Esperou na fila; andou, parou; chegou, falou, ouviu; repetiu, ouviu, reclamou, não ouviu, silenciou; andou, parou; olhou, não achou, olhou, não achou, olhou - não viu. Saiu. Se perdeu...

Perdido em uma multidão dispersa, sem óculos o mundo era um borrão. Borrado no mundo, se perdia entre as pessoas, as ruas, os bondes e os car-

Entrou no bonde. O veículo chegaria à sua estação antes que a luz do sol desaparecesse por completo.

Iria cedo para cama, após mastigar sozinho qualquer coisa insossa da geladeira quase vazia.

No leito, seus olhos prefeririam a uniformidade da escuridão às habituais páginas brancas com letras pretas...

Adormeceu... sem se lembrar de que se esquecera de procurar uma ótica...

III

6...

7:00...

8:00 horas...

9:00 horas! Um feixe de luz tocou a sua face. Suas pálpebras palpitarão, sua boca sorriu. Despertava...

Sem óculos.

Sem despertador. E sem lamentar, após 66 anos, a ausência dos 6 toques curtos: os 3 ponteiros estagnados mais sugeriam uma suspensão da contagem do tempo ...

- Segue -

do que um castigo à sua memória, por ter esquecido de dar corda à sucessão de segundos, minutos e horas.

Embaixo do chuveiro, o tempo não escorria.

Fora do chuveiro, os poros da sua pele sugavam com avidez cada gota da brancura de um creme que era quase um bálsamo.

Uma sede, um sabor e um gosto de leite o chamaram à cozinha que absorvia luminosidade e oferecia calor. Lá fora, o sol exibia uma força mais amarela do que ontem.

Firme no corrimão, a sua mão direita conferiu-lhe a força necessária para descer as escadas sem óculos nem hesitação; sem medo, saiu.

O mundo estava menos branco e mais cantarelado do que ontem. Um inesperado calor amarelado acariciava o ar fresco, um caótico canto de pássaros encantava as árvores e os postes.

O mundo era um borrão abstrato e vibrante. A luz intensificava as cores que surgiam de todas as partes e direções, principalmente de baixo: nos canteiros, gramados, praças e jardins palpitavam o lilás, o vermelho, o amarelo, o verde, o branco – mas um branco menos branco do que antes, um branco que ia desaparecendo, sendo sugado gota a gota pelo solo sedento, umidificando a rigidez da terra áspera que nos circunda... Um biólogo argumentaria que já era quase março e a primavera estava chegando; mas a biologia é apenas uma ciência, “primavera” é apenas um nome - e o que ele via, sem contorno e por todos os lados, era a exuberância da Natureza pululando sem controle nem razão!

Com o sol massageando a sua nuca, levantou a cabeça para se embeber do azul infinito de onde a vida parecia jorrar sobre a terra: pássaros frenéticos, inumeráveis, se inquietavam entre postes, árvores e prédios; alguns desciam um pouco mais e, sem pressa nem medo, chegavam bem perto dele; outros pousavam eufóricos no chão e, por um piscar de olhos, até mesmo na rua ou na calçada. Um,

porém, estava imóvel. E imóvel permaneceu. No chão. Jazendo. Só.

De todas as explicações possíveis, a morte é sempre a mais plausível... Sentiu vontade e depois necessidade de enterrá-lo. Como se este gesto transitório pudesse servir de consolo, como se este antigo ritual pudesse, de alguma forma, assumir a função terapêutica de uma cicatrização. Procuraria, no parque, um lugar ermo, esquecido. Longe da visão dos transeuntes. Onde houvesse verde. Talvez amanhã, ou depois, este verde se tornasse, de novo, branco – mas, até lá, aquele pequeno pássaro já haveria se dissolvido e desaparecido para sempre da sua memória...

Caminhou. Devagar. Como se o respeito impusesse uma certa cerimônia fúnebre, aumentando desnecessariamente a distância daquele breve percurso. O pequeno ponto preto transformou-se em uma mancha pequena, em uma mancha maior, em um ente desfocado, em um objeto sem contorno, e, por fim, em um prosaico par de óculos caídos no chão. Que finalmente reencontravam o seu dono. Suas mãos pueris tocaram com delicadeza aquele objeto tão íntimo; limparam-no, poliram-no, imacularam-no. Retornaram-no à sua condição natural: acima da boca, em frente aos olhos. De um pássaro morto, ressurgia a sua nova visão.

Viu que não perdera os seus óculos no bonde: caíram de algum bolso na neve enquanto ele caía na calçada. Viu e reviu a neve... dissolvida e se dissolvendo. Refletiu que a vida, quando definida pela presença do ácido desoxirribonucleico, se reduz a uma herança codificada geneticamente, se resume pura e simplesmente a “tempo congelado”... no entanto, justamente graças à inversão deste processo, quando como por milagre a neve se descongelava e desaparecia bem à sua frente, pôde finalmente rever os seus óculos desaparecidos!

- Segue -

Reviu o mundo e ele estava mais nítido do que ontem e mais claro do que antes. Olhou o sol – viu o verão que virá e ele verá e nós veremos e vocês verão. Viu o bonde, a rua, a calçada, as praças, os canteiros, os gramados, os jardins, as flores, as árvores, os pássaros, o céu, os prédios, as casas, os pedestres, os carros, o vidro de um carro, o vidro dos seus óculos, o reflexo dos seus olhos através do vidro dos seus óculos no vidro de um carro. Não procurou adjetivos. Viu que o mundo prescindia deles.

Reviu a sua queda, o seu engano, o seu erro. E entreviu um outro nome para o que denominava “erro”: revisão. De nomes. Revisou a cicatriz do ferimento de guerra no seu joelho direito: chamaria-a de aviso. Revisou o fracasso de tantas pesquisas não terminadas sobre o ácido desoxirribonucleico: chamaria-as de sensibilização para a verdade. Revisou o divórcio da sua mulher: chamaria-o de uma despedida digna. Revisou a vontade frustrada de ter um filho: chamaria-a de impulso vital. Revisou a ineficiência perene dos seres humanos: chamaria-a de tentativa. Revisou a sua própria ineficiência: chamaria-a de uma informação a ser reprocessada. Revisou a sua velhice: chamaria-a de tempo vivido. Revisou a morte: chamaria-a de ausência de nomes.

E viu mais. Viu que o tempo é um nome sem sentido; ou o nome de uma convenção cujo sentido se perde com o passar do tempo. Uma lápide: tradicional, mas inofensiva.

Viu que não há tempo. E que, em última instância, não tinha medo de ter pouco tempo, mas de não ter tempo suficiente para ver que o tempo não existia.

E viu ainda mais: demais e em excesso: viu que o que agora via não era novo e sim uma revisão: a repetição de uma visão já experimentada quando ainda era jovem e não usava óculos nem usurpava o ácido desoxirribonucleico, um reflexo

tardio de uma experiência antiga, uma redundância esquecida.

Ver é rever, reviver, entrever, absorver, sobreviver, sobreviver.

Confiando no tato da sua mão direita, viu sem ver: o mesmo leve exagero de creme hidratante não absorvido pelo seu nariz... (um capricho de adolescente?)...

Sorriu... em breve o frio já estará indo embora, seu nariz não precisará mais de creme, seus olhos não precisarão mais esperar o seu nariz secar, todo este ritual não precisará mais ser repetido; não perderá mais os óculos, a partir de agora farão parte da sua face, estarão naturalmente integrados no seu rosto até que o próximo inverno talvez os separe...! Limpou os óculos. Viu que a repetição exaustiva de um mesmo ritual tem como único propósito nos conferir uma frágil ilusão de eternidade... Não precisava mais de placebos. Prosseguiu a sua caminhada – sem tempo. Foi passear, em busca de novos nomes. Sem destino. Nem fim.

Por um instante fechou os olhos. Mas não conseguiu evitar uma última visão: se hoje saiu de casa como um ancião, agora está caminhando por estas ruas como um pesquisador e à noite voltará à mesma casa de sempre como poeta.



Luiz Paulo Faccioli



290 SALAO DO LIVRO E DA IMPRENSA DE
GENEVA 2015



Salon
du livre
et de la
presse Genève

Lúcia Amélia Brulhardt



29o SALAO DO LIVRO E DA IMPRENSA DE
GENEIRA 2015



Salon
du livre
et de la
presse Genève

Marcelino Freire



290 SALAO DO LIVRO E DA IMPRENSA DE
GENÈBRA 2015



Salon
du livre
et de la
presse Genève

Para defender-se dos escorpiões

Por Fernando Sorrentino

As pessoas se mostram surpresas, temerosas e até indignadas diante da considerável proliferação de escorpiões que tem chovido sobre Buenos Aires, cidade que até data bem recente desconhecia esse gênero de aracnídeo.

Aquelas sem imaginação recorrem a um método por demais tradicional para defender-se dos escorpiões: o emprego de venenos. As menos rotineiras enchem suas casas de cobras, rãs, sapos e lagartixas, com a esperança de que estes devorem os escorpiões. Umas e outras fracassam lamentavelmente: os escorpiões se recusam terminantemente a ingerir venenos, e os répteis e batráquios a ingerir escorpiões. Umas e outras, em sua inépcia e precipitação, só conseguem uma coisa: exacerbar — mais ainda, se isso é possível — o ódio que os escorpiões professam por toda a humanidade.

Utilizo outro método. Tenho procurado, infrutiferamente, difundi-lo, mas como todo precursor, sou um incompreendido. Acredito, sem vaidade, que este não só é o melhor, mas também o único método possível para defender-se dos escorpiões.

Seu princípio básico consiste em evitar o confronto, manter breves escaramuças ocasionais e não demonstrar-lhes que somos seus inimigos. (Sei que é preciso andar com o

máximo de cuidado, sei que a ferroada de um escorpião é fatal. É claro que se eu me embutisse num escafandro de mergulhador estaria completamente a salvo dos escorpiões; mas também neste caso os escorpiões teriam plena certeza de que tenho medo deles. Porque eu tenho muitíssimo medo deles. Mas não se pode perder o sangue frio.)

Uma medida elementar — eficaz e livre de ostentação e de nefasta espetacularidade — consta de duas simples etapas. A primeira é amarrar a boca das calças com uns elásticos bem apertados para que os escorpiões não possam subir pelas minhas pernas. A segunda, fingir que sou muito friorento e calçar todo o tempo um par de luvas de couro para que eles não me envenenem as mãos. (Mais de um espírito-de-porco tem visto apenas as desvantagens que este método acarreta no verão, sem levar em conta os inegáveis méritos gerais.) Quanto à cabeça, convém que fique descoberta: é a melhor maneira de apresentar aos escorpiões uma imagem valente e otimista de nós mesmos, além do fato de que os escorpiões não costumam arrojar-se do teto sobre o rosto humano, embora alguns o façam às vezes. (Pelo menos foi o que aconteceu à minha falecida vizinha, mãe de quatro encantadores meninos, agora órfãos. Para piorar, esses fatos eventuais engendram teorias errôneas que só servem para fazer a luta contra os escorpiões mais árdua e difícil. Na verdade, o viúvo, sem nenhuma base científica, afirma que os seis escorpiões se sentiram atraídos pela cor intensamente azul dos olhos da falecida e deduz, como evidência fraca de afirmação tão temerária, o fato completamente casual de que as ferroadas foram de três a três em cada uma das pupilas azuis. Eu sustento que isto é uma simples superstição forjada pelo medroso cérebro desse indivíduo pusilânime.)

Assim como na defesa, no ataque também é preciso brincar de ignorar a existência dos escorpiões. Como quem não quer nada, diariamente consigo matar — assim, por baixo — de oitenta a cem escorpiões.

Procedo de uma maneira que, a bem da sobrevivência do gênero humano, espero que seja imitada e, se possível, aperfeiçoada: com ar distraído, sento-me num banco da cozinha e fico lendo o jornal.

(Segue)

De vez em quando olho o relógio e resmungo num tom suficientemente alto para ser ouvido pelos escorpiões: *“Poxa! Esse maldito Pérez que não telefona!”* A impontualidade de Pérez me irrita e aproveito para bater com raiva os pés no chão: desta maneira massacro no mínimo uns dez escorpiões dos inúmeros que cobrem o piso. A intervalos regulares repito minha expressão de impaciência, e assim vou matando uma boa quantidade. Nem por isso me descuido dos também incontáveis escorpiões que cobrem completamente o teto e as paredes (que se tornaram cinco ondulantes, palpitantes e movediços mares de alcatrão): de vez em quando finjo um ataque de histeria e jogo algum objeto pontudo contra a parede, sempre amaldiçoando aquele Pérez do diabo que custa a telefonar. Uma pena que tenho quebrado vários jogos de xícaras e pratos e que vivo entre frigideiras e panelas amassadas, mas é alto o preço que se paga para defender-se dos escorpiões. Por fim, inevitavelmente alguém me telefona: *“É o Pérez!”*, grito, e me precipito em direção ao telefone. Claro que com tanta pressa e tanta ansiedade, nem percebo os milhares e milhares de escorpiões que forram maciamente o chão e que explodem sob meus pés com um gelatinoso e crocante ruído de ovo pisado. Às vezes — mas só às vezes: não convém abusar deste recurso — tropeço e caio esparramado, o que faz aumentar sensivelmente a área do meu impacto e, conseqüentemente, o número de escorpiões mortos. Quando novamente me levanto, me vejo com a roupa toda condecorada com os pegajosos cadáveres de muitos escorpiões: desprendê-los um por um é tarefa delicada, mas me permite saborear meu triunfo.

* * *

Agora vou me permitir uma breve digressão para relatar um episódio, por si só ilustrativo, que me aconteceu há uns dias e no qual, sem querer, vivi um papel que me atrevo a classificar de heroico.

Era hora do almoço. Como sempre, encontrei a mesa coberta de escorpiões, a louça coberta de escorpiões, a cozinha coberta de escorpiões... Com paciência, com resignação, com o olhar distante, fui empurrando-os para o chão. Já que a luta contra os escorpiões consome a maior parte do meu tempo, decidi preparar para mim uma refeição rápida: quatro ovos estrelados. Estava comendo, afas-

tando de vez em quando um ou outro mais ousado que havia subido na mesa ou que caminhava pelos meus joelhos, quando, do teto, um escorpião especialmente vigoroso e robusto caiu — ou se jogou — no meu prato.

Petrificado, larguei os talheres. Como devia interpretar tal atitude? Era uma coincidência? Uma agressão pessoal? Uma prova de fogo? Fiquei perplexo por uns instantes... Que queriam de mim os escorpiões? Estou bem treinado na luta contra eles, logo, percebi: queriam obrigar-me a modificar meu método de defesa, fazer-me passar decididamente ao ataque. Mas eu estava bem seguro da eficácia da minha estratégia: não conseguiriam enganar-me.

Vi, com cólera reprimida, como as patas grossas e peludas do escorpião chafurdavam no ovo, vi como seu corpo impregnava-se de amarelo, vi como a cauda peçonhenta se agitava no ar, como um naufrago que pedisse socorro... Objetivamente considerada, a agonia do escorpião era um belo espetáculo. Mas me deu um pouco de nojo. Quase me entreguei: pensei em lançar o conteúdo do prato no incinerador. Tenho força de vontade e soube conter-me a tempo: se fizesse tal coisa, ganharia o aborrecimento e a reprovação dos milhares e milhares de escorpiões que, com renovada suspicácia, me contemplavam do teto, das paredes, do chão, da cozinha, das lâmpadas... Teriam, então, um pretexto para considerarem-se agredidos e, aí, quem sabe o que poderia acontecer.

Armei-me de coragem, fingi não perceber o escorpião que ainda se debatia no prato, comi-o distraidamente com o ovo e até passei a casca de um pão para não deixar nenhuma migalha de ovo e escorpião. Não foi tão repugnante como eu temia. Um pouquinho ácido, talvez, mas esta sensação pode ter sido por eu ainda não estar habituado à ingestão de escorpiões. Com o último bocado, sorri satisfeito. Depois pensei que a quitina do escorpião, mais dura do que eu havia desejado, poderia me cair mal no estômago e, com delicadeza, para não ofender o resto dos escorpiões, tomei um copo de sal de frutas.

(Segue)

Existem outras variantes desse método, mas, aí sim, é necessário lembrar que o essencial é proceder como se ignorasse a presença — mais ainda, a existência — dos escorpiões. Mesmo assim, agora me assaltam algumas dúvidas. Parece-me que os escorpiões começaram a perceber que meus ataques não são involuntários. Ontem, quando derramei uma panela de água fervendo no chão, notei que, da porta da geladeira, uns trezentos ou quatrocentos escorpiões me observavam com rancor, com desconfiança, com censura.

Quem sabe meu método também esteja fadado ao fracasso? Mas por enquanto não conheço outro melhor para defender-se dos escorpiões.

Tradução de Ana Flores

[De *En defensa propia*, Buenos Aires, Editorial de Belgrano, 1982]

**A justiça dos homens pode ser cega.
Mas eu enxergo o direito dos animais!**



EU DEFENDO OS ANIMAIS!

O Beija-flor

Por Francisco de Paula

O pássaro mais belo
Para minha admiração
Suas cores são lindas
É um perfeito matizado
Não tem bela melodia
Mas beijinho sabe dar
É sua única melodia
Que ele sabe cantar
Beijando flores
Rouba a doçura do mel
É o que sabe fazer
Para se alimentar
Voar é o que sabe fazer
Para frente para trás
Para cima para baixo
Bailando no ar
Bate suas asinhas
A mil por segundo
Pra no espaço se sustentar.
O homem, na inveja do pássaro
Para lhe imitar
Trata de copiar
A agilidade do pássaro
Criando o helicóptero
Imitando a ele, voar.



EQUINÓCIO DE OUTONO

Por Gaiô

Eu te recolho, ó folha,
Que distraída cai em balouços de brisa
na dança anunciada de outono.
Me recolho a mim ,a todos,
em silêncio te ouço, últimas águas, choros,
No Equinócio ao sul.
E o sol cruza imaginária linha do Equador,
no azul...
Corpos alertas vigiam natureza, mistério em oferta,
Da fonte acolhem o verde, o orvalho, frutos da terra.
Oferendas se aquecem em ritos âmbar dourados
Que a alma a oeste celebra.
E o sol declina em entrega ao sagrado poente,
Onde amados entes congrega e se despedem...
Na intimidade do agora tudo se aninha...
E a luz arrefece, se faz solidão em quietude de céu.
Paulatina em silente milagre aflora,
Aos poucos me vejo, me reconheço, me recolho,
Na face, a Sabedoria do que se É...E Sou...Somos.



EU SOU A AVENIDA PAULISTA

Por Gilda Pereira de Souza

Eu sou a Avenida Paulista .
Fui sonhada ,planejada,
para nascer e ser eterna .
Por isso sou moderna !
Usufruo das mais diversas técnicas
para me manter bela
e continuar sempre jovem assim.
Sou louca ,sou rainha, sou cortês .
Sou ontem, hoje e amanhã .
Sou do rico, sou do pobre,
Sou do lixo, sou do luxo.
Comemoro, protesto, invisto, deleto,
intelecto...enfim sou liberal .
Todas as cores,
sexo e credos tem lugar cativo .
Antigo, novo, contemporâneo, moderno,
fazem parte do meu contexto .
Do clássico ao bizarro,
"Fashion Week" é aqui .
Em mim músicos, poetas, cantores,
atletas...fazem a festa .
Sou mesmo uma velha ,
Super-hiper-ultra eclética .



Marcelo Candido Madeira



290 SALAO DO LIVRO E DA IMPRENSA DE
GENEVA 2015



Salon
du livre
et de la
presse Genève

Marco Miranda



290 SALAO DO LIVRO E DA IMPRENSA DE
GENÈBRA 2015



Varal do Brasil®

Literário, sem frescuras

Salon
du livre
et de la
presse Genève



LUPA CULTURAL

Por Rogério Araújo

(Rofa)

Ideias que surgem das pessoas

e de locais

Quem não viveu um momento qualquer em “deu um branco” ou não teve ideias para realizar algo? Todos passam por isso.

Certa vez, quando uma repórter me perguntou no lançamento de um de meus livros: “De onde vem inspiração para você escrever?”, eu respondi que ela surge do nada e, muitas vezes, a inspiração vem de coisas que vivemos e pessoas que conhecemos.

E quem é escritor, poeta, contista e cronista sabe que essa é uma grande verdade. O que seria de nós se não tivéssemos “inspiração” em forma de gente e em forma de lugares?

Como disse Oscar Wilde: “Viver é a coisa mais rara do mundo. A maioria das pessoas apenas existe”. Muitos vivem por aí afora e não percebem que sua vida é uma inspiração para outra pessoa e até mesmo para escritores.

E para quem pensa que a inspiração vem do que se aprende no meio acadêmico, engana-se. Como sabiamente falou o físico Albert Einstein: “A imaginação é mais importante que o conhecimento”. A mais pura verdade e ele sabia muito bem disso.

No cotidiano vivemos muitas situações e delas podemos ter grandes lições. O grande pensador Friedrich Nietzsche declarou certa vez que “O que não pro-

voca minha morte faz com que eu fique mais forte”. Crescemos muito com tudo que vivemos.

Conflitos não servem para medir forças e a vitória nesse caso pode não ser tão retumbante assim. O dramaturgo e escritor conhecidíssimo William Shakespeare já falou que “É mais fácil obter o que se deseja com um sorriso do que à ponta da espada”.

E, também, o preconceito seja racial, religioso, social, sexualidade, não vai medir nada além do preconceito em si. Por isso Bob Marley, músico referencia até hoje, soltou uma frase de muito impacto: “Enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho dos olhos, haverá guerra”.

E, partindo para as observações românticas, o poeta Fernando Pessoa: “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”. Um incentivo à inspiração para a vivermos de corpo e alma, sem medo e receios de que aconteça o pior.

“As mais lindas palavras de amor são ditas no silêncio de um olhar”, falou Leonardo da Vinci. Falamos muito, agimos pouco. Palavras doces podem vir acompanhadas de atitudes amargas, frias e sem expressão da realidade na vida.

Um dos mais férteis inventores de todos os tempos criou o fonógrafo, a lâmpada elétrica, o projetor de cinema e aperfeiçoou o telefone. Traçou desse modo o perfil do mundo de hoje. E ele, não é a toa, que é “inventor da lâmpada”, objeto usado para representar quando a pessoa tem uma IDEIA.

(Segue)



Quem é ele? Thomas Edison que imortalizou, além das invenções físicas que marcaram o mundo, frases sobre o que via e sentia sobre os aspectos da vida. Disse ele, no alto de sua sabedoria, que “O principal uso do corpo é carregar o cérebro; e o cérebro é o que nós somos”. E não é verdade? Temos um cérebro para pensar e ter ideias e não apenas para pesar em o corpo para carregar.

E o “pai das ideias”, disse sobre o assunto que “Se quiser ter uma boa ideia, tenha antes uma porção de ideias”. E nós aqui achando que a primeira ideia que pensamos é a melhor. Não é não. Atrás de uma pode vir uma bem melhor...

E o Thomas Edison, quando menino e estudante, era totalmente alienado e sem apoio dos próprios professores. Um deles, dizia que “O garoto é confuso da cabeça, não consegue aprender”. Viu como são as coisas? A escola perdeu um bom aluno, mas o mundo ganhou com sua inteligência e ideias sem limites.

É preciso acreditar nas pessoas. Observar como vivem de maneira única e que podem, sim, escrever histórias, inspirar e levar a outros a viver melhor.

E, como diria, o nosso “gênio da lâmpada”, que tantas ideias trouxe e que até hoje podemos usufruir de seu talento e invenções: “Talento é 1% inspiração e 99% transpiração”. O segredo do negócio é ter ideias sim, mas com muito trabalho pela frente.

Precisamos olhar mais em volta de nós mesmos e mãos à obra!

Um forte abraço do Rofa!

* Escritor, jornalista, autor do lançamento e livro-duplo “O super-herói do Natal” e “Presentão do Natal”, para o público infanto-juvenil, ilustrado e colorido, de “Crônicas, poesias e contos que u te conto...” (Literarte), lançado na 23ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, em 2014 e de “Mídia, bênção ou maldição?” (Quártica Premium, 2011); colunista do “Jornal Sem Fronteiras”; participações em diversas antologias no Brasil e exterior; vencedor de prêmios literários e culturais; membro de várias academias literárias brasileiras e mundiais.

O que achou da coluna “Lupa Cultural” e deste texto? Contato: rofa.escritor@gmail.com



Marcos Assumpção



29º SALÃO DO LIVRO E DA IMPRENSA DE
GENÈBRA 2015



Salon
du livre
et de la
presse Genève

SUPER PARAÍSO

Por Gilson Lima

Desde quando menino eu era
Ouvi falar de uma terra de soberana primavera!
Um lugar onde as ruelas de esmeralda calçadas são
As casas são feitas de maciço ouro
Todos conhecem o impacto explosivo da pala-
vra união O coração de cada ser humano é o
mais puro tesouro A chuva é de chocolate a
embeleazar
As montanhas de doces coloridas a brilhar
Ao redor da praça composta de todos os tipos de diamantes
Que impressionam com um fortíssimo cintilar!
Os veículos são as nuvens de algodões de estrelas guarnecidas
A água brota do mais belo e saudável ar
Os rios são de leite e de mel é o mar
Os homens não possuem nenhuma maldade
Conservam assim a tradição de diversas qualidades:
O amor, a justiça, a honestidade, a solidariedade e a
humildade. São algumas entre tantas outras verdades.
Sem nunca existir nenhum pingo de
falsidade. E quando a noite chega às
lâmpadas
São diversos gigantescos vaga-lumes a bailar
Nas ondas do vento com um belíssimo lume a
transfigurar. Da floresta saem vários bichinhos de
estimação
Elefante, tigre, onça, gira-
fa e leão, São alguns mo-
delos exemplares.
Completando-se com o sorriso de cada criança ou rapaz
Num Uno Sistema de Magnífica Paz!



AS PEDRAS DO MEU CAMINHO

Por Heloísa Crespo

Retirei do meu caminho as pedras que encontrava.
O caminho era tão longo, com subidas, muitas curvas
e com retas infindáveis...

As pedras bem pequeninas, nem sequer me atrapalhavam.
No meu sonho de menina, muitas vezes as escolhia
pra brincar de Três Marias.

Algumas com os próprios pés, ali eu as empurrava.
Outras com as minhas mãos para bem longe arremessava.
Dependendo do tamanho,

removia para os lados, deixando livre a passagem.
As maiores, mais pesadas, do lugar não arredava.
Eu apenas desviava,

continuando o caminho, seguindo firme, com fé
para a reta de chegada. Ainda hoje eu caminho.
As pedras não me atrapalham...



Ponta de praia: Precioso
mar/ Ponta de praia/ Reduto acolhedor/ passivo
intimista/ Suave ondular/ estronda bravio/ as
vezes sereno/ Surpreendente/ Vai e vem a vagar/
Imenso fascinante/ Reduz-se tão somente/
deslizes e areias.

Por Iolanda Beltrame

A MENINA E AS FLORES

Por Isabel C. S. Vargas

Doce menina linda que em seus braços carrega flores,
Em seus tristes olhos as dores da infância sofrida
Em um trabalho que não deveria ser seu,
Mesmo que colha flores, enfeites que Deus nos deu.

Trabalho infantil carrega alma mais do que tudo.
Estação essa que não retorna jamais.
Crianças são como as flores. Carecem cuidados diários
Se não as regarmos com amor e ternura fenecem.

Infância é boa se a recordarmos com leveza
Colher uma flor e ofertar com amor é dádiva
Colher flores como trabalho diário, contínuo,
Mata a inocência e o brilho do olhar.

Corre doce criança entre as flores semeadas,
Cultiva tua alegria e tua infância com olhar brilhante.
Tua vida será um arco-íris multicolor
Se entre as flores colheres momentos de felicidade.

Colhe em tua via inteira ventos que sejam brisas
Que carreguem teus sonhos, magia e encantamento.
Flores que sejam tua coroa de diversos aromas
E tenhas essa criança eternamente viva em teu interior.



CUMPLICIDADE

Por Ivanise Mantovani

A cama de Tianinha tem a cumplicidade
dos segredos.

Toda branca minha tia espera.

Tianinha é assim, feita de juventude e cetim.

O tio viaja pelo interior - Um amor!

Mas não tem nome gravado
no coração de titia.

Mamãe mandou eu vigiar Tianinha.

Na mesa da varanda
tem cestinha de maçãs da Califórnia,
papel roxo.

O sol adentra na sala e empresta
brilho de festa. É agosto.

- Me alcança uma maçã, guria!

Ela crava os dentes
e a polpa escorre o prazer
pelos cantos da boca vermelha.

Tenho só oito anos
e desconfia pecado,
já levei puxão de orelha.

Coisa mais sem nexo
este cheiro de maçãs. Sexo?

Alguém lá fora chama.

O rubor tinge as faces de Tianinha,
fruta cor de sangue.

Ela ajeita os cabelos,
estica os lençóis.

Tianinha é assim!

Mordisca os lábios carnudos,
atira o caroço pra mim.



Roubaste o meu sorriso, lágrima atrevida!
Roubaste o meu sentido, lágrima insurgida!
Deixaste em mim um rastro de tristeza infame
um traço de dor à qual nem ponho um nome...

Choro por dentro
choro por dentro
choro por dentro...

e a lágrima é o olhar molhado que te olha
e a lágrima é o som abafado e sem escolha...

Choro por dentro
choro por dentro
choro por dentro...
até cansar
até o coração parar
e eu descansar...

CHORO POR DENTRO

Por Jacqueline Aisenman





Salon du livre et de la presse Genève

CINTIA MOSCOVICH

MARCELINO FREIRE

RONALDO CORREIA DE BRITO



**VENHA PASSAR
MOMENTOS INESQUECÍVEIS
COM OS AUTORES
BRASILEIROS E
PORTUGUESES QUE ESTARÃO
EM GENEBRA!**



**DE 29 DE ABRIL A 3 DE MAIO
ESTANDE VARAL DO BRASIL**



Varal do Brasil[®]
Literário, sem frescuras

III PRÊMIO VARAL DO BRASIL DE LITERATURA 2015

POESIAS

CONTOS

CRÔNICAS

TEXTOS INFANTIS

Leia o regulamento em nosso site ou peça pelo e-mail

varaldobrasil@gmail.com

Inscreva-se!

varaldobrasil@gmail.com

Deixe a sua imaginação
voar alto!

Concurso internacional!



Marilene Sampaio



29o SALAO DO LIVRO E DA IMPRENSA DE
GENEVBRA 2015



Varal do Brasil®
Literário, sem frescuras

Salon
du livre
et de la
presse Genève

Milton Cunha



290 SALAO DO LIVRO E DA IMPRENSA DE
GENÈBRA 2015



Salon.
du livre
et de la
presse Genève

LETRAMENTO LITERÁRIO: REPENSANDO A LITERATURA DA TEORIA À PRÁTICA EM SALA DE AULA

Por Isadora Cristiana Alves da Silva (UPE)

RESUMO:

Levando em consideração a grande contribuição de vários teóricos como Lajolo (1993) e Cosson (2006) e dos Documentos Oficiais como PCN (1998) e OCEM (2006) que defendem um ensino de literatura baseado no Letramento Literário, reconhecemos que infelizmente o que tem prevalecido em muitas das nossas escolas é um tratamento vazio, que vai desde a mera decodificação das informações de textos fragmentados a memorização das informações dos períodos literários. Sendo assim faz-se necessário e urgente, que alguns aspectos referentes ao tratamento dado à literatura na escola, à formação docente, às metodologias e aos livros didáticos utilizados em sala de aula, sejam repensados e redimensionados, pois tais aspectos podem não favorecer o desenvolvimento do letramento literário que é uma prática social de responsabilidade da escola e que deve cumprir com seu papel de humanização (COSSON, 2006). Dentro dessa abordagem a presente pesquisa pretende investigar qual a perspectiva de ensino presente no 6º ano “B” do ensino fundamental da Escola de Aplicação Profa. Ivonita Alves Guerra, objetivando identificar possíveis lacunas entre teoria e prática e contribuir para a melhoria desse ensino, através de atividades de intervenção, cujo propósito foi proporcionar o prazer pela leitura e literatura, o desenvolvimento da criticidade, construção e reconstrução de sentidos. Esse trabalho é um recorte de um Projeto de Iniciação à Docência ainda em andamento.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Letramento. Li-

teratura. Metodologia.

INTRODUÇÃO

O ensino de literatura tem sido alvo de muitos questionamentos, principalmente no que se refere aos aspectos teóricos e metodológicos da prática docente, uma vez que a literatura passa por um processo de escolarização em sala de aula que por vezes tende a torná-la apenas subterfúgio para a exploração de conteúdos gramaticais, não despertando a motivação e o interesse dos alunos pelas obras literárias. O que tem nas escolas é uma prática de ensino de literatura predominantemente empírica, em que é desconsiderada, ou por omissão ou por desconhecimento, a natureza da leitura, da literatura e suas implicações (RÖSING, 1988).

A literatura explorada no universo escolar por vezes afasta-se das colaborações das teorias sobre o ensino de literatura e das teorias literárias contemporâneas discutidas na academia durante a formação docente, o que é possível perceber pelas metodologias de ensino predominantes. As teorias literárias, embora não contribuam diretamente para a prática escolar, influenciam bastante o contexto de sala de aula (LAJOLO, 1993).

O processo de ensino-aprendizagem da literatura está voltado à parâmetros curriculares formalistas, estruturalistas e bibliográficos, que não favorecem o desenvolvimento da criatividade e imaginação, da construção e reconstrução lúdica de sentidos. É preciso atentar para dois níveis indispensáveis de abordagem do ensino de literatura segundo Beach e Marshal (1991), a *leitura da literatura*, que contempla a compreensão do texto, e o *ensino de literatura*, que se refere ao estudo da obra literária. Esses dois aspectos não devem ser considerados separadamente, o que a escola tende a fazer, dissociando o prazer da leitura literária do estudo da estética da obra literária. (Segue)

O processo de escolarização da literatura é apresentado por Soares (1999) como dois seguimentos distintos, a escolarização adequada, que consiste em um ensino da literatura pautado também em obras literárias e leituras que estão próximas dos alunos, do contexto social em que eles estão inseridos e não apenas focado nos clássicos, e outra inadequada, que lamentavelmente tende a ocorrer com frequência nas salas de aula, não favorecendo a leitura como prática social e contribuindo para que os alunos não se identifiquem com a literatura. É claro, que o ensino deve direcionar-se também para as obras clássicas que fazem parte do cânon literário, mas não deve limitar-se apenas a elas, pois existe uma infinidade de novas obras e autores contemporâneos que também devem ser enfocados, haja vista, a grande contribuição que apresentam no cenário literário atual.

A literatura deve ser considerada a partir de concepções diacrônicas, que se volta para as obras clássicas e sincrônicas, que contemplam obras da atualidade. É necessário que o aluno compreenda a literatura como fenômeno cultural, histórico, ideológico e social, instrumento político capaz de revelar as divergências da realidade (GONSALVES FILHO, 2000). O ensino de literatura não pode ocorrer de modo independente, favorecendo apenas os períodos históricos, os aspectos estéticos e formais da literatura, mas deve direcionar-se para abordagens intertextuais, interdisciplinares e inter-semióticas, para que seja ampliada a diversidade de gêneros trabalhados e para a multissignificação do texto literário. Contribuindo também para o desenvolvimento crítico dos alunos e para que a literatura opere como ferramenta de transformação social. É fundamental que o professor tenha consciência de que muitos alunos não despertam o gosto pela leitura lendo inicialmente os clássicos da literatura, e que os docentes precisam instigar seus alunos a

lerem o máximo possível, mesmo que sejam obras não clássicas (GERALDI, 2004).

A relação entre literatura e escola é caracterizada pela presença de mitos, conceitos equivocadamente pré-determinados, como *aprender literatura é difícil*, tal concepção fundamenta-se no ensino apenas de obras clássicas, de forma não contextualizada e fragmentada. A fragmentação das obras presente em muitos livros didáticos acabam por contribuir para que os alunos não desenvolvam o raciocínio crítico, pois limitam-se a uma leitura superficial, e não aprofundam-se em ler nas entrelinhas, assim sem entender as relações intertextuais, reconstruindo o não dito, fazendo inferências, o aluno encara a literatura como algo complexo, difícil de ser compreendido (SILVA, 1998).

Outro mito estabelecido é a noção de *é preciso ler obras literárias para escrever bem*, essa ideia foge totalmente a concepção de autonomia criativa do autor, muitos escritores modernistas, por exemplo, não seguem a norma padrão da gramática normativa e volta-se para outra variedade linguística. Esse mito reforça questões estruturalistas e formalistas acerca da literatura, estabelecendo distinções entre a linguagem literária e não literária, fazer essa dissociação tem se tornado função principal assumida pela escola, que com isso tende a rotular os textos ditos “bons” e os textos que não apresentam uma linguagem e qualidade de nível elevado e, sendo assim, não são considerados literários. A escola é a instituição que há mais tempo e com maior eficiência vem cumprindo o papel de avalista e de fiadora do que é literatura, sendo uma das maiores responsáveis pela sacração ou pela desqualificação das obras e de seus autores (LAJOLO, 2001).

(Segue)

1 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Os problemas que permeiam o ensino de literatura merecem ser analisados seriamente, pois se nada for feito, essas dificuldades tendem a evoluir consideravelmente. Dentro dessa perspectiva, um aspecto determinante que deve ser também repensado é a formação do professor de literatura. Ao observar o espaço destinado a literatura no ensino fundamental e médio é possível perceber que pouca importância está sendo dada a essa disciplina. O que deveria ocorrer ao contrário, não sei se de excesso de socialismo ou barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino médio, exceto uma, a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário (BARTHES, 1980).

Sendo assim, é preciso analisar qual o papel do professor diante de um sistema escolar que visa unicamente um ensino focado na aprovação dos alunos em vestibulares, diante de uma escola que não oferta na grade de horário, aulas específicas de literatura, sendo uma disciplina trabalhada raramente entre uma ou outra aula de português. O livro didático adotado pela escola muitas vezes pode não favorecer o ensino, apresentando algumas lacunas na abordagem da literatura, como por exemplo, a fragmentação das obras literárias, a omissão de referências bibliográficas e o direcionamento dado apenas para obras clássicas. É necessário, em caráter de urgência, que se pense no papel do professor frente a todas essas adversidades, para que se possa traçar caminhos para que esse ensino possa tomar outros rumos.

O professor de literatura deveria primeiramente assumir a postura de leitor, estar em plena formação, buscando sempre se atualizar, mantendo contato com novas pesquisas e abordagens, propostas e teorias que estão em voga, principalmente ter a consciência de que o fazer literário não se susten-

ta unicamente em princípios formais, estéticos e estilísticos. O esvaziamento do ensino de literatura se acentua, portanto, não só pelo pequeno domínio do conhecimento literário do professor, mas também pela falta de uma proposta metodológica que o embase (AGUIAR; BORDINI, 1993).

Uma das formas de mapear alguns problemas relacionados ao ensino de literatura é considerar a interação entre professor, alunos e texto literário (BEACH & MARSHALL, 1991 apud BUNZEN; MENDONÇA, 2006, p. 85). Deveria o professor ao concluir seu curso, estar apto para selecionar corretamente as obras a serem trabalhadas, objetivando contemplar uma grande diversidade de gêneros literários, assim como auxiliar seus alunos a construir e reconstruir suas próprias interpretações, não descartando as leituras prévias que os alunos já efetuaram, e não impondo leituras e interpretações prontas, feitas na maioria das vezes pelo próprio professor.

2 AS ORIENTAÇÕES DOS PCNS PARA O ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Vários estudos foram sendo desenvolvidos nas últimas décadas no que se refere ao surgimento de teorias inovadoras com propósito de superar métodos tradicionais e ineficientes de ensino de literatura, assim como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997) e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006), com o objetivo de orientar o processo de ensino-aprendizagem da literatura no ensino Fundamental e Médio. Embora o foco da pesquisa nesse momento esteja direcionado para o ensino fundamental, citamos também o ensino médio, pois pretendemos dar este enfoque mais adiante.

(Segue)

Mesmo com essas contribuições, infelizmente ainda é possível perceber que a prática tem se distanciado consideravelmente dessas propostas teóricas deixando de lado outros sentidos/significados que o texto possui (SOARES, 1999).

O PCN e as OCEM defendem a concepção de que o ensino de literatura não deve estar limitado apenas aos trechos de textos clássicos que o professor e o livro didático por vezes legitimam e a escola tende a unicamente reconhecê-los, mas também deve manter uma relação direta com as produções literárias da atualidade e que são desenvolvidas em contextos sociais e culturais que permitem a identificação dos alunos e uma aprendizagem mais significativa. O grande desafio na formação de leitores literários críticos é levar o jovem à leitura de obras de diferentes padrões, obras da tradição literária e obras recentes, que tenham sido legitimadas como obras de reconhecido valor estético, capazes de propiciar uma fruição mais apurada, mediante a qual terá acesso a uma outra forma de conhecimento de si e do mundo (OCEM, 2006).

Esses documentos defendem ainda um ensino contextualizado, voltado para perceber a literatura de forma intertextual, transversal e de caráter interssemiótico, diacrônico e sincrônico e que possibilite que o aluno desenvolva seu raciocínio crítico.

No ambiente escolar, o texto quando não é visto como depósito de informações, é visto como conjunto de elementos gramaticais. Raramente, a leitura é direcionada de forma diferente em virtude do gênero textual que está sendo explorado. Sendo assim as especificidades de cada gênero, por diversas vezes são desconsideradas e substituídas por questionamentos e respostas pré-estabelecidas (KLEIMAN, 2004).

Embora as propostas dos PCN e OCEM contribuam teoricamente, pois apresentam aspectos positivos em relação ao ensino de literatura, orientando através de perspectivas que visam nortear essa prática, ainda não são suficientes para embasar um ensino que contribua efetivamente para a construção do conhecimento, pois evidenciam apenas como o ensino deve ser e não enfatizam questões relacionadas ao que deve ser feito para torná-lo significativo, como apresentar metodologias, propostas de atividades ou modelos didáticos.

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (PCN, 1998).

3 LETRAMENTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA

Os novos e relevantes estudos acerca dos letramentos, desenvolvido por Street (1984, *apud* Rojo, 2009), apontam para a existência de diversas práticas sociais de leitura, escrita e uso da linguagem, o que ele chamou de *letramentos múltiplos*, ou seja, a multiplicidade de práticas de letramento presentes em diferentes âmbitos da sociedade e a multiculturalidade, ou, diferentes culturas vivendo essas práticas também de forma diferente (ROJO, 2009).

(Segue)

Dentro dessa abordagem destacamos o letramento literário, pois defendemos a sua necessária valorização e acreditamos que ele exija um tratamento diferenciado em relação aos outros tipos de letramento, porque conduz o domínio da palavra a partir dela mesma (COSSON, 2006) e diferente de muitas outras práticas letradas depende principalmente da escola para se realizar.

O letramento literário é um processo de apropriação da literatura enquanto construção literária a dar sentido ao mundo que vai muito além de um conhecimento rígido, limitado a características e informações sobre autores, textos, tempo e espaço (PAULINO; COSSON, 2009). Pensar na intrínseca relação entre o letramento literário e a sala de aula nos leva a refletir sobre os processos de escolarização da literatura segundo Soares (1999), ela nos alerta para a existência de dois processos, um que é inadequado e falso, que tende a transformar o que é por essência literário em pedagógico (COSSON, 2006). E outro adequado que parte sempre da abordagem do texto literário de forma não fragmentada e superficial, dentro de um contexto social e estabelecendo sempre um diálogo com outros textos.

“Não há como evitar que a literatura, qualquer literatura ao se tornar “saber escolar” se escolarize, e não se pode atribuir, [...] conotação pejorativa essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la, ou negá-la, por isso significaria negar a própria escola [...]. O que se pode criticar, o que se deve negar *não* é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou didatização mal compreendida que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o (SOARES, 1999)”

Sendo assim, é imprescindível que se reconheça a importância do letramento literário para

que o professor possa trabalhar a literatura em sala de aula, desenvolvendo efetivamente junto a seus alunos as habilidades de leitura, contribuindo assim para que o ensino de literatura não seja reduzido a uma mera disciplina curricular com fins exclusivamente didáticos, mas que também seja reconhecida a sua função social e de humanização. A literatura através de apropriadas metodologias em salas de aula deve transcender os muros da escola, fazer parte do contexto social e cultural dos alunos e formar para a vida.

4 A CONTRIBUIÇÃO DO PIBID PARA O ENSINO DE LITERATURA NA ESCOLA DE APLICAÇÃO PROFA. IVONITA ALVES GUERRA

Diante da problemática observada no ensino de literatura o Programa Institucional de Bolsa de Incentivo a Docência – PIBID se mostra como uma excelente oportunidade para que se possa buscar subsídios teórico-metodológicos para minimizar as lacunas existentes no ensino de literatura.

O PIBID contribui significativamente para a formação dos graduandos, possibilitando que eles tenham contato com a sala de aula antes mesmo de concluírem seus cursos, o que colabora para a formação docente no que se refere à aptidão da prática e didática de ensino, promovendo a integração entre a educação superior e básica (REGIMENTO INTERNO PIBID/CAPES/UPE/nº96, 2013, p.1).

Alguns estudantes de licenciaturas oportunamente acabam tendo contato com o universo escolar antes de se formarem, muitas vezes essa oportunidade é resultado de atividades vinculadas às disciplinas obrigatórias presentes no Perfil Curricular do curso, como Estágio Supervisionado ou Prática Pedagógica.

(Segue)

Levando em consideração que existem alunos que finalizam o curso sem expressivas experiências em sala de aula, mesmo tendo vivenciado, durante a graduação, essas disciplinas específicas para preparar o futuro professor para a sala de aula, infelizmente não são suficientes para eliminar os receios e inseguranças dos futuros professores. Deste modo, o PIBID significa um contato muito mais amplo com aspectos relacionados ao ensino, pesquisa e extensão.

O programa possibilita o desenvolvimento de pesquisas com problemáticas relacionadas ao ensino e aplicação de projetos de intervenção que contribuem para a formação dos graduandos e para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem. Segundo os autores Trivinos; Búrigo; Colao:

O professor deve ser capaz de investigar a realidade escolar como problema específico da sala de aula e da comunidade escolar, mas também um profissional capacitado como pesquisador de sua própria limitada e grande zona do campo educacional em geral. Desejamos assim um professor que ensine pesquisando até onde seja possível, e que também seja capaz, como expressamos, e reiteramos agora, de pesquisar a realidade da educação com todos os seus problemas e aspectos positivos, ou seja, que seja um pesquisador como qualquer outro pesquisador que tem as possibilidades de estudar o campo onde desenvolve sua vida profissional (TRIVINOS; BÚRIGO; COLAO, 2003).

A proposta do PIBID tem como objetivo melhorar a educação básica, inserir os graduandos no contexto de sala de aula, contribuindo para minimizar as dificuldades de aprendizagem existentes, à medida que favorece a articulação entre teoria e prática e formação acadêmica e suas funções sociais (REGIMENTO INTERNO PIBID/CAPES/UPE/nº96, 2013, p.1). No desenvolvimento dessa

pesquisa vinculada ao PIBID/Letras/Interdisciplinar Edital/PIBID/UPE nº002/2014, foi possível observar na Escola de Aplicação Profa. Ivonita Alves Guerra diversas questões pertinentes que envolvem diretamente o ensino de literatura.

Ao observarmos as aulas do 6º ano “B” do ensino fundamental II, constatamos a princípio que embora o ensino apresentasse alguns avanços no tocante ao processo de escolarização do texto literário, ainda encontramos algumas lacunas. Sendo assim, o projeto, ainda em andamento, intitulado *Literatura e ensino: novas estratégias teórico-metodológicas no ensino fundamenta II*, visa contribuir para desenvolvimento da criticidade dos alunos através de atividades lúdicas e dinâmicas voltadas para o letramento literário (COSSON, 2006), despertando o gosto, prazer dos alunos pela literatura, a fim de que se possa sanar os déficits de aprendizagem no que também se refere à leitura e interpretação textual.

Em relação às etapas metodológicas contempladas no projeto, destacaremos algumas para serem brevemente evidenciadas, como observação das aulas, aplicação de questionários, elaboração de enquête, análise do Livro Didático e desenvolvimento de atividades de intervenção na prática do ensino de Literatura. Destacaremos apenas algumas dos procedimentos metodológicos para serem evidenciados nesse trabalho, como observação das aulas, análise do livro e atividades de intervenção.

No que se refere ao livro didático, muitos manuais são utilizados como único recurso ou material para subsidiar as aulas de literatura. Levando em consideração algumas questões de ordem econômica e social ligadas ao professor, é possível perceber que muitos docentes estão se comprometendo com uma carga horária semanal que excede o limite possível de aulas, tornando-se conotativamente “máquinas de aulas”, e, conseqüentemente, acabam não tendo disponibilidade suficiente para planejar as aulas.

(Segue)

Sendo assim, o livro didático mesmo de forma equivocada e negativa facilita o trabalho em sala de aula, já que muitos livros trazem sugestões de aulas “prontas” não dando maior liberdade para que o professor as prepare com maior liberdade e autonomia.

[...] é condição de qualquer outra mais diretamente ligada ao conteúdo desse trabalho, sendo fundamental a conquista de mais tempo para preparação de aulas e do material didático, bem como a superação da condição atual do professor-máquina de dar aulas, parcamente remunerado (LEITE, 1983).

Muitos manuais trazem uma abordagem fragmentada dos textos, as obras não são totalmente contempladas, possibilitando um contato superficial com os textos literários. Alguns livros priorizam um estudo da literatura baseado na “historia da literatura” e não nas obras em si, o que significa dizer que o ensino direciona-se com mais ênfase a contemplar as escolas literárias e os estilos de época a partir de uma ordem cronológica. Quando deveria se pautar em estudos mais aprofundados, direcionadas aos textos e escritores, e não apenas a torná-los meros exemplos das características das escolas.

Na prática de leitura literária, por exemplo, o discurso do professor ou do livro didático constitui a referência cultural primeira [e única] e espera-se dos alunos, antes de mais nada, que compartilhem as ideias das obras, com discernimento, sensibilidade e emoção ou, pelo menos, do discurso sobre as obras, muitas vezes o texto não é visto como resultante de uma sócio-história que supõe sujeitos em interação, o texto acaba sendo explicado e não compreen-

dido (PRIVAT, 1995 *apud* BUNZEN; MENDONÇA, 2006, p. 43).

Em relação ao livro verificou-se que embora o manual apresente uma proposta contextualizada, ainda não prioriza o ensino de literatura como deveria, pois se limita a fragmentação das obras e não oferece uma grande diversidade de gêneros literários. Logo, se

faz necessário que os futuros docentes desenvolvam em sua formação a consciência crítica e avaliativa para a formulação (composição) dos livros didáticos adotados por suas escolas, assim como para a abordagem dada ao texto literário, que pode ou não apresentar questões sérias a serem revistas e repensadas em muitos manuais.

Foram desenvolvidas algumas sequências didáticas para serem desenvolvidas com os alunos, uma delas foi baseada no que sugerem Girotto e Souza (2010) para o trabalho com *Oficinas de Leitura em sala de aula*. Dentro dessa abordagem trabalhamos com momentos em que atividades de leitura foram realizadas explorando as sete estratégias de leitura como conhecimento prévio, conexão, inferência, visualização, perguntas ao texto, sumarização e síntese. Em seguida, desenvolvemos a *Prática Guiada*, que consiste em leituras compartilhadas, em que os alunos desenvolveram as leituras e discutiram em relação ao que cada um inferiu sobre o texto ao longo da leitura.

Em seguida propomos para que os alunos tentassem desenvolver as habilidades de leitura de forma independente, sem buscar auxílio ao professor e aos integrantes do projeto, sendo assim eles deveriam desenvolver uma leitura individual e silenciosa. Por fim foram feitos debates sobre a interpretação crítica que os alunos fizeram do texto.

(Segue)

Através das oficinas de leitura percebemos que os alunos se interessaram pelas atividades e se envolveram de fato no processo de leitura. Percebemos que a proposta de oficina de leitura opera como uma estratégia para possibilitar situações reais de leitura, em que a integridade dos textos é respeitada. Essa proposta articula-se diretamente aos objetivos do letramento literário, uma vez que respeita o conhecimento prévio, o ritmo e a interpretação de cada aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora teoricamente os problemas relacionados à literatura em sala de aula sejam reconhecidos e discutidos teoricamente por muitos, ainda é possível detectar na prática algumas concepções e ações equivocadas referentes a esse ensino. Assim encaramos essa pesquisa, ainda em andamento, como uma grande possibilidade para que pesquisadores possam, através de Programas como o PIBID, estabelecer um diálogo entre abordagens teóricas e suas aplicações práticas, podendo desenvolver intervenções teórico-metodológicas que visem contribuir para que o ensino brasileiro avance de forma efetiva.

Através da experiência do PIBID foi possível comprovar o que vários teóricos alertavam sobre essa problemática, podemos aplicar e testar metodologias, atuar em sala de aula e desenvolver a experiência de um contato maior com a docência. Além de investigar soluções para serem aplicadas. Nesse sentido, consiste um dos grandes objetivos do Programa associação três âmbitos de estudo, ensino, pesquisa e extensão.

Em suma o ensino de literatura representa um grande desafio para a educação brasileira nos dias de hoje. Reconhecer, valorizar e concretizar um ensino de literatura, como algo transformador, que trans-

cede o que é engessado nas grades curriculares e na concepção tradicionalista de muitas escolas e professores, é sem dúvida uma grande tarefa que precisa ser encarada principalmente por nós futuros professores, que inconformados com os moldes da nossa educação hoje buscamos caminhos para revolucioná-la em algo mais significativo, próximo e real dos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1980.

Brasil, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa (5ª à 8ª series)**. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

Brasil, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Orientações curriculares para o ensino médio - volume 1 – Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia. (Orgs.). [et.al]. **Português no ensino médio formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**. – teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

GERALDI, Wanderley João. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2004.

GIROTTI, Cyntia; SOUZA, Renata. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreenderem o que lêem. In: SOUZA, Renata (org.) **Ler e compreender: estratégias de leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

(Segue)

GONSALVES FILHO, A. **Educação e Literatura**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

Kleiman, Ângela B. **Leitura**: Ensino e pesquisa. São Paulo: Pontes, 2004.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LAJOLO, M. **Literatura**: leitores e leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

LEITE, L.C. **Invasão da Catedral**: literatura e ensino em debate. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). **Escola e leitura**: velha crise; novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

RÖSING, T. **Ler na escola**: para ensinar literatura no 1º, 2º e 3º graus. São Paulo: Mercado de Letras, 1988.

SILVA, E. **Críticidade e leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 19998.

SOARES, Magda B. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy; BRINA, Heliana; MACHADO, Maria Zélia (Orgs.). **A escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In EVANGELISTA, Aracy; BRINA, H. & MACHADO, M. Zélia (Org.). **A escolarização da leitura literária**: o jogo do livro infantil e juvenil. 2. ed. Belo Horizonte: CEALE/Autêntica, 1999.

STREET, B. V. Literacy in Theory na Praticce. New York: Cambridge University Press, 1984 . In: ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo, Parábola Editorial, 2009.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva; BÚRIGO, Carla Cristina Dutra; COLAO, Magda Maria. A formação do educador pesquisador. In: TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva; OYAZABAL, Graziela Macuglia, ORTH, Miguel Alfredo e GUTIERREZ, Suzana de Souza. (Org.). **A formação do educador como pesquisador no Mecosul/Cone Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

Universidade de Pernambuco/UPE - *Campus* Garanhuns - **Regimento Interno do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/** Portaria CAPES nº 96 de 18 de julho de 2013.



Ronaldo Correia de Brito



29º SALÃO DO LIVRO E DA IMPRENSA DE
GENÈBRA 2015



Varal do Brasil®

Literário, sem frescuras

Salon
du livre
et de la
presse Genève

Ronaldo Correia de Brito



29º SALÃO DO LIVRO E DA IMPRENSA DE
GENÈBRA 2015



Salon
du livre
et de la
presse Genève

Um doce chamado “mãe”

Por Rogério Araújo (Rofa)

“Mamãe passou açúcar em mim...”, diz a letra de uma música. E essa ideia não é de tudo errado. E, antes disso acontecer, Deus que criou alguém muito especial para ser um doce em nossas vidas.

Temos em nossa vida algo de muito doce que nos dá uma certeza de que a vida vale a pena. O nome desta é pequeno, mas de supremo valor: MÃE.

Mãe é um doce que açucara a vida tão salgada e sem nada que a adoce. Este “doce” dá um prazer enorme de viver e seguir em frente.

Pode ser como um pudim, mole e com calda, nem um pouco dura que derrete na boca de seu filho de modo inesquecível.

Também como um chocolate de muitos tipos diferentes, alguns crocantes, ao leite ou meio amargo que deixam a vida muito mais saborosa. Afinal de contas nem tudo é um “céu de brigadeiro”, sem problemas ou dificuldade.

Ou como um pavê com biscoito, muitas vezes enjoado, mas nem por isso ruim e que lembra a importância do ser mãe na vida do filho.

Mãe pode ser um doce muito doce, um doce sem doce ou até mesmo no ponto certo, mas que delícia o dia a dia com sua presença para adoçar com conselhos, acreditando em sonhos, os momentos indigestos, intragáveis, onde é preciso até engolir sapos.

O doce chamado mãe somente é amargo quando se vai desta vida, mas mesmo assim com o tempo permanece açucarando o filho para o seu viver porque é um doce de sabor eterno como um presente de Deus a cada um de nós.





**A literatura vai mais
longe quando feita
para todos!**

JACQUELINE AISENMAN, LIVROS INDIVIDUAIS E COLETÂNEAS VARAL DO BRASIL

coracional@gmail.com

varaldobrasil@gmail.com

Valdivia Beauchamp



29º SALÃO DO LIVRO E DA IMPRENSA DE
GENÈBRA 2015



Varal do Brasil®
Literário, sem frescuras

Salon
du livre
et de la
presse Genève

À SOMBRA DO ABACATEIRO

Por Ivane Laurete Perotti

- benevolência, piedade e compreensão dependem de uma política *interna* de educação do peso bruto

"O desespero é uma doença. É um povo desesperado, lesado por dificuldades enormes, pode enlouquecer, como qualquer indivíduo. Ele pode perder o seu próprio discernimento. Isso é lamentável, mas pode-se dizer que tudo decorre da ausência de educação (...)" Chico Xavier

A primeira curva da noite desce silenciosamente.

À margem da estrada ressequida uma pequena multidão pisa a terra com passos em desalento. Olhos minguados sacodem a esperança no movimento sem graça dos ombros caídos. Abundam entre eles o cansaço e as fomes. Muitas fomes acotovelam-se na bagagem vazia daqueles caminhantes: dezenas de orações interrompidas, dúzias de ignorâncias controladas de fora para dentro, de dentro para fora e mais dentro do que fora; centenas de injustiças e indignidades, vigorosas perdas e infortúnios. Arrastam-se confusos, desprovidos, vilipendiados, *sujeitados* ao destino que se decide em outras mãos. Apenas a vida não lhes cobra passagem, se é que *de passagem* entende-se essa vida.

Vagam homens e bichos, seres e almas encrespando mais e mais a já tortuosa pauta seca de poesia. Se música há, não acode aos ouvidos despercebidos a tempo de ilustrar as notas tardias.

Engolem verbos, inaudíveis formas, duras *inflexões* de acidentes futuros, palavras de fogo debatendo-se entre as paredes da boca. Muitas bocas, nuas bocas ardem a frio pelo caminho da noite curva. Homens e verbos *espiam* ideias, nuvens de sonhos corroidos, bilhetes marcados pela desigualdade social. Dançam os passos da indiferença, valsa desacompanhada, violência celebrada por antecipação.

Mas a escuridão que mastiga sem castigo, fustiga o berço da bondade latente, um presente da condição humana, soberana e digna faculdade de *ser gente*.

Por ordem de nascimento, as curvas guardam ângulos, isentam *quinas* por quadras de verde alento: unguento. E aos viajantes da silenciosa noite oferecem ramos, copados ramos de entendimento: letramento.

Educe-re...educere... diz a voz do vento: conduz para fora o que lhe está dentro! Permite ao homem o pão da alma, fatias do próprio sustento.

Educere... Educere... enquanto há tempo!

Alimenta o *prelo* da construção, soergue o *molhe* da compaixão! Benévolo cume, possível lume, vasto *pasto*, imberbe clarão.

Diante dos joelhos cansados, perdidos e acuados, uma página, um livro, o conjunto das letras... esteta! com jeito e calma, não se nega a palma, justa tarefa, faculta o pensar. *"Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho."* (Paulo Freire)

No amparo de um abacateiro, calejadas mãos parceiras fundem berços e abraços, compassos de longos espaços dedicados a acolher um irmão: basta de multidões perdidas, vexadas, combalidas! chega de abafar o grito, outro mito da despótica civilização.

A noite desce em curvas sobre arautos e incautos, varre no mesmo solo as estrelas do amanhecer: educar para a igualdade não é um direito, já nasceu feito, *de direto*, um legítimo *dever*!

"Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher, não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros." Paulo Freire



Mãe

Por Jania Souza

Mãe, tu és meu maior poema
no teu ventre acolchoado
fiz-me flor

sensível, suave
encarei timidamente
o deserto da terra

teu acalanto embalou-me
nas noites escuras de inverno
teus sorrisos foram estrelas
nos arranhões e quedas

tua mão era a salvação
dos meus medos, das minhas dúvidas
então descobri ao crescer
tua fragilidade tal qual minha fraqueza

foi quando aprendi
que Deus sempre te amparou
na jornada dos dias
e apreendi essa grande lição
quando estendi meus braços
e clamei em oração
a força do Pai Eterno
para meus passos incertos.

Mãe, tu és meu anjo celeste
teus braços de doce mulher

ensinaram-me a humildade
de ser apenas uma frágil forte mulher.



UMA IMAGEM QUE DIZ TUDO E TEXTO QUE NÃO A INTERPRETA

Por José Alberto de Souza



No tabuleiro das ruas se cruzam algumas delas na perpendicularidade e outras seguem paralelas para se encontrarem além da linha do horizonte, formando um mosaico de quadradinhos, de sentidos integrados.

Para onde vou não sei, meus passos me levam no rumo incerto deste trajeto aberto que me prende numa teia de mistérios, tentando descobrir razão nesta minha inquietude por saber meu lugar no universo.

De olhos vendados, atiro minhas setas aleatórias sem visar qualquer acerto em sua desconhecida trajetória para me orientar neste quadriculado de indecisões no qual tanto me empenho em inútil esforço.

Bem me quer, mal me quer, um trevo de quatro folhas, a sorte já foi lançada, tudo é possível num mundo de probabilidades, nada que possa surpreender como se já tivesse acontecido em distintas épocas.

Afinal que missão me foi legada para que eu corra sem destino por estas vias tão regulares como velhas conhecidas de antanho e que se expandem na força telúrica duma imponderabilidade de sentimentos?

Em verdade, o tempo vai se escoando no ralo da existência e eu sigo numa busca insana de chegar ao ponto crucial, tal ilusão mais se afasta à medida que tento me aproximar da amplitude da minha meta.

Desistir nem sei quando, pois a pertinácia me é incessante e eu não consigo me equilibrar, tantas dúvidas pairando na mente, vírus que se espalham por todo o resto do organismo, sem a mínima piedade.

Esperando o tempo para viver

Por José Hilton Rosa

Ofuscando meus olhos
Molham como um choro
Escondido no meu tempo
Assustado sem saber o que era

Querendo esquecer
Viver na solidão
Querendo não ser visto
Viver esquecido

Tempo lembrado
Alegria passageira
Correr para a vida
Querendo viver

Terra fértil
Lembrança do verde
Uma lágrima como recordação
Uma dor no coração

Olhos cansados
Olhando aquilo e tudo
Tudo ofuscado
Tempo passado

Esperando um aconchego
Querendo abraçar o tempo
Aproximar de todo querer
Perdido no pensamento

Ofuscando meus olhos
Cansados de tanto ver
Esperando o tempo
O tempo para viver



CORAÇÃO PARTIDO

Não existe nada como um amor impossível
para inspirar um poeta.

Pois a busca do inacessível
sempre se lhe torna meta.

E a métrica cruel
das relações incontidas
corroí o coração do amor sem medidas.

Por Leandro Martins de Jesus

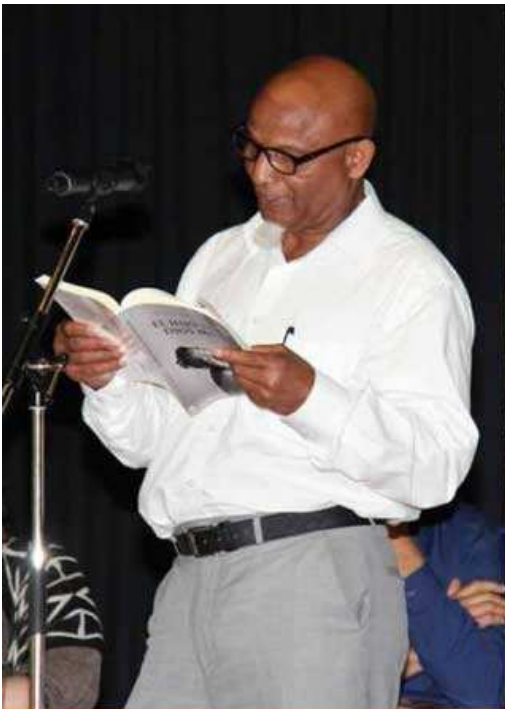


Delicioso Café da Tarde

Por Lenival de Andrade

Venho através destes versos que componho
Escrevendo com o lápis no papel ponho
Com grande emoção
Em momentos de inspiração
Que mexem com o coração
Apesar da solidão
A poesia vem e arde
No Delicioso Café da tarde





ALEXANDRE DE DEUS MONTEIRO, LÚCIA AMÉLIA BRULHARDT E
VALDECK ALMEIDA DE JESUS
ESTARÃO NO ESTANDE DO VARAL DO BRASIL
DE 29 DE ABRIL A 3 DE MAIO NO PALEXPO - GENEVRA!
ESTANDE A150



ANA CASANOVA, CONCEIÇÃO BARROS E
GRECIANNY CARVALHO CORDEIRO
ESTARÃO NO ESTANDE DO VARAL DO BRASIL
DE 29 DE ABRIL A 3 DE MAIO NO PALEXPO - GENEVRA!
ESTANDE A150

Abra um espaço na
sua vida para o amor:

ADOpte



TRÊS DIAS TUBARÃO

Por eleaesse

(Condensado do conto O Monstro e o Domingo de Ramos)

Nota do autor:

Não, senhores. Nada tenho eu, a declarar.

Deixo a palavra com um velho conhecido. Um amigo. Um senhor sessentão, muito, muito legal; legal pra caralho, com ele mesmo diria.

Não reparem, que esse meu amigo não sabe bem o que é parágrafo, pontuação ou concordância. E ainda por cima tá meio doente da cabeça. Acho que foram os três dias de pancada –na dita cabeça– que ele bravamente suportou, sem entregar, sem estragar ninguém, enquanto que, na sala a lado, o fardado comandante bebia sangue fresco com Nescal e assistia Pelé fazer mais um gol, nas eliminatórias para Copa de 70.

E, após eu gravar seu relato, esse amigo o ouviu duas vezes e gentilmente me pediu (ele nunca foi chegado a um lápis ou caderno) se eu, quando fosse passá-las para o papel, podia melhorar um pouquinho. “-Porra, tem muito palavrão!”

Ah, mas se eu mehorasse demais, pedia a graça!

Por favor, não reparem.

Abaixo, suas meigas e sinceras palavras:

“Bom dia. Nos idos anos da década de 60, precisamente em 1.967, eu era um terceirizado funcionário da UFRRJ (Universidade Rural); ocupava o cargo de borracheiro na oficina da Rural, era casado e pai de três filhos homens, sendo o maior, então com nove anos, bem pretinho –igual a um jamelão– e os gêmeos menores, bem lourinhos, iguais aos pais. O Senhor Destino da Paternidade, achou de me sacanear, e só resolveu me presentear com os louros gêmeos, três anos após eu ter pego meu querido neguinho pra criar. Acontece.

Como eu disse, a década era de 60. E os anos, de chumbo grosso.

Anos de escuras prisões e claríssimas torturas. Anos de choques nos corpos; unhas e dentes retirados, arrancados com inacreditável frieza. Anos de almas desencarnadas aos poucos, de corpos ainda vivos. Anos dos açougueiros.

Anos das fardas verdes e dos corações vermelhos. Anos absurdos.

Certamente, por residir e trabalhar no campus duma Universidade Federal, não tinha como me manter alheio, cego e surdo para o que estava acontecendo. Não, não tinha.

Ah... Quisera eu, hoje, quarenta anos depois, ainda ter saúde física e mental, pra poder bem, muito bem lembrar –lembrar e relatar– tudo, tudo mesmo, que esses velhos olhos e ouvidos viram e ouviram naquele final de década de 60. Uma tristeza, quando hoje eu forço e forço os espíritos da memória e os bichinhos saem tudo correndo, fugindo não sei pra onde. Assim como alguém que mexe num monte de terra seca e vê as centenas de formiguinhas aparecerem e rapidamente se espalharem em todas as direções. E caso a gente insista em reter, agarrar, pelo menos uma meia dúzia delas, as danadinhas metem o ferrão com vontade e aí... Ah, dias e dias com as mãos empoladas e ardendo pra caralho. Isso, fora a dor de cabeça.

Trabalhador. Cumpridor fiel dos meus deveres de cidadão. Trabalhador. Da casa pro trabalho; do trabalho pra casa. Mulher e três filhos. Um neguinho e dois louros. Desde março de 1.964, quando numa manhã chuvosa dum dia 31, eu vi a Universidade verde de tanques e jipes do exército, preferi não dar muita atenção. Prefiri deixar pra lá... Aceitar. E... E então me botaram dois grossos tapa-olhos na cara; dois pedaços de algodão nos buracos dos ouvidos, e ainda por cima, encheram minha boca com gaze e esparadrapo.

(Segue)

Tempo danado. Na Universidade, nem tanto, mas a cidade do Rio de Janeiro mais parecia um campo de... Não, não era bem de guerra... Parecia um campo de malucos, desorientados... Greves, sequestros, quebra-quebra, ônibus incendiado, trem apedrejado; a porrada cantando a torto e a direito. Ou... a direita e a esquerda. Uma desordem. Uma confusão. Gente indo presa, gente sumindo... Uma porrada de mãe, descabeladas, descabeçadas, chorando pelas ruas e becos, vasculhando delegacia, quartel, hospital, necrotério... E até os montes de lixos da cidade, na esperança de achar pelo menos um braço, ou uma perna. Quem sabe, um olho vasado. E eu cá, quieto no meu canto, todo tapado. Quase três anos. Três anos... Cego, surdo e mudo. Isolado. Tapado. Do trabalho pra casa e da casa pro... Um monte de notícia nas rádios. As palavras que mais a gente ouvia eram: comunista, trabalhador, país, exército, prisão, liberdade, governo, povo... Difícil, difícil pra caralho, pra gente achar uma ordem, um consenso, uma razão pra tanta palavra diferente. Faladas e ouvidas, tudo ao mesmo tempo. E mais difícil ainda se tornava, estando a gente com a boca e os ouvidos entupidos.

Na Universidade, meus chefes e subchefes, quase todo santo dia, reunia os trabalhadores por cada seção e, após retirar o algodão dos nossos ouvidos, pegavam um autofalante e tornavam nos alertar sobre o grave período pelo qual o País estava passando. Sim, necessário era a colaboração de todos. De todos. Necessário era que nós trabalhadores, permanecêssemos ao lado da Universidade. Jamais se afastar de perto do

Reitor, nem do Vice, que, só com eles, a gente tava protegido dum monte de pessoas sujas, feias e más. Sim, pessoas feias, sem coração, tudo querendo ver o fim da Universidade, o fim do Brasil... O fim do mundo. Pessoas feias, horríveis. Principalmente os estudantes e alguns doutores professores. *“Os que andam barbudos, são os mais covardes, os mais perigosos. Tudo tocador de fogo, da Nação”* *“Sorte que a Universidade ainda tem vocês, tudo trabalhador e gente de cabeça limpa.”*

As raras vezes em que reclamávamos, alegando que ultimamente não se estava enxergando quase nada, eles diziam que os tapa-olhos era pra que a gente não visse o monte

de tanque, jipes e soldados, diariamente no Campus, levando pessoas. *“Vocês são trabalhadores, não precisam ver isso.”* Numa dessas reuniões, foi o próprio Reitor, quem veio e afirmou com todas as palavras: *“Quem quiser manter seu emprego e a moradia cedida pela Universidade, trate de ficar calado e colaborar! Sim, colaborar. Vocês tão me ouvindo?! Estudante é estudante. Trabalhador, é trabalhador! Estudante, é tudo filhinho de papai! Trabalhador, é tudo sacrificado! Ou vocês tão dum lado, ou do outro!... Pensem nos seus empregos e suas moradias! Pensem nas suas famílias!... Olhem também a borracha, comendo solta nas costas dos desavisados!”*

É, e depois do falatório de quase uma hora. A gente ainda era obrigado ficar perfilado e cantar bem alto: “ - Eu ti amo meu brasil, eu ti amo, meu coração é verde amarelo da cor anil”. A porra da música era infundável e quando a gente terminava, tava tudo enfadado. Abestado.

Ah... Tivesse eu, ainda hoje, condições físicas e mentais, para botar em ordem, fazer uma fila daquelas lembranças, naqueles anos... Naquele final de década. Muito, muito preciso dessas lembranças, pra contar, relatar a uma meia dúzia de filha-da-puta, que ainda hoje insistem em manter os ouvidos cheios de algodão. Malditas formiguinhas que escapolem ao menor contato das minhas mãos com o montículo de barro seco. Isso quando não metem o ferrão nos meus dedos. Malditos insetos, que preferem o esconderijo no monte abandonado pelos cupins.

Acho... Acho não, tenho certeza, que o início da transformação – da minha transformação – foi a partir daquele Domingo de Ramos de 1.967. Sim, um domingo que tinha tudo pra ser um feriado comum, normal. Salvo pela incumbência de eu e meus dois vizinhos, Seu Zé e Seu Jonas, botar abaixo um pé de eucalipto. Acho que aquele dia não era nosso dia. Deu tudo errado, a corda não sustentou e a porra do eucalipto achou de cair bem no meio da casinha do Seu Zé. E a Dona Marina, sua esposa, por pouco não... Nem é bom pensar.

(Segue)

Acho... Acho não, tenho certeza, de que foram certas palavras e atitudes, tão... Tão presenciadas, tão assimiladas naquele Domingo de Ramos. Sim, palavras e atitudes. Vindas dum Rapaz tão simples, tão calmo e educado. Apesar do cabelo cheio de tranças e o jeitão de maconheiro. Verdade. O monstro do eucalipto trepado, esmagando a casinha do revoltado Seu Zé; a gente num sufoco danado e esse Rapaz, sorrindo e a todos acalmando. “*Calma, calma, minha gente. Dona Marina escapou*”. Solidariedade. Made in Polônia. Uma aula de civilidade. De esperança. Companhia. Nem parecia ter sofrido a maior grosseria de nossa parte, há

três meses atrás.

Uma aula de solidariedade. Aula que arrancou para sempre os pedaços de algodão, gazes e esparadrapos, enfiados em tudo que era buraco da minha cara. O eucalipto sendo retalhado, retirado aos pedaços de cima do casebre e Ele orientando, buscando serras e correntes e calmamente, dando opções. “*Companheiros, o povo unido, desfaz qualquer besteira que jogam em cima da gente. Até um eucalipto.*”

Dane-se, porra de emprego mixuruca e merda de barraco, sem água, luz e esgoto, ostentadamente cedidos pelo Governo. Não, não valia a pena. E era isso, o que o Rapaz, em meio a galhos e folhas, foices e machados, tentava nos mostrar. Alertar. Porque, porque, a gente, abaixar a cabeça e trancar o cú, por tão... Tão pouco!...

Sim, foi nesse Domingo de Ramos, que e gente pressentiu que precisava o Rapaz, o agora companheiro, da mão calejada dum trabalhador. Sim, precisava o Rapaz do encurtamento, do estreitamento entre estudantes e trabalhadores.

Os cachos nos cabelos e o baseado na mão... Isso, depois a gente resolveria.

Fodam-se certas convenções. Merdas de estigmas. Então tudo, tudo se clareou. Finalmente a compreensão do incompreensível. Incompreensível mesmo, era a separação, a distância entre um estudante e um trabalha-

dor. Semelhantes as canetas e as chaves de venda. Semelhantes os livros e os pneus para concerto. Tudo necessidades. Tudo irmão. Porque a surdez e a cegueira, no meio de tanta coisa feia acontecendo bem na nossa cara?!... Bem no meio da caneta e da chave de fenda! Porra, montes de livros fechados e uma porrada de pneu pra consertar. E a gente... Aguardando porra de ordem verde.

Porque a lonjura duma sala de aula pra uma oficina?!... Porquê?!... Se uma tanto depende da outra!... Pro caralho, certas separações!

Nesse bendito Domingo de Ramos, eu tomei uma cachaça da porra. É, tomei. Mas, no outro dia, cedinho eu me levantei. Sem ressaca. Num ato repentino, quase violento, fui ao banheiro que ficava no fundo do quintal e arranquei com fúria todo o algodão, gaze e esparadrapo. A cara bem limpinha. Lavada. Os ouvidos, destapados. A alma, também. Liberdade, ainda que...

Liberdade. Dentro da lata de vinte, que a gente botava água na privada, já não havia porra de jararaca nenhuma, me olhando, vigiando... Impedindo meus passos. Serpente do diabo. Numa louca carreira, fui até as casas do Seu Zé e Seu Jonas e mostrei minha limpa cara pra eles. Quase caíram de costas. “*Tá maluco, cara?!*” Depois, com toda calma, sutilmente, gentilmente os convidei pra visitarem o meu banheiro. Abri a portinhola e apontei para o fundo do vaso sanitário. Gentilmente mostrei aos dois, as tiras de gaze e os pedaços do esparadrapo, tudo boiando no fundo do vaso. E a jararaca, despedaçada, morta. A serpente, pelo menos aquela, mantinha os olhos abertos, mas tava abatida. Sim, eu, um trabalhador igual a eles, havia conseguido!... Com certeza, a também limpeza dos seus rostos... A inconveniente surdez dos seus ouvidos... Porra, chega de tanta gaze e esparadrapo! Múmia, é o caralho. Só dependia deles... Só dependia de nós!

(Segue)

Sáímos daquele banheiro, de rostos limpos. Lavados. Sáímos abraçados, sorrindo. Leves. Livres. Quase felizes. Parece que a gente tava adivinhando.

Adivinhando. Três meses depois, numa noite de muita chuva...

Como e porque, abandoná-Lo naquela noite chuvosa, em que Ele apareceu lá em casa, com um braço virado ao contrário e dois tiros na perna esquerda?!... E ainda carregado por dois barbudos assustados, mal encarados, cheios de hematomas e com caras de fome. E armados até os dentes. Minha mulher quase morre do coração. Mas era ela também, uma companheira. Um rosto destapado. Botou a panela de água pra ferver e correu pra acordar Seu Zé e Seu Jonas. Seu Jonas já chegou com gaze, algodão, faixas, methiolate e um bisturi. Não, não era médico, mas auxiliava um doutor, na Escola Veterinária da Rural. Servia. O bisturi era pra fazer a ponta do lápis do Carlinho. Mas quebrou um galhão. Os dois pedacinhos de chumbo logo caíram na minha tigelinha de comer doce de leite e a esposa do Seu Zé já oferecendo a caixa de papelão com linha vermelha e agulha dentro. Sim, a linha vermelha. Puta da vida, porém corajosa.

E foi preciso que os dois barbudos segurassem firmemente, que o rapaz muito se debatia, e, para fazê-Lo parar de gritar, um monte de gaze, que Seu Jonas enfiou-lhe boca adentro. Braço teimoso, pra voltar pro lugar.

Ah, devo acrescentar que, gaze e esparadrapo passaram a sobrar naquelas três casinhas. Sim, toda vez que nossos chefes e subchefes nos chamavam pra nova remessa desses famigerados produtos, a gente aceitava, é claro. Mas nunca mais que os enfiamos nos nossos buracos. Nunca mais. Não, não éramos mais tão tapados.

Ah, também devo acrescentar que esses produtos não eram da cor normal, branca. Totalmente brancos? Não, não eram. Tanto a gaze, quanto o esparadrapo vinham nas cores vermelha, azul e branco, Made in Lustrados. Um custo, pro Rapaz aceitar essas cores nos seus curativos.

Incrível. Nem ainda dois meses e o Ra-

paz já estava quase bom. Cara de sorte. Também foi a boa vontade do Seu Jonas. Mesmo sendo somente um auxiliar de doutor médico veterinário. Os dois buraquinhos das balas, quase sarados e só a fratura do braço esquerdo, é que doía um pouquinho. Foi Ele mesmo quem nos orientou que era melhor que Ele ficasse lá no fundo do quintal, no quartinho onde Seu Jonas guardava as ferramentas e Tubarão se escondia da chuva. Precaução. E o quartinho sempre fechado. Segurança. Mas, nos dias de chuva muita, as goteiras também eram muitas e a gente corria com Ele pra uma das três casas. Cada dois dias numa das três casas. Dava um trabalho danado, mas era necessário. Mais seguro. E assim ficou: cada dia um se incumbia dos cuidados. E o os cuidados maiores, as atenções maiores agora tinham que ser feitos, observados, sobre que poderia de repente acontecer, fora daquelas três casas. Sim, fora das casas. Olhos e ouvidos bem abertos. As bocas, bem fechadas. Agora os lobisomens atrás dos eucaliptos eram reais. Sim, eram reais e insaciáveis por sangue. Eram reais e usavam camuflados uniformes verdes.

E o Rapaz tinha o dom; uma beleza pra cativar a todos nós... Tanto as senhoras, quantos as crianças, das três casas, disputavam o "doente". Quase estoura os pontos, de tanto rir, quando uma noite, a gente tudo reunido em volta da sua cama, comendo macaxeira frita com café e lembrando, comentando da cachaçada no dia que o eucalipto caiu. Lembrando da minha ébria pessoa desmaiado no chão e o sapão cururú bem em cima da minha cara. Ah, a espingarda disparando... Bem, deixa pra lá. Não gosto de lembrar não, que eu morro de vergonha.

Ah... As crianças... Sete, ao total. Duas do Seu Zé, mais duas do Seu Jonas, e as minhas três. Muita conversa, muita caça por palavras, para alertar aquelas crianças da não necessidade de outras pessoas ficarem a par do que acontecia naquela nossa ruazinha cercada de eucaliptos e com apenas três casebres. Perigo era a boca dos que iam pra escola.

(Segue)

Mas graças a Deus a molecada se comportou como gente grande. Também se mostraram companheiros. Era como se aquelas inocentes crianças brincassem de agentes secretos. Agentes da URSS, USA e BR. Brincar? Brincar, porra nenhuma, que a coisa era séria pra caralho.

Um perigo. A floresta de eucaliptos, verde, tinha dia que ficava ainda mais verde, tantas eram as fardas, de prontidão, escondidas atrás dos inocentes troncos. Lobisomens. Homens-coruja, tudo de farda, fuzil, bota e mochila nas costas. Cada olhão!... Homens-coruja. Sorte que a gente tinha Elias, um danado pra farejar e correr para avisar. Avisar que os bichos bem estavam vivos, de tocaia, com as antenas dos rádios levantadas. Não, nem bala de metralhadora, nem binóculo, nem olhão... Nada, nada alcançava Elias, na ponta mais alta do dum eucalipto. Invisível. De lá, tudo Elias via, bem quietinho, as vezes durante todo o dia, com uns biscoitos ou um pedaço de bolo de milho. Às vezes faltando à escola. Às vezes, com fome e sede. E quieto. Quando caía a noite, Elias descia e, como um anjo noturno, voava pra nos alertar.

Tem hora eu fico cá, meditando: porra, naquele montão de dia, que Elias ficava enganchado, lá na ponta do eucalipto mais alto... Um moleque com só nove anos... Só de bermuda, com o magro corpo todo listrado de tinta verde e marrom (obra Dele)...

Ah, meu neguinho... A fome e sede... O dia todo... As vezes chovendo pra caralho... Um monte de capeta e demônio, tudo a fim de carne e sangue... E Elias firme, na baixa, invisível... Um brasileiro. Quando a noite chegava e ele voava para casa, os amigos do Rapaz eram os que primeiro corriam, para o abraço. Uma festa. Depois, Elias, já de banho tomado, sentava na mesa, e, com cara de chefe de estado, era rodeado, bajulado pelos “companheiros”. Uma festa. Com a boca cheia de comida, contava empolgado como fora mais esse dia de... “fiscalização”. Perguntas. “Quantos, hoje?” “Muita arma?” “Tavam se comunicando?” Uma porrada de pergunta e o meu neguinho para todas, tinha respostas. Virou “camarada” Elias.

Camarada Elias.

“– Ô, camarada Elias... Tu não tem medo, de ficar sozinho no meio da floresta, o dia todo em cima duma árvore?...”

“– Que medo, nada!... Nada de medo!... E o monte de passarinho, que eu salvei daquela vez que o eucalipto?!... Tudo grandão agora... Tudo com asa e bem pertinho de mim, o dia todo tomando conta, até eu descer da árvore e correr pra casa!...”

Determinados seres humanos comparecem a esse mundo com uma missão a cumprir. São as chamadas pessoas pré-destinadas. Pessoas que cospem em merdas de estigmas. Pessoas do bem, para o bem. Elias nasceu pra salvar vidas, pra esticar existências. No dia da queda do eucalipto, Elias salvou mais de vinte passarinhos. E ainda salvou a esposa do Seu Zé. Sim, começou com passarinhos e a esposa do Seu Zé, e daí não parou mais. Um danado, esse Elias. Sim, por mais profundo que fosse o poço do Demônio, o anjo Elias sempre dava um jeito de esticar seu braço de homem-elástico e resgatar lá do fundo, uma alma que o bicho tava prestes a meter o dente. Não, não foi um nem dois demônios que tiveram que enfiar os dedos no cú e rasgar, de tanta raiva, quando Elias os driblava e saía correndo com a alma nas mãos. Mesmo pisando em cacos de vidro ou em brasas vivas. Que me perdoem meus outros dois filhos lourinhos... Mas eu acho que gosto mais é do jeito de Elias. Meu neguinho querido. Brasileiro de coragem, determinação.

Teve um dia e também foi só dessa vez, que a Moça, irmã do Rapaz, veio finalmente visitá-lo. Pálida, magra pra caralho. O rosto ainda era bonito, mesmo com as duas cicatrizes, uma sarando e outra sangrando. Mesmo com a cabeça raspada a zero. Ainda era bonita. Ficaram um tempão abraçados. Irmãos. Sorriam e choraram. Mas nem uma vez tocaram no nome da mãe. Nem do “pai”. Depois foram lá pra baixo do pé de acerola, e ficaram mais um tempão, conversando e anotando coisas. Uma pena, Elias, lá na floresta, de tocaia, nem chegou a tempo pra ver sua tão estimada e outra Doutora Márcia. Se Elias fosse um pouquinho maior eu bem ia deixar essa Moça namorar com ele. Bem deixava meu neguinho ser cunhado Dele (Segue)

Ah, a Moça, depois ficamos sabendo do sofrimento dela, dentro dos porões da covardia. Vagina e anus, mutilados, talvez inutilizados para sempre.

Caralho, quase nove meses!... A Copa do Mundo já começa mês que vem, no México. Seleção Brasileira. Pelé e Tostão. Bola na rede. Cá fora, rede de pescar, prender e torturar. Gol contra. Seleção... Porra, fizeram a maior sacanagem com o mestre João Saldanha...

Quase nove meses.

Não, não que eu desejasse isso. Mas, falar a verdade é preciso: foi um alívio para nós os maridos, e um alívio ainda maior para nossas esposas, quando o Rapaz pode finalmente partir para seu destino. Uma semana, com caminhonetas a noite toda levando, carregando a bagulhada. Desmanchando acampamento. Caralho, quase nove meses! E Ele foi o último a sair, escapulir, escafeder-se. Foi-se embora numa noite fria, bem de madrugada. Bem de madrugada apareceu um jipe, que, mesmo não sendo verde... Ah, mas deu um corre-corre danado. Porra, logo uma merda dum jipe?!... Um jipe!... Ainda mais àquela hora... Era pra matar um do coração. Ah, mas eram apenas dois rapazes, ainda bem novinhos e a irmã Dele. Ah, e arma, era o que não faltava naquele jipe. Quase não teve despedida. Era madrugada, fazia um frio da porra e os do jipe tavam numa pressa danada. Nunca mais ouvimos falar do Rapaz. Nunca mais.

Não, não tenho vergonha de afirmar. Foi um alívio. Nove, nove meses!... Porra, que sufoco! Cada dia, mais e mais pessoas; rapazes e moças freqüentado; chegando nas três casinhas para cochichar, discutir em voz alta, reclamar, blasfemar, tramar, sorrir, chorar... e o Rapaz a todos, calmamente atendendo, orientando. Roupas, armamento, papelada, rádios,

antenas, transmissores...! Caralho, os três casabres viraram, se transformaram em bases!... Base de *comunistas*!... Bem na cara; bem nas ventas dum órgão Federal! Dentro dele!... Puta que me pariu!... Um sufoco! E cada dia, mais e mais, a nossa floresta, verde de jagunços, soldados, sargentos e capitães!... E na hora que aparecesse, que chegasse o tal... General?!... Cruz Credo, fudeu!

Porra, não tou dizendo?!... É só começar a lembrar daquele tempo, que a cabeça começa a doer. Uma dorzinha fina, chata pra caralho.

Essa dorzinha nojenta apareceu desde que os médicos retiraram o coágulo da minha cabeça. Durante um bom tempo da minha vida, eu bebi pra cacete e nunca, nunca amehci com porra de cabeça doendo. Mas, duns tempos pra cá... Ah, mas eu devo o coágulo que foi embora e a dor de cabeça que ficou, a dois gorilas fardados, que durante três dias e três noites, quase me arrebentaram de pancada. Não consigo compreender como um ser humano consegue espancar outro ser humano durante horas e horas, na maior calma e cara de pau. Horas e horas. Bate, pára, bate de novo... Não se cansam. Não se envergonham.

Três dias. Três dias, os putos me batendo direto, dentro dum quartel, na Praça Tiradentes. Tudo culpa de Tubarão.

Tubarão, mesmo sendo um bom cachorro, sempre teve pinima pro meu lado. Já expliquei mil vezes pra ele, que eu tava no chão, bêbado, desmaiado, com um sapo em cima da cara e nem vi quando a espingarda disparou e atingiu de raspão, seu rabo. Mil vezes já expliquei, mas a implicância continua. Já fazia quase um ano que o Rapaz havia se retirado do nosso dia-a-dia, quando, numa bendita sexta-feira bem cedinho, dois jipes do exército apareceram do nada, bem em frente das nossas casinhas. Saltou uma porrada de seres fardados de verde e com metralhadoras apontando. Seu Jonas e Seu Zé já tinham saído pra trabalhar e eu tinha dado um nó cego, pois queria ficar em casa, que hoje tinha amistoso do Brasil. Os seres fardados nem bom dia deram, foram logo partindo pra cima de mim, perguntando onde estavam escondidas a armas e os comunistas. E já foram invadindo nossas casinhas, apavorando as mulheres e crianças e botando tudo pra fora das casas. Uma gritaria danada. Eu bem que tentei reagir, gritando se eles tavam malucos ou eram viados. Porra, que respeitassem as crianças, tudo chorando agarradas nas mães!

(Segue)

Que nada, tomei foi logo uma coronhada de fuzil nos peitos, que me deixou sem fôlego. Aí eles se dividiram em três grupos e passaram a vasculhar os casebres. Uma esculhambação. Até as panelas com comida os nojentos jogaram no chão. Precisavam estourar minha meia garrafa de Pitú? Uma covardia. Uma esculhambação. Quase uma hora, eles revirando tudo e um cano de metralhadora encostado na minha cabeça, até que um dos fardados, que tinha mais divisas nos ombros, chamou os outros e foram conversar, afastados. Eu tremia de ódio. Garanto que se fosse só dois ou três, eu tinha estourado tudo na porrada. E depois enfiava a metralhadora no rabo deles. Conversavam e olhavam pra mim. Agora, o que tinha mais divisa discutia em voz alta com outro, se afinal era ou não pra me levar. Decidiram que não valia a pena. Afinal nada de mais acharam nas três casinhas... Informação falsa. Foi aí que o triste do Tubarão entrou em cena. Não sei se foi alguma mágoa guardada ou que porra foi. Só sei que Tubarão achou, justo naquele momento, de aparecer, todo bobo, abanando o rabo e trazendo pendurado nos dentes, um resto de mochila que há muito tempo o Rapaz havia enterrado lá no fundo do quintal. No dia, eu bem falei pra Ele queimar, tocar logo fogo com mochila e tudo. Porra, sumir de vez com aquelas porcarias, mas tava chovendo e Ele preferiu enterrar bem fundo. E agora, justo agora, me aparece a porra do Tubarão, todo bobão, com ela entre os dentes arreganhados. Solto bem nos pés do que tinha mais divisas. Só podia ser pinima comigo. O ser fardado avançou para a mochila toda rasgada, babada e suja de terra e virou-a de cabeça pra baixo. Porra, fotos e papel pra caralho, caiu de dentro da tal mochila. O homem sorria, sinistro, enquanto examinava os papéis.

Não, não teve jeito. Uma cena horrível: as mulheres e a molecada tudo chorando, implorando e eu, já amarrado, igual a um porco, na carroceria do jipe. Antes do pontapé (o primeiro) nas costas, ainda bem ouvi: "Direto pro quartel! Direto pro quartel, que o peixe é dos grande!"

Três, três dias e três noites. Tapa na cara, murro no pé do ouvido, cassetete no fígado... Pancada na solas dos pés. Três unhas arrancadas... Choque na cabeça de cima e

depois na de baixo... Choque na porta do cú... Gritos e ameaças de todo tipo. E muito balde de água podre e gelada... Gelo e sal grosso. Porra, água gelada, sal e fio elétrico é foda. Dei sorte, que o saco plástico que eles trouxeram não coube na minha cabeça, que tava muito, muito inchada. Mais porrada, mais agulha embaixo das unhas dos pés. Tem hora que é tanta dor, uma em cima da outra, que a gente até fica meio dormente, meio demente. Já nem sabe mais o que sente, Não distingue mais. E tome choque. "Já que o senhor não fala, a gente vai ser obrigado a trazer sua esposa. Garanto que ela fala!"

Não, eu nada falei. Não entreguei, nem estraguei ninguém. Mas também... Falar o quê?!... Entregar quem?!... Que porra sabia, eu?!... Quanto mais eles me judiavam, mais eu espumava de ódio, e não abria a boca. Só pensava na minha mulher e nos meus três filhinhos. Garanto que, se Elias tivesse aqui, ele ia dar um jeito de me salvar. Bem dava um jeito de driblar, deixar os açougueiros putos da vida. No quarto dia apareceu a mulher do Vice Reitor com uns quatro ou cinco, tudo de terno e gravata. Uma hora depois me mudaram de cela. Pararam com a pancadaria. Agora era só cuspe na cara. No quinto dia eu já estava em casa. Passar antes num hospital? Deus me livre! Precisar, eu muito precisava, mas... Era comum, em casos como o meu, criaturas invadirem hospitais e... Até as macas desapareciam!

Em casa. Todo arrebetado, mas tava em casa. Duro, duro mesmo, eram as visitas. Colegas de trabalho, chefes e sub chefes... Eu morrendo de dor, todo inchado, tomando sopa de canudinho, quase sem poder falar, e os putos me enchendo o saco, repetindo a todo, todo minuto: "*Cara, como você, logo você, foi se meter nisso?!... Tanto que a gente avisou!*"

Soube que durante os quatro dias da minha ausência, Tubarão cheirava minhas sandálias e gania muito, como que sentindo a minha falta. Porra, vá entender um cachorro desses.

(Segue)

Demorei muito pra descobri e retirar o tal coágulo na cabeça. Até hoje, quando eu forço um pouquinho a mente, pra lembrar das coisas, a dor aparece na hora. Uma dorzinha fina, chata pra caralho.

Não, não tenho como negar. Só me ocorre é dor, quando eu me lembro daquele final de década de 60. Não tanto a minha dor, mas... Porra, mas o que eu vi e ouvi nos cubículos daquele quartel, naqueles três dias de agonia... Puta que me pariu!... Não dá pra acreditar! Dali, eu saí acreditando que existe mesmo homens-açougueiros. De carne humana.

Então, não tou dizendo?!... É só ter uma lembrancinha...

E agora as mãos deram pra formigar pra caralho.

Tem noites que eu vejo os miseráveis cara-a-cara comigo, do lado da minha cama. Tudo de cacetete na mão. Cada um olhão de satanás!... Depois eles voltam tudo pro monte de terra seca, abandonado pelos cupins. Uns covardes.

Ah, antes que eu me esqueça... Porra, nem falei meu nome pra vocês. Nem me apresentei. Leva a mal, não.

Meu nome é Olívio da Assunção. Sou um aposentado da Universidade Rural. E um dos meus netos, filho de Elias, completa amanhã, Domingo de Ramos, seu primeiro aninho de vida

Fim



CINTIA MOSCOVICH, DULCE RODRIGUES E JANIA SOUZA

**ESTARÃO NO ESTANDE DO VARAL DO BRASIL
DE 29 DE ABRIL A 3 DE MAIO NO PALEXPO - GENEVRA!
ESTANDE A150**



BLENDA BORTOLINI, JACQUELINE AISENMAN E
ISIS BERLINCK RENAULT
ESTARÃO NO ESTANDE DO VARAL DO BRASIL
DE 29 DE ABRIL A 3 DE MAIO NO PALEXPO - GENEBRA!
ESTANDE A150



CAUÊ BORGES, LUIZ PAULO FACCIOLI E MARCOS ASSUMPÇÃO

ESTARÃO NO ESTANDE DO VARAL DO BRASIL
DE 29 DE ABRIL A 3 DE MAIO NO PALEXPO - GENEBRA!
ESTANDE A150

Em prol da literatura

Por Luiz Flávio Nascimento

As tuas palavras intensas, imensas
Que alcançam a profundidade
Realçam a felicidade.

E no livro que abro, onde leio o teu recreio
Me ilumino.

Tua Narrativa é colorida
Repleta de vida, como uma escada
Que nos leva, nos transporta
À fantasia e à alegria.



Poderia ter sido

Por Maria Delboni

As palavras têm vida própria, vão muito além do significado, carregam antes sua carga etimológica, pode-se dizer que elas nascem com sentido de tempo e espaço. Daí a necessidade de escolher que palavra usar para cada pessoa e em que situação, pois elas podem levar a uma cilada ou a uma situação incomoda – como dizem te colocar em uma saia justa.

Sabrina conheceu Étore em uma festa junina, estas de colégio, onde todo o alunado participa das vendas de artigos diversos, das barraquinhas, das danças típicas e do coreio elegante – este era o elemento chave, oportunidade de encaminhar um namoro, fazer uma amizade e quem sabe abrir a alma falando daquele sentimento que estava atravessado na garganta – para os mais afoitos, claro.

Étore estava sentado sozinho, e parecia olhar para Sabrina cada vez em que ela passava perto dele, de uma feita Sabrina resolveu parar e perguntar se ele queria algo, afinal era este o seu serviço: vender bebidas. Ele lhe pediu uma cerveja e um espetinho. Anotou o pedido e perguntou se ele queria algo mais, e ele respondeu que com certeza

queria muita coisa mais, algo especial, que pudesse quem sabe lhe dar um rumo, mudar sua vida – queria muito. Sabrina olhou para ele, por uns segundos e se perguntou se seria isso uma cantada.

Trouxe o pedido, esperando que ele lhe pedisse para sentar ou lhe convidasse para dançar, mas ele não deu sinal de que faria nem uma, nem outra coisa, assim, relutando, Sabrina seguiu seu caminho. De vez em quando, de onde estava ela olhava para ele e ele estava lhe olhando – parecia que estava. Serviu outras mesas e passado algum tempo, ela resolveu voltar à mesa de Étore. Ele pediu outra cerveja, sorria, falava da festa, da música, de como ele esperava que a noite terminasse bem. Sabrina pensava – lógico, ele está me cantando.

Ela começou a pensar que ele precisava de um empurrãozinho, mesmo falante deveria ser tímido e como a quadrilha ia começar, resolveu chamá-lo para dançar perguntando se ele queria ser seu par.

Ele aceitou, e se encaminharam para o centro da pista; como bom cavalheiro ele segurava sua mão lhe direcionando. Sabrina não conseguia depois se lembrar de quando a quadrilha havia começado, pois sua cabeça começara a girar ao toque de mão de Étore e ela começara a dançar naquele instante, antes mesmo de chegar à pista, olhando seu rosto e seus olhos que lhe sorriam. (Segue)

Eram olhos claros, translúcidos e ternos. do conta do real interesse de Étore por ela. Havia em verdade muita ternura naquele Ela pensava que podia ser timidez, tinha olhar, muita tranquilidade, eram olhos lindos, para serem olhados, admirados e ela se certa de que ele lhe desejava, que ao dizer perdia naquele tumulto de sensações que to- que queria muito daquela noite, se referia a ela e voltou a fantasiar com seus olhos, mava conta de sua razão. Em suas mãos ela com suas mãos em seu corpo, sonhar com poderia ser levada ao céu ou ao inferno, e seus beijos – meu Deus seus beijos seria tudo de bom, viajar naquele céu, guardar seu nem se daria conta – ela sonhava.

Durante a quadrilha ela se perdia e se encontrava em seus braços, ora passando pelas sabor, sentir na pele seu perfume – ela também queria muito, e queria de verdade. mãos de um parceiro na dança ora pelos O salão ficou cheio, e todos pareciam estar braços de outro, mas seus olhos não conseguiam se desviar de Étore, de seu rosto ou com fome e sede, e Sabrina começou a ir e vir sem parar, atendendo às pessoas, anotando suas costas quando ele volteava com outro pedidos, entregando correios, era um retrato garota, não importava, ela precisava estar demoinho de sensações, dentro dela e lá fora com os olhos nele, era estranha a força ra. O burburinho se transformava em barulho que a atraía e direcionava. E quando acontecia o “Tour com seus pares”, e ela voltava dos, tentava ir até a mesa de Étore e não a se encontrar em seus braços, suas pernas conseguia, virava a cabeça a toda hora buscando bambas, suas mãos ficavam trêmulas e seus olhos pareciam beber dos olhos de ra si mesma e encher seu corpo e alma de Étore, no entanto sua boca estava muda e luz, e de repente ela se deu conta de que ele não dizia nada, ou se disse ela não se lembrava. não estava em sua mesa – enlouqueceu.

A quadrilha terminou e, Sabrina descobriu Onde Étore teria ido? Será que tinha ido embora? Não era possível, era ainda muito cedo para isto, a banda havia começado a tocar e ela queria dançar com ele, realmente ali, naquele momento.

Ela esperava que Étore a chamasse para sua dançar, a dois, agarradinho – seria uma glória. mesa, que comesçassem a conversar, que ele

lhe falasse algo, mas ele não disse nada, ou E onde estava ele? Precisava encontrá-lo. melhor disse –lhe pediu outra cerveja. Talvez tivesse ido ao banheiro

Ainda naquele momento ela não tinha se da- (Segue)

Era isto, ele havia tomado muita cerveja. Este pensamento lhe confortava, mas não impedia que a toda momento ela lhe buscas-se com os olhos e – sem sucesso.

Resolveu procurá-lo, deixou seu bloco de pedidos com uma amiga dizendo que ia ao banheiro e foi à luta – ela precisava encontrá-lo era questão de vida ou morte, ou para ser mais exata, de beijos, ou não beijos.

O primeiro lugar de busca foi o banheiro. Os banheiros ficavam um ao lado do outro – masculino e feminino. Assim que não era estranho ficar do lado de fora, era como se ela esperasse sua vez de entrar. Esperou. Esperou até se dar conta de que ele não estava lá dentro. Ninguém fica dentro de um banheiro 20 minutos – não, ela precisava olhar outros lugares, talvez atrás da banda, ele poderia estar fumando. Ele tinha que estar fumando, não era outra coisa.

Deu a volta na quadra e alcançou os fundos, estava escuro, por trás do palco havia muitas caixas e a luz não passava direito, mas conseguiu visualizar um vulto no canto esquerdo, justo onde estava mais escuro. Acercou-se precisava ver quem era. Ao se aproximar um pouco mais viu que o casal estava se beijando, e que as roupas de um lhe parecia familiar. Sim, era Étore, e estava beijando, Céus, outro homem. Deve ter feito algum barulho, pois ele se virou e lhe perguntou se ela buscava alguma coisa. Ela não disse nada, se virou, correu, caiu e levantou-se. Sen-

tia-se uma idiota, as lágrimas teimavam em cair e lhe cegavam; seus pés tropeçavam nos cacos de seus sonhos quebrados e ela não conseguiu voltar ao salão. Foi para casa. Precisava colocar as ideias em ordem e chutar aquele romantismo barato para o fundo do baú, se recompor, se vestir de realidade – lhe esperava um novo dia, e neste, quem sabe ...?

PARTICIPE DAS ATIVIDADES DO VARAL DO BRASIL!

**Visite nosso
site e
conheça nossa
história, nosso
histórico,
nosso dia a dia...**

www.varaldobrasil.com

**LITERÁRIO,
SEM FRESCURAS!**

Não venho do buraco

Por Maria José Vital Justiniano

Aninha vivia sozinha em um pequeno apt. no bairro nobre de S Paulo. Apesar de ser pequeno seu apt tinha ares de luxo. Porém, a jovem de 25 anos não estava satisfeita com sua vida. Estudava em uma universidade particular o curso que sempre desejou- medicina. Sua vaga na garagem era garantida e seu carro esporte era seu companheiro inseparável .

_Alô ...alô...não... não pode mandar subir eu não conheço Arlindo nenhum. Mande embora.

_Ele insiste é? Vou sair agora e vejo na portaria.

Perfumou-se pegou sua bolsa e a chave do carro.

Recusava-se a acreditar no que via na portaria...um jovem de cabelos desfeitos insistindo em dizer que era seu irmão. O porteiro tudo assistia sem interferir.

_Aninha faz mais de dez anos que viajei para o exterior e você já se esqueceu de mim?

_Não o conheço e vou chamar a polícia. Eu não venho do buraco que parece ser de onde saiu.

_Não precisa chamar a polícia. Eu represento a polícia. Sou policial federal.

_Não parece. Seu aspecto é de um desempregado que não tem dinheiro para um corte de cabelo.

_Ora, minha maninha, a modernidade fala mais alto.

_Como me encontrou?

_Lista de telefone. Listel com endereço. Seu nome é inconfundível. Ana Gertrudes Pacheco Piarrê.

_ Meu Deus. Este é meu nome. Mas afirmo que não tenho irmão.

_Ora, seu pai é o mesmo que o meu. Um industrial que tem seis fábricas de avelãs e a maior fábrica se chama AVELÃS & CIA FICA EM Osasco.

O porteiro saiu de perto dos dois. Neste instante Aninha reparou nas mãos daquele homem. Eram ásperas. Teve medo. Afastou-se um pouco para chamar o segurança, quando de repente..., o homem a agarrou.

_Solte-me.

_Vou ser curto e grosso. Eu te conheço da cidade onde nasceu. Sou aquele rapzinho que desprezou quando tinha seus 14 anos. Não adianta gritar.

Ouviu-se então um estrondo. O estampido fez com que o porteiro corresse, mas já era tarde.

Aninha estava morta.



MULHERES

Por Maria Luíza Vargas Ramos

Durante as comemorações do Dia Internacional da Mulher, cabe-me, como mulher e ser pensante, analisar um pouco a condição feminina e as razões para que se crie um dia, mais à guisa de alerta do que de homenagem, dedicado ao “sexo frágil”.

Como mudou o papel da mulher na sociedade através dos tempos! Mais do que todos, foi a mulher que melhor espelhou a evolução e/ou o retrocesso da humanidade.

Matriarca, escrava, subjugada e submissa, rebelada, emancipada, exagerada, confusa... MULHER.

Não foi pequena a discriminação sofrida pelas mulheres no século passado e estendida até meados do atual, permanecendo intacta até hoje em alguns recantos deste Brasilzão e na cabeça de muitos homens e até mulheres com estreita visão de mundo.

Algumas artistas, poucas escritoras, certas cantoras e duas ou três coristas ainda conseguiram perpetuar-se na história, possibilitando que se resgate seu valor. E as anônimas e servis esposas, que se limitaram a ficar “atrás de um grande homem”? Sumiram na poeira do tempo, uma vez que “do pó vieram e ao pó voltaram” sem chegar sequer a se materializar.

Mulheres eram dadas em casamento a desconhecidos, humilhadas caso não conseguissem marido ou parindo filhos incessantemente até perderem a saúde.

Quantas mulheres precisaram sofrer, desafiar, se rebelar, protestar para que hoje possamos atuar na vida como protagonistas e não apenas espiando das coxias?!

Quantos pais precisaram ser enfrentados, quantos maridos tiveram que capitular até que os novos homens fossem educados por essas novas mulheres e passassem a respeitá-las?!

É preciso que se lembre que a passagem da condição feminina subalterna para esta de “quase” equivalência não foi amena, tampouco rápida. As meninas, moças e mulheres de hoje não devem esquecer as pequenas e grandes lutas de bravas mulheres que as precederam para que elas pudessem, agora, viver sem medo, com perspectivas, com direitos, com dignidade.

Penso que, em nossos dias, temos duas categorias básicas de mulheres (com “n” subgrupos em cada uma delas): a da mulher substantivo – aquela da dupla ou tripla jornada de trabalho, da marmita pre-

parada antes do sol nascer, do arrimo de família e a mulher adjetivo – aquela dos cremes e perfumes, do consumismo desenfreado, da escravidão estética, da alienação. Como muitas coisas na vida, o ideal seria buscar o meio termo, unir a fragilidade à força, a doçura à determinação, sem violentar a sua natureza, mas tampouco fazendo dela uma bandeira de inutilidade.

Para ter valor é preciso que a mulher se valorize, não tentando se igualar aos homens, pois as diferenças entre os dois sexos é que os aproxima e forma aquela parceria deliciosa a que chamamos casal. O importante é ser respeitada como o homem o é, como um ser humano dotado de inteligência e ideias próprias e não como sua escrava, nem sua sombra; afinal, em muitos casos, a sombra então seria maior do que aquilo que reflete...

Mais feminina do que feminista, a mulher de hoje tem bandeiras mais importantes a levantar do que queimar sutiãs em praça pública ou alardear aos quatro ventos que sabe trocar o pneu furado do carro ou a lâmpada que queimou. É importante ressaltar que o “machismo” partiu das próprias mulheres, que educaram seus filhos homens como “seres superiores”.

A tendência da inversão de papéis também é improdutiva e vazia, já que os homens não trabalharão menstruados, nem grávidos (pelo menos por enquanto), tampouco amamentarão seus filhos. A negação da maternidade, a rejeição ao fogão, com o recorrente chavão vazio de “eu não sei fritar um ovo!” não habilitam esta nova mulher para exercer outras funções. É preciso mais! É preciso que ela seja efetivamente um ser pensante, participativo, idealista, empreendedor, fraterno, como a maioria dos homens procura ser há bem mais tempo.

Se há alguma bandeira feminina a ser levantada deve ser a favor da mulher pobre, desinformada, abusada pelos patrões e pelo marido, discriminada pelo número de filhos que coloca no mundo por ignorância, mesmo que passe a vida se responsabilizando por eles e tentando lhes dar uma condição melhor. A favor também das mutiladas em rituais de fanáticos, das espancadas, estupradas e mortas por homens pervertidos e acobertados por uma falsa moral.

Que a sociedade ampare e promova estas mulheres – substantivo concreto e invariável – para que não seja mais preciso criar um dia de conscientização mundial, como este **oito de março!**





EDNA BARBOSA DE SOUZA, ROSELIS BATISTAR E MARILENE SAMPAIO

ESTARÃO NO ESTANDE DO VARAL DO BRASIL
DE 29 DE ABRIL A 3 DE MAIO NO PALEXPO - GENEVRA!



MARCELINO FREIRE, RONALDO CORREIA DE BRITO E
MARCO MIRANDA

ESTARÃO NO ESTANDE DO VARAL DO BRASIL
DE 29 DE ABRIL A 3 DE MAIO NO PALEXPO - GENEVRA!
ESTANDE A150

Só sei que foi assim

Por Maria Moreira

O meu eu conheceu flores ao sol
Cantou versos, pulou de alegria
Foi ao céu buscar novos tempos

O meu eu estava carente mas cheio de fé
Ele tirou tudo que viu de páginas brancas
Coloriu com vermelho, de rosa e lilás

Meu eu dançou o quarupe , fez festa
Trilhou esperanças perdidas
Colheu estrelas ,desenhou o sol

As nuvens surgiam e meu eu não viu
A chuva era esperada mas...
Podia chover rosas, ou margaridas

Qualquer nota podia dar o tom
Qualquer poesia podia ser a primeira
Eu com olhos de amor vi deusas

Os homens estavam em paz
A rua era a mesma da infância
E eles brincavam e tinham fé.

Meu eu estava entre os meninos
Cantando e bailando como se nada fosse
acabar

O primeiro tombo quase não foi notado
Havia cachorro de raça com cria.
Ele se amamentavam e amorteceu a queda

Meu eu começou a ter medo
O medo das tempestades vieram
Sem aviso, chegou no jardim entre as flores.

Meus olhos tingiram de roxo
A terra ressecou
Meu jardim murchou .

Busco a chuva...
Os espinhos das rosas feriram meu eu
A morte habita ao lado
Enquanto eu canto o cântico do adeus para
embalar novos sonhos!



Devaneio

Por Maria Socorro de Sousa

Toca-me com carinho abrasador
Ósculos em chamas enlouquecem
Sussurros acalentam sem pudor
Acoplam o amor que me enaltecem

Aporto-me em sedentas promessas
Promessas sedentas é meu porto
Atiçam ilusões caprichosas
Caprichos das ilusões: encanto.

Místico olhar por trás das colinas
Descortina o futuro sedutor
Os sonhos de paixão nas colinas

Devaneio colossal vital fator
Atrai-me tuas radicais emoções
Eternizam o amor nos corações



PESSOAS QUE NOS TOCAM

Por Marilina Baccarat de Almeida Leão

Há pessoas que tocam em nossos corações... São pessoas que nos marcam, assim como certas músicas ficam em nossa memória. Gente que entra em nossa vida e deixa marcas, como notas musicais escritas em uma pauta e que fazem a melodia ficar completa...

A essência de certas pessoas é como se fosse uma música clássica, tocando aos nossos ouvidos. Elas são calmas, esperam e sabem dizer que gostam da gente!

Outras são como um concerto de guitarras e metais, já vem gritando de longe que nos amam e deixam muitos, que estão ao nosso lado, surdos!

Adoro isso!... São espontâneas!

Quando o músico compõe uma música, ele pensa na harmonia, analisa bem antes de colocar na pauta...

Assim são as pessoas. Elas foram compostas para serem ouvidas, portanto se falarem como um violino, que toca ou as guitarras que embalam o som, temos que as ouvir com toda atenção... Elas têm que ser compreendidas, sentidas, interpretadas, para que possam alegrar nossas vidas com toda a magia de serem o que são.

“Pessoas são como a música” como diz Quintana em um de seus poemas!

Pessoas têm que fazer sucesso, falar baixo ou alto, depende em que pauta ela foi colocada...

Gosto das pessoas que gritam de longe: “Eu te adoro”!... Também gosto das que falam suavemente ao meu ouvido: “Sou sua fanzoca, viu?”

Essas pessoas formam uma verdadeira Orquestra Sinfônica em um dia de concerto no Municipal!

São pessoas que vibram, pois seguem a pauta e nós vibramos com elas!



ÁGUA

Por Marilu F Queiroz

Água que cai em forma de chuva..
molha o asfalto liso e sofrido.
Em poças desliza a ladeira
vindo molhar nossos pés.

Água que serpenteia ligeira
saída das torneiras das casas
e vai escorrer pelos ralos
direto para o esgoto.

Imponente, rola em seu leito.
Gelada na sombra e dengosa...
nem liga para quem com inveja
espera que ela evapore ao sol.

Água...
água da chuva, rios, mares e poça..
água de beber, de lavar, de molhar.
Enfim, água de aguar!





POR QUE A PRESSA?

Por Marina Gentile

Por que a pressa?
Siga com segurança, devagar,
Saia no horário ou antecipado,
Para ninguém atrapalhar.

Por que a pressa?
Aonde quer chegar?
A pressa pode causar acidente,
Para você e muita gente.

Por que a pressa?
O importante é chegar,
Depois de realizar algo,
Têm pessoas a lhe esperar.

Por que a pressa?
Se beber não dirija,
Se dirigindo NÃO ao celular,
Um grave acidente você pode causar.

COMO DOIS ANIMAIS

Por Mário Rezende

Na execução de seus ofícios, provavelmente tinham como objeto a mesma alma, cada um querendo-a para si. Encontraram-se numa balada, estavam dançando embriagados pelo ritmo quente, inebriante e delirante quando seus corpos se tocaram de leve, mas o suficiente para experimentarem uma sensação estranha, deliciosa. Agora propositalmente se roçavam: uma, duas, tantas e tantas vezes; ela para sentir um calor, leve ardência no ponto em que sua pele era tocada, ao passo que ele sentia como um sopro de brisa ou o contato macio de uma pluma. Então ficaram de vez, dançaram a noite toda embalados por aquela sensação estranha. Os olhos azuis dela, quase transparentes, não conseguiam se desgrudar daqueles olhos negros, poderosos e dominadores.

Eles tinham que descobrir o porquê dessa força estranha que os impelia como se tivessem que se unir, e assim, na madrugada fria, ao hálito da primavera, como duas criaturas livres, entregaram-se e amaram-se ao relento, como dois animais.

No seu jeito rude ele sentia que ela era uma mulher muito diferente de tantas outras que a ele se entregaram. Ela parecia que flutuava, enquanto seus ouvidos escutavam cânticos, e se deleitava com o calor intenso do contato delicioso... E se deixou levar, em frenesi, naquela viagem rumo ao desconhecido.

Amaram-se até o esgotamento, dormiram abraçados e só acordaram na aurora. Despediram-se, e cada um seguiu o seu rumo, deixando vestígios na relva marcada por acomodar aquele inusitado encontro. Ela recompondo a sua natureza de anjo mensageiro, feliz por ter sentido algo maravilhoso, indefinível, até então desconhecido. Ele, regozijando-se por mais uma presa conquistada, mas sentindo, entretanto, que aquela tinha alguma coisa especial, seguiu arrastando a cauda e escondendo os cornos desvelados. Retornaram cada um ao seu lugar, sem realizar o objetivo que os levou até ali.



**Nos também
precisamos de
Proteção ...**



MILTON CUNHA, VAL BEAUCHAMP E MARCELO MADEIRA

ESTARÃO NO ESTANDE DO VARAL DO BRASIL
DE 29 DE ABRIL A 3 DE MAIO NO PALEXPO - GENEVRA!
ESTANDE A150



ACADEMIA METROPOLITANA DE LETRAS DE FORTALEZA E
RICHARD CALIL BULOS (IN MEMORIAM / ARTES PLÁSTICAS)

ESTARÃO NO ESTANDE DO VARAL DO BRASIL
DE 29 DE ABRIL A 3 DE MAIO NO PALEXPO - GENEVRA!
ESTANDE A150

Lourdes e o tempo

Por Maurício Duarte

Quem é? Pergunta a menina.
Sou eu, diz a voz abafada.
Eu quem? Indaga novamente.
O tempo, responde a mina.

A garota se chama Lourdes
e está de frente à mina
do tesouro da sua vida.
Atravessou campos, fiordes,

montanhas, vales, rios, tudo
para chegar no sublime e,
mesmo assim, estranho lugar.
Esperava um local mudo...

Como mudas, vozes que calam,
também são, ao revelar todas
verdades do mundo num olhar
sem som, silêncio, não falam.

Sendo filha de uma musa,
teria Lourdes o mesmo dom?
Será o que tiver que ser, diz
o tempo, de novo, em gusa.

Barras de ouro tem a mina

que são seus sentimentos da
vida, enquanto o tempo, ah...
voa no coração, menina.



NAS MARGENS DO IVAI

Por Nelsi Emília

Parte: I

la correndo sertão a dentro, serena e despreocupada...Havia criado um ligamento tão estreito com o mato, que fez dela uma especialista em extrair das entranhas das plantas seu leite e essências. Com algumas raízes exóticas, elaborava suas mais finas fragrâncias com efeitos milagrosos

Jogava como ninguém, em misturar aromas, e aprendeu pronto o prazenteiro que chegavam a ser. Amava o cítricos lavandas e os sândalos para sua sensualidade.

Provou socar pétalas de rosas, outras vezes as de jasmims, combinando outros elementos naturais, conseguia um azeite perturbador que durava no tempo. Logo os utilizava para massagear suavemente seu corpo-templo, e para sua higiene feminina. Um jogo de sedução na sua preços existência.

Parte: II

Em noites de luar, e céu cintilante, encandilada se juntava as margem do Ivai, e ali sumida num feitiço, ascendia uma fogueira enorme, de maneira que podia se ver nas aguas morro-a vermelhadas do Rio.

Invocava cantigas estranhas, vindas de remotas civilizações, com vozes tremulas, chorosas, rastreando seus antepassados.

Resmungando, como se queixava em sons asiáticos, num ritual felino e frenético de corte, na imensidade da escuridão.

O baile era harmonioso no principio, com ritmo ascendente na madrugada, largando tudo para tras, aumentando seu poder.

Agora representava uma gueixa, de repente saia uma índia, transformando-se em uma ci-

gana, enfim indecifrável Deusa, oriunda de outras culturas distantes, quem sabe ao certo?

Coberta com poucas penas coloridas e alguns ornamentos do bosque, combinando com o mormaço pegajoso do calor.

Sua maquiagem extremamente carregada nos olhos, a deixava como possuída por algum Deus Egípcio.

Parte: III

Um cordão varonil, num só coro, se formava apreendedor da musa. Seus olhares seguiam o jogo de cadeiras, exaltando seu encanto.

Ela, totalmente longe, não os enxergava, sem percepção, girava e girava, cantando. Mantinha, uma metamorfose hesitante, havia entrando em transe.

Chorando de suor, seu corpo se desprendia um tufo alucinógeno, atraindo os varões. Pronunciando um assobio comprido e fino, muito insistente, os tinha hipnotizados, ali... A noite todinha.

Ao rabiscar a aurora, os primeiros raios de luzes, antes que se rompera o encanto, seus eternos servos admiradores, com veneração levava adormecida nos braços, ao seu altar de moca virgem, estrela guia ou definitivamente: DEUSA DO DESTINO!

Parte: IV

Fumavam um derivado do tabaco de corda, fazendo uma nuvem densa de fumaça, sobre a venerada. Juntamente degustavam uma destilação de cerejas do verão anterior. Que os convidava a flutuar por sendeiros perigosos.

(Segue)

A zelavam, banhando-a com uma água morna, resultante de várias flores silvestres, durante o tempo que lhe durava tal elevação. Enxaguada também, com um preparado de sal, enxofre, arruda e alho, combustão infalível para os afugentar os maus espíritos e olho gordo.

Cercada pelos mais velhos do grupo. Com polpas de algodões desfiados. A seguir, sua silhueta esbelta e jambo, era lubrificada com óleo perfumado, de castanhas de amêndoas e avelas, recorridas nos prados distantes.

Todo o tempo era acariciada de forma sutil, com muito respeito e ternura, como uma ofrenda. Fazendo ouvir sons de desejos contidos se sentia alguns suspiros irrenunciáveis a cada movimento involuntário da mocinha.

Os lençóis, de folhas macias de bananeira, alguns cipós, eram rociadas de essência de hortelã, limão, repelindo insetos indesejáveis.

Sua face, era untada de cremes de abacates maduros e pepinos frescos da selva. Seus lábios e boca, esmeradamente roxos tinto, tinham o frescor das framboesas cuidadosamente selecionadas.

Sua melena, solta, lisa e brilhante, de cor negro tupi-guarani, eram seda, com a luz da lua prateada.

Cuidadosamente, suas unhas eram cortadas, e guardadas, para serem consumidas torradas em elixir vitalizantes, por aqueles prestes a encomendar suas almas.

Parte: V

Não faltava o colar de pedras de cristais no seu pescoço, quebrando todo malefício de maus intenções, encaminhado a essa pequena. Pois um novo ciclo estava por começar.

Culto a beleza? A virgindade? A juventude?

Num cordão envolta da donzela, recitavam mantras divinos, e de desejos, murmurando rezas, preces, nesse ambiente que reinava a paixão.

Sua figura angelical, repousava serena, na sombra de uma seringueira leitosa, dando-lhe força, energia, que a mantinha com vida.

O orvalho da alba, foi apagando o fogo do seu ser...Consequentemente também o fervor dos seus fieis acompanhantes, escravos.

O tapete de rosas, com o calor, exalava uma fragrância de bons fluidos, aguçando os sentidos. Mais o ar carregado de cravos pisados, havia produzido a inversão do encanto.

A LUA, deu passo a essa Deusa, que sem culpa, esteve exercendo seu PODER, escravizando os homens....Eles eram felizes!



História das Pedras

Por Norália de Mello Castro

Primeira parte

Sou montanhosa, como me denomina uma amiga escritora. Montanhosa, não. Montanhosa! E por ser montanhosa, talvez se explique o meu fascínio por pedras, começado lá na infância nas brincadeiras de bolinhas de gude e de sesmarias.

Sim, comecei a procurar pedrinhas compatíveis com a brincadeira de sesmaria, aquela que a gente pega uma pedra, depois duas e depois até as cinco últimas, sempre no tempo de uma permanecer no ar.

Não encontrando facilmente pedras em formato compatível ao jogo, fiz saquinhos com enchimento de arroz, para melhor jogar as sesmarias. Virei uma craque nesse jogo, como virei uma catadora de pedras.

Ainda bem jovem, caminhando pelos caminhos das montanhas e cidades vizinhas, fui catando a pedra que me chamava mais atenção. Normalmente eram pedras com muito ferro, tão comuns na minha terra.

Pedras de ferro. Colecionei algumas. Sempre na esperança de encontrar mais pedras brilhantes e de formato diferente. Me sentia como o Bandeirante que veio por aqui, atrás de esmeraldas. As pedras de ferro me davam a sensação de poder e uma emoção inenarrável. A montanhosa se realizava com as pedras de ferro e ambicionava outras que, sabia, existiam: talvez achasse um brilhante nas grutas! Ou alguma esmeralda nos montículos de ferro! Talvez... Sonhava mais do que pedras foscas, sem brilho. Ansiava. Ia se consolando com as ferruginosas mesmo. Mas, sonhava.

Segunda parte

Uma tarde, Ângela, uma amiga de sempre, entrou na minha casa, toda alegre e disse:

- Eu precisava vir até aqui, trazer-lhe o presente.

- Presente?

- Sim, o presente que você pediu! Como me deu trabalho achar o seu presente!

E Ângela me estendeu uma pequena bolsa, com o retrato de Maria incrustado na capa. Aí, então, uma pista do que se tratava me fez emocionar ao extremo.

- Você trouxe! Você conseguiu! - balbuciava eu, quase não podendo falar, com a emoção me dominando.



- Custei a achar... Custei! – comentou Ângela. – Mas não desisti, pois havia prometido que lhe traria este presente. A casa de Maria é de uma limpeza espantosa. Nada fora do lugar. Passei mais de hora procurando o seu presente...

Emocionada, fiquei ali, ouvindo o seu relato, da dificuldade de encontrar o presente. A bolsinha que o guardava permaneceu por longo tempo nas minhas mãos.

- Você trouxe, amiga. Obrigada. Eu queria muito. Queria mesmo poder ir até Éfeso para buscar o que me trouxe. Como eu queria e quero ir a Éfeso! Um sonho que, nesta vida, não mais poderei realizar...

(Segue)

Quando Ângela me havia dito que estava com viagem marcada para a Turquia, perguntei-lhe se iria a Éfeso. Ela disse que sim. Então, lhe pedi que trouxesse uma pedrinha da casa de Maria, Mãe de Jesus, que, após a morte do filho, se refugiara em Éfeso. Tenho uma admiração enorme por este SER, Maria.

E a pedrinha da casa de Maria chegou a mim, trazida por uma grande amiga. Cuspei a abrir a bolsinha que revestia a pedra: a emoção me paralisou. Quase não acreditava que um pedacinho da casa da Senhora estava em minhas mãos. Abri a bolsinha finalmente e peguei a minúscula lasca de pedra que estava ali: um simples calcário, com uma pequena dosagem de ferro. Mas a energia da casa de Maria chegou até mim. Agradei a amiga. Fiquei com a pedrinha nas mãos, não querendo me separar dela: uma energia divina que me alcançava no meu rincão de montanhosa, sob uma emoção inenarrável. Guardei a pedrinha no seu invólucro. Conservo-a sempre num lugar de destaque, onde eu a possa ver.

Certo dia, uma sobrinha veio à minha casa. Pegou a bolsinha, admirou a pedra que ali estava e, de repente, exclamou:

- Tia, que pedra é esta? Você viu que tem uma figura humana desenhada nela?

Contei a ela como recebi esta pedra e fui olhar a figura desenhada na pedra: um ser humano com longa veste. Um ser realmente ali estava! Respondi à minha sobrinha:

- Só pode ser Maria que aí está!

Ficamos ambas sem fala. Não conseguimos dizer mais nada.

A figura de Maria permanece na minha pedra, que veio de Éfeso especialmente para mim.

Terceira parte

O Papa Francisco acaba de assinalar que as descobertas científicas não são inimigas da religião, que ambas podem perfeitamente se completar.

Quando soube desta fala, exultei: finalmente, teremos respostas únicas a muitas questões que buscamos saber. Enfim, poderemos ter comprovação do evolucionismo, pela ciência, ser aceito por muitos religiosos e filó-

sofos. A ciência aponta para um único ponto que deu o início do nosso planeta, que, girando, girando, por milênios de anos, tornou-se como nós o conhecemos hoje: todos e tudo que aqui existem são de uma única fonte, de uma única Energia. Todos e tudo inter-relacionados, complementares. Nosso planeta, contam os cientistas, começou com uma pedra que foi evoluindo, se transformando. Somos produtos desta energia única, em evolução contínua. As pedras seguram todo o sistema. Temos terra, fogo, água e vento como elementos físicos necessários à nossa existência aqui. As pedras são condensadoras energéticas importantes; elas são como o esqueleto do planeta, sustentando-o; são os delimitadores das águas e terra, dos rios, lagos e mares, das montanhas e plantas, de tudo. As pedras também andam, sutilmente andam. Sutilmente sentem. Sutilmente nos envolvem.

Ao fazer estas descobertas, minha vida tornou-se mais clara para mim assim como meu fascínio por pedras, com as quais sempre me identifiquei.

“Sou uma pedra em evolução!” – pensei muitas vezes.

E minha coleção aumentava.

Da Tailândia, chegou um belo ônix, incrustado em ouro branco, numa pulseira artisticamente desenhada. Um rubi veio da Índia, incrustado num belo anel. A turquesa, veio do Irã, num medalhão azul. O Buda de Jade veio pequeno e belo numa escultura do Japão. Muitas pedras semipreciosas chegaram de cidades históricas de Minas: um destaque para a pedra sabão, usada em esculturas e outros apetrechos. Muitas pedras com ouro chapiscado foram acrescentadas também à minha coleção. Na minha casa, usei, em toda a decoração, o granito e o mármore, combinados com madeiras de lei. O meu lar estava feito, construído numa coleção de pedras, que vinham pelo coração, sem outras pretensões, apenas colecionar e aquecer a casa. (Segue)



Quarta parte

Eis que a vida foi rolando. Rolando e se transformando. Minha coleção aumentando. E eis que a montanhosa atravessou montanhas e foi receber uma concha do mar: a pérola foi encontrada; seu fascínio mais forte se fez presente. Pérolas vindas do mar. Minhas montanhas não têm mar. Têm rios, riachos e fontes. Mas o mar, lá de longe, se impôs, me atraiu: virei uma montanhosa marítima, marinheira de alto-mar. Se as minhas pedras ferruginosas me encantavam, juntaram-se à beleza das conchas marítimas...

Nenhum sino mais bonito encontrei do que aqueles montados em madrepérolas, para um som sonoro e calmante, do que os sinos das Filipinas. Madrepérolas inigualáveis. Nem mesmo as belas caixas de joias francesas superaram esta beleza. O sino filipino ornamentou minha casa por longo tempo, até que...



Quinta parte

Até que um dia, um belo dia, um colega de trabalho entrou na minha sala e falou:

- Sei que você gosta de pedras. Então, trouxe esta para você.

- Para mim? – respondi, surpresa com aquele inesperado presente.

- Sim. Veja... – me respondeu ele, estendendo uma grande pedra. Uma pedra enorme de uns cinco quilos, brilhante e de cor rosa. Fascinante.

- Onde a encontrou? – perguntei.

Ele respondeu:

- Fui visitar minha família em Diamantina. Andando pelo grande terreno, encontrei este quartzo rosa e pensei: “Vou levar para a minha chefe que ama as pedras!”. Fui criado entre pedras. A família me contou das utilida-

des delas, sempre protegendo a gente. Contam eles que seres vibrantes, com finalidades predeterminadas, nos protegem e fazem até curas, pela energia que os torna, em vida, vibrantes. São anjos que habitam estas belezas.

Fiquei boquiaberta diante da sabedoria herdada e de tamanha delicadeza do colega.

Peguei o quartzo carinhosamente e levei-o para casa. Depois, fiz uma prateleira de granito no banheiro, lugar especial para colocar aquele precioso presente. E lá permaneceu a pedra rosa, por longo tempo. Vez por outra, dava-lhe uma limpeza com água pura, deixava-o tomar sol, e o olhava sempre com olhos de gratidão: por ter ganho este presente e por suas vibrações em minha casa.

Nesta altura, eu já sabia alguma coisa a mais das pedras: fonte de energia espalhada por todo o planeta, que nos beneficia de montão: as pedras, como o cristal, mantêm também energeticamente a vida na Terra. E o meu quartzo rosa estava ali, me enchendo de energias positivas, me dando calor e mais substância, tal como o planeta que, no princípio, foi uma pedra que, em movimentos rotatórios, se transformou no ser que hoje é. Eu também! Das sesmarias e bolinhas de gude, fui me transformando em um quartzo rosa! Se eu quebrar esta grande pedra, talvez encontre ali dentro o mais puro diamante: não penso em quebrar tão belo presente!

Sexta parte

A grande busca que todo o ser humano faz é o amor. Aquele amor que vem de sua “alma gêmea”, aquela outra alma que o complementa e faz vibrar intensamente. Eu o encontrei através de uma turquesa azul. Sim, novamente uma pedra me mostra o caminho a seguir. Revivo aqui, agora, esse fato. Escuto Elsa me gritar:

- Venha depressa! Corra! Vão fechar a galeria e precisamos ir até nossos companheiros. Corra!

- Não! - respondo para a amiga. – Quero o medalhão de turquesa que está ali, naquela vitrine. Quero este medalhão! Espere...

(Segue)

Eu me dirijo ansiosa e aflita para a vitrine do medalhão azul. Quero mesmo este medalhão. Estabanada, olho a vitrine e vou entrando na joalheria onde estava aquela preciosidade. Vou entrando... Quero aquele medalhão!

Sou impedida de entrar. Algo me tolhe a passagem. Lentamente, levanto os olhos e deparo com aqueles olhos verdes à minha frente, de um belo espécime de homem oriental. Ele para. Sorri para mim. Ri daquela maneira inusitada de um atropelamento. Eu o olho, atordoada, com o meu desajeitamento, e sorrio. Deixo o medalhão para trás. Ele me segue. Estou toda estremecida pela emoção, ao deparar com aquele par de olhos verdes. Olhos que jamais me abandonaram e me seguem até hoje, na certeza de que eles são da minha alma gêmea, separada a milhares de quilômetros, num outro continente. Emoção forte e pura de um amor vivido intensamente. Minha alma gêmea está longe, a quilômetros de mim. Porém, eu ainda sinto o seu intenso olhar nos meus olhos, na minha pele, meu corpo entregue totalmente e na tristeza da separação. Eu o sinto. Sinto também que um dia, um dia, em algum lugar, aqueles olhos verdes pousarão de novo em mim, ligados que estamos por um medalhão azul de turquesa.

Não comprei o medalhão. Trouxe na minha bagagem a intensidade daqueles olhos verdes. Algum dia, nos depararemos novamente, tenho certeza!

O filho da minha alma gêmea existe: nasceu no primeiro romance que escrevi. Foi premiado, mas nunca editado.

Sétima parte

A memória vem fragmentada. Muitas vezes, coisas importantes são esquecidas. Talvez, a mais importante aqui não foi escrita até agora.

Olhando para trás, revivi a mais impor-

tante lembrança: a chácara da família, obtida por Papai no final da década de 40.

Papai, originário de fazenda e do cultivo de café e milho, do sul do estado, veio para a Capital para estudar na universidade e ganhar a vida. Estudou. Trabalhou muito. Seu mundo girava fundamentalmente em torno da família que constituiu. Lá pelas tantas, decidiu comprar uma chácara, um pedaço de terra com casa, numa fazenda nos arredores da Capital. Dizia ele que queria plantar milho para fazer pamonhas. Ou melhor, penso hoje, ele tinha saudades de seu mundo de criança. E as pamonhas, comida de sua terra, lhe davam saudades. Ele plantou, colheu, fez pamonhas, e nos levou junto desta saudade. Aprendemos a cultivar a terra e usufruir de suas colheitas.

Ir para a chácara era uma alegria enorme para os filhos, agora adolescentes: cantávamos, brincávamos, colhíamos frutos, plantávamos milho, que saboreávamos em mingaus ou pamonhas.

Eu adorava ir para a chácara: quintal acolhedor, casa grande sem luz (usávamos luz de vela), sem água encanada, só com cisterna. Tudo era festa.

Não sei bem o porquê que este paraíso foi abandonado por longo tempo, num determinado momento. Saudosista da chácara, resolvi acabar com este abandono. E para lá fui eu, como uma desbravadora: dei pintura nova na casa. Comprei lampiões, velas. Assim munida, para lá fui... e a água?

A cisterna tinha desmoronado. Precisava de outra fonte de água. Não desisti. Contratei um cisterneiro, que valentemente se pôs a fazer a nova cisterna. De repente:

- Dona, não vai dar! Não vai dar cisterna... Encontrei aqui um grande veio de cristal.

- Cristal?

(Segue)

- Sim. - respondeu o homem. – Cristal. Um veio enorme e muito duro!

- Mas temos de ultrapassar este veio...

- Temos?! – retrucou o homem desanimado, já prevendo o grande trabalho que tinha pela frente.

Contudo, nem ele, nem eu, desistimos: era preciso ter uma cisterna, senão tudo iria por... água... abaixo... Água, eis uma grande questão naquele momento.

- Sua chácara, dona, está em cima de uma rocha de cristal.

- Rocha?

- É. Rocha.

- O vizinho debaixo tem cisterna com água. Então, temos de cavar na parte mais baixa. – argumentei.

E lá se foi o cisterneiro, cavando. Cavou uma. Duas vezes e mais e mais. Sempre batendo na nesga de cristal, até que, um dia, eis que a água jorrou. Consegui ultrapassar o veio de cristal e a cisterna foi feita. A água jorrou límpida, transparente. Conseguimos, então, ter novamente água na chácara. Vitória. Eu estava embevecida. Água e cristal à vontade.

Sim, alguns cristais príncipe – aquele brilhante e polido – foram achados nesta cavação. Nosso terreno já tinha milhares de pedras brancas, de caolim, pequenos quartzos; a descoberta dos cristais príncipe mexeram com minha imaginação. Quis muito explorar esta pedreira de cristal, mas... grandes empecilhos: terreno muito próximo da capital, não deixaram que fosse explorada a pedreira. Além disso, o alto custo para tal atividade me fizeram desistir, mas não tiraram o prazer de procurar cristais sobre a nossa terra. Centenas de cristais me deram muito prazer e eu ria, logo eu, uma catadora de pedras vir parar em cima de uma pedreira! Que energia fabulosa eu recebia, uma graça divina!

Esta descoberta aumentou os meus sonhos por pedras brilhantes. Penso que o meu lado de sonhadora herdei de papai, que, bem jovem, foi parar na exploração de uma mina

de cristais. Esta história não sei bem; só conheço por pequenos retratos de papai na exploração dessa mina.

Guardei meus cristais príncipe e colhi mais pedras. Este sonho desvaneceu, até agora que escrevo sobre ele. Minha ligação com as pedras estava costurada para sempre!

A chácara da família ainda existe, a 15 minutos da Barragem da Pampulha, num bairro que cresceu. Muito próxima da capital, onde jamais eu obteria licença para explorar cristais. Por outro lado, se maiores valores ali tivessem, outros já teriam explorado antes de mim.

A chácara se tornou, para mim, a chácara dos sonhos. Sonhei muito ali. Plantei e colhi frutos e flores. Vivi ali muitos momentos felizes. Tenho poucos cristais colhidos daquela cisterna. Hoje, lá tem água encanada e luz elétrica...

Até me tornar num quartzo rosa, uma longa caminhada foi feita. Mas chegou o tempo de ir conhecer Diamantina, para uma noite de seresta. Sim, Diamantina é terra de seres-teiros. E, também, do amado JK e Chica da Silva.

Lá fui eu conhecer a última cidade histórica que faltava conhecer. Curti a noite de seresta e danças. Curti os pedregulhos de suas ruas. Me recordei do colega e seu quartzo rosa. Mas, ironicamente, não trouxe nenhuma pedra de lá; me bastava o grande quartzo rosa que eu tinha no banheiro de minha casa.

(Segue)



Oitava parte

Todavia, a vida prega peças na gente.

A época de mudanças chegou. Recentemente, aqui nas montanhas, recebi meu quartzo rosa, saído de seu nicho de granito, vindo para sua definitiva moradia. Peguei-o com uma certa tristeza: não estava mais rosa, estava branco rosáceo pálido. Como eu esquecera do meu quartzo por mais de uma década, sem cuidados, no nicho que lhe dera? Como pude ficar sem lhe dar a devida atenção? A vida me forçara uma grande mudança e eu deixei tudo para traz: nova vida construída para mim. Como o quartzo rosa, eu também estava esbranquiçada, mas ainda estava aqui, podia acarinhá-lo e vê-lo. Eu aprendera tanto com ele. Ele me ensinou tantas coisas. Só tinha um caminho a seguir: fazer meu quartzo rosa tornar-se rosa. Ele precisava de chuva e sol. Ele armazena toda a energia que recebe assim: chuva e sol. É um condensador energético que espalha luzes.

Então, limpei a pedra, ensaboando-a com um suave sabonete de jasmim e levei-a para o jardim, esperando merecer as pazes. Jamais o quebrarei para ver se tem ou não um diamante rosa dentro dele. Quero o meu quartzo rosa grande assim, ali posto na ponta de um canteiro, para tomar sol e chuva e conseguir a cada dia a cor rosa original e como deve ser.

Todos os dias olho o meu quartzo rosa e acompanho o seu transformar: a cada dia mais rosa. Recolho-me à minha gruta interior, beneficio-me com os raios rosas de sua iluminação e aguardo um dia. Um dia, o quartzo interior se abrirá e lá dentro estará o mais puro diamante.

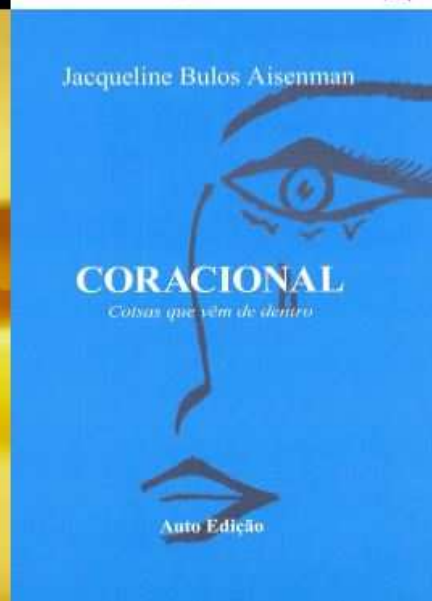
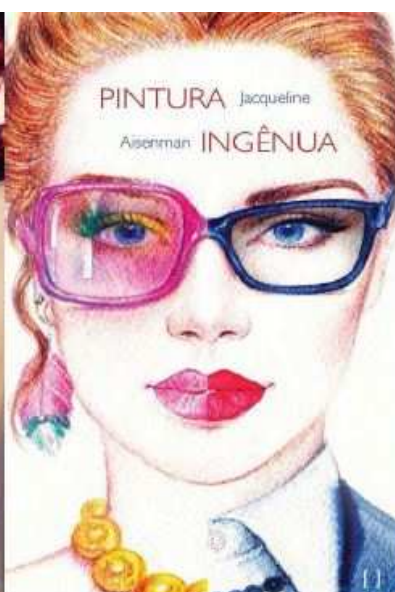
Sonho assim. Sonho. Sonho continuar andando pelos caminhos de minha terra, a procurar mais energia de ser realmente uma montanhosa marinheira, que navega com seus próprios pés. Sou uma privilegiada montanhosa marinheira.

E como Manoel de Barros disse: “não tem altura o silêncio das pedras.”

Silencio.



LIVROS DE JACQUELINE AISENMAN



atendimento@designeditora.com.br

O ENCANTO DAS ÁGUAS É UNIVERSAL!

Por Odenir Ferro

Lindo hein?! Este som... Este som tão sintomático. Este som que está inerente aos nossos anseios. Dentro dos nossos desejos de sermos fortes: enquanto formos enquadrando-nos dentro destes cenários que está enquadrando-nos nos lugares de agirmos – enquanto nós, seres humanos – dentro deste Universo aquecedor ser os acolhedores do quanto desejarmos, e, – entre nós, nos depositarmos na fé – para galgarmos os ensejos, todos eles, para que as chuvas caiam, caiam, caiam, caiam... Torrencialmente, sobre todos os abismos inconsequentes de todos nós!

A nossa relação com tudo o que for Divino, sempre foi, é, e será, eternamente sublime! E vivemos através das imparcialidades das sublimações... E o nosso Criador, é onisciente de todas as nossas necessidades! E Ele, não nos desampara!... E, assim sendo, eis que Ele, dentro da sua divinal sabedoria, estará nos mandando a tão abençoada Chuva!

Eu espero e desejo que ela despenque... Eu fico desejando que ela caísse, e quando cair, vou me sentir um pouco mais feliz! Rezo com fervor, desejando que: ela caia, caia, caia, caia... E que ela nos preencha, e nos relembre de todos os seus encantos: sejam eles poéticos ou não!

Eu desejo e humildemente, peço a Deus: - Oh Senhor! Que ela se derrame sobre nós, imensuravelmente... Eu desejo que a chuva venha, e caia, sobre todos nós, míseros mortais! Eu desejo que a chuva molhe todos os guarda-chuvas que estão guardados nos cantos dos armários ou não.

Eu desejo que a água se derrame, arrastando a nosso incapacitado estado de amor para longe de nós, e em seguida, devolva-nos, a nossa naturalidade propensa ao amor a tudo e todos, e que está resguardado dentro de nós. E Assim possamos exercitar a nossa fé, no quanto a vida é feita de concepções

sublimes: tais como a água da chuva, os raios, os trovões, e os frios e os calores que se fazem presentes, dentro dos contextos dos ciclos da natureza, assim como o das nossas existências...

Eu sinto que todos os encantos das águas nos fascinam. E eu creio que este fascínio, seja de todos nós. O encanto das águas é Universal!

O amor pela vida e pelo estado de viver é um estado único que pulsa-nos a todos – enquanto esperançosos na vinda do Amor além de nós, com o Sol, as Chuvas, as Estações, enfim, as condições climáticas que se fazem, se refazem e se perfazem dentro de si mesma, fazendo com que sejamos seres humanos aptos – para dizermos que vivemos e, conseqüentemente satisfeitos, possamos sentir: que amamo-nos uns aos outros.

E... Sem as chuvas... O que seríamos de nós todos?! Dentro da vida, e dentro dos momentos do viver em si, o que somos? Somos divergentes ou convergentes, dentro desta unicidade que é o Amor, conjugando-nos, incansavelmente, dentro deste estado único e sublime, que é o Estado de Amar?!

Hoje eu vou fazer uma prece... Pra Deus Nosso Senhor... Para Chuva “Continuar” de molhar o meu divino amor

Chove chuva, chove sem parar...

Por “favor, chuva boa”, molhe muito, o meu amor, assim.

Pois é, mudando a letra, o meu desejo é que a chuva venha. E que ela caia torrencialmente.

E que ela venha, se deslanche... E, molhe tudo, muito.



Haicais outoninos orientais diversos

Por Oliveira Caruso

Plantas lacrimam.
Folhas caem e se esvaem.
Uns corpos latejam.

Folhas amarelas.
Morte do verão. Que sorte!
Inverno com trevas...

Galhos cá pelados.
Vero outono sem dar lero.
Dias festejados.

As folhas já caem.
Outono recobra o trono.
Zéfiros não traem.

Folhas secas caem.
Agora o estio aqui chora.
Lágrimas que saem.

Peixe namorado.
Bolhas sobem. Caem folhas.
Sereia em recado.

Outono: secura.
A cair folha. Água a vir.
Molhado em doçura.

Chuva agora cai.
Por bem, as folhas também.
Dom Outono sai.

Amarelas flores.
Meninas tão outoninas.

Não caem amores.

Dezenove graus.
Verão? Longínqua estação!
Ventos nada maus!

Outono a voltar.
Surgir do nosso sorrir.
Sol a demorar.

Frescor na varanda.
Outono requer seu trono.
Agora ele manda!

Fervores findados.
Outono a vir como dono.
Fachos esfriados.

A chegar o outono.
Verão não me é paixão.
Daquele o grão trono.

Folhas já bailando.
Lindamente. Lentamente.
Outono chegando.

Cascata de flores.
Outono a tecer meu abono.
Chuviscar de amores.

Outono amainado.
Ipê cai por você.
Florir debruçado.

Bougainville belo.
Beleza da natureza.
Há violino e *cello*.

(Segue)

Viçoso verdor.
Benino clima outonino.
Amado frescor.

Árvores cinzentas.
Neblina a voejar – rotina.
Rancor logo inventas.

Zéfiro a ditar.
Adoçar, meu adorar.
Frescor a me amar.

Vento a farfalhar.
Dança com plantas em trança.
Outono a chegar.

Queijo derretido.
Vinho mesclado a caminho.
Pão fresquinho adido.

Queijo derretido.
Pão mergulhado em paixão.
Outono curtido.



Ping! Ping!

Por Roberta Munhoz

Uma torneira que chora
Pode estar muito triste
Precisando de um abraço

Uma torneira que Cho

O
O
O
ra

Quer ser ouvida, amada ou
substituída...

O HIBISCO VERMELHO

Por Regina Ramos dos Santos

O lindo hibisco vermelho agonizava sob o sol do meio dia. Jazia na calçada, praticamente invisível, ante a indiferença das pessoas que, àquela hora, transitavam, apressadas, por ali.

Havia sido colhido por um risonho casal de namorados que, sem a menor cerimônia, muito menos culpa, o atirara no chão, como um brinquedo qualquer.

Levado pelo vento, chutado displicentemente por alguns, ele percorreu pequena distância, até parar próximo a um carro estacionado. Por certo, não tardaria a murchar.

De repente, alguém o enxergou. Era uma moça que passava a caminho de casa. As flores sempre a encantavam, fossem elas grandes ou pequenas, vistosas ou não, com ou sem perfume. Brancas, vermelhas, azuis ou amarelas... Não importava.

No entanto, as flores que a maioria das pessoas sequer enxergava tinham para ela um encanto incomum, porque era como se lhe tivessem sido dadas de presente. Um presente da vida! Quando pensava nisso, ela se sentia muito especial, já que conseguia ver beleza onde os outros não viam nada.

Às vezes, a moça pensava que, para a maioria das pessoas, ela devia ser tão ou mais invisível do que essas flores, porque muito poucos se dispunham a conhecê-la de verdade. Mas, por outro lado, será que ela se deixava conhecer?

Calmamente, agachou-se e recolheu a flor, contente por antevê-la colorindo sua casa e sua vida. Com toda a delicadeza, levou-a consigo.

Já em casa, acomodou o hibisco numa xícara com água.

Estava feliz com o presente que ganhara e, mais ainda, por ter evitado que aquela flor tão linda tivesse um fim tão triste...



O RADAR DO AMOR

Paulo Roberto Cândido

Você é do tipo que anda por aí sem observar o em torno? Seu cérebro vive empanzinado de preocupações e pensamentos que nutrem a indiferença? Seus braços só alcançam o que está próximo de você, mesmo que suas pernas possam levá-lo ao encontro do que está distante? Seu pescoço vira a sua cabeça para os lados e para frente, fazendo os seus olhos enxergarem todas as dimensões sociais e humanas que compõem o cenário dos lugares por onde caminha, ou só o faz observar as coisas e as pessoas como meros objetos de decoração do ambiente? Enfim, você é um ser humano que só fica atento aos radares que medem as velocidades, ou que previnem os acidentes de percurso e esquece que existe um radar fundamental para orientar a sua consciência? Qual seria esse radar?

Antes de concentrar meus esforços literários no tal radar, quero escrever um pouco sobre a indiferença que acaba fazendo a diferença. Esperamos a paz, mas indiferentes à justiça e à dignidade, alcançamos a insegurança; Queremos colher a fraternidade e indiferentes ao compartilhar, semeamos o egoísmo; Pregamos a reforma moral para o mundo e negligenciamos as reformas que precisamos fazer no nosso mundo íntimo, deixando a indiferença nos cegar a própria honra; Enfim, indiferentes aos valores edificantes do bem, vamos fazendo a diferença para a implementação do mal. Pisamos nos freios quando avistamos o radar da Polícia Rodoviária, mas não fazemos o mesmo quando o radar do amor aparece na estrada da vida, para que possamos diminuir o nosso corre-corre e acelerar o nosso socorre-socorre, quando cruzamos com a dor de alguém, com a fome de um irmão, com a escuridão de um deficiente visual, com a orfandade de uma criança ou a solidão de um idoso, que foram abandonados pelos familiares, governantes, sacerdotes e sociedade em geral. Com o pé na tábua, lá vamos nós passando como bólidos pelo radar do amor, sem nenhuma preocupação com as penalidades que poderemos sofrer com as multas que vão sendo encaminhadas à eternidade.

Sei que a responsabilidade dos conscientes será muito mais cobrada do que a irresponsabilidade dos indiferentes, mas ambos precisarão acordar para a velocidade das transformações morais, que o radar do amor deixa aumentar a cada vez que cruzamos os feixes da monitoração Divina.

O radar do amor nos avisa quando as nossas pernas precisam ser estendidas para que ande-

mos, até que os nossos braços possam alcançar aquele ou aquela que aguarda uma ação solidária. Assim, quando você que enxerga avistar uma pessoa cega, aproxime-se, apresente-se e ofereça alguma ajuda. Quando uma pessoa idosa tentar atravessar a rua, vamos observar o radar do amor, diminuir a pressa, aproximar-se, apresentar-se e oferecer ajuda para a travessia segura. Os nossos dia estarão sempre apresentando oportunidades para que diminuamos a nossa indiferença social, Espiritual e humana. O radar do amor estará sempre avisando o momento certo de parar ou avançar nos espaços onde a vida acena para a solidariedade.

Os automóveis são orientados pelas placas de sinalização, que indicam velocidade máxima, velocidade permitida, curva à direita ou à esquerda, aclives, declives, etc. Os radares auxiliam no processo de obediência e o código de trânsito educa os motoristas. Os homens são orientados pelos sinais da consciência que indicam a humildade, a tolerância, o pacifismo, o subir da boa vontade, o descer da vaidade, a velocidade correta dos sentimentos e o radar do amor auxilia no processo de observância e o Código Moral de Deus educa os errantes.

Você pode até ser um motorista prudente e obediente às leis impostas pelo departamento de trânsito, prestar atenção aos radares do cotidiano espalhados pelas estradas e caminhos, mas se não for um ser humano atento ao radar do amor, a seta que indica SIGA EM FRENTE, o levará à cidade das mãos juntas, um lugar onde os homens e mulheres de pés juntos pela morte, rezam, oram, clamam, para que o choro e o ranger de dentes, se transformem em riso e mostrar de dentes pela felicidade.

Vamos evitar que as multas que nos punem por não observar a presença do radar do amor, nos façam estacionar no inevitável purgatório do arrependimento, por muito mais tempo que o necessário.

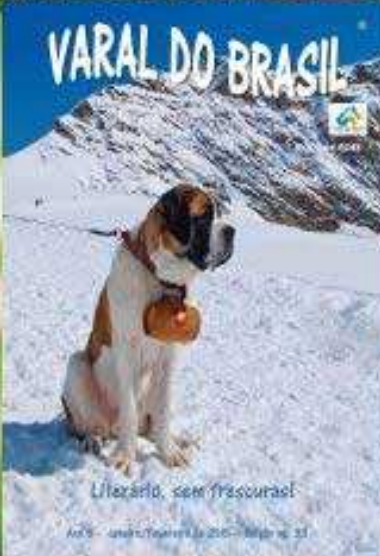
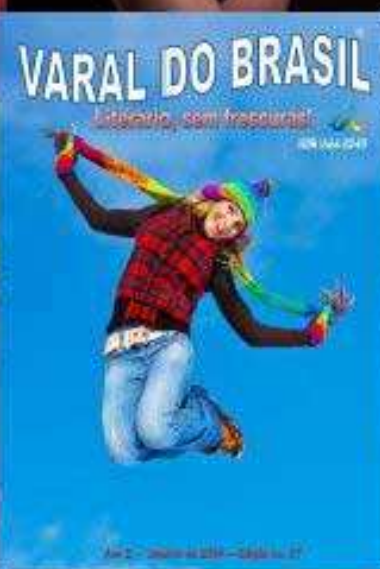
Seu acelerador está bem aí, do lado esquerdo do seu peito; Deixe-o funcionar normalmente com o amor Cristão e você sempre respeitará o que pede o radar de Deus.



De mãe eles me chamam
De mulher me chama “ele”
De filha já fui chamada
De irmã, uma voz perdida, lá de quando em vez vem me chamar
Amiga, hoje, é uma palavra rara!
Quando me tratam por “doutora”, muitas das vezes, querem o que
não podem ter: Justiça!
De quem me chamava amiga, sinto tanta falta que já nem ligo mais!
Tentei ser a irmã que quiseram,
Mas pouco adiantou!
Como filha, amei odiando,
Porque todo amor dispensado jamais compensou o desgosto e a
solidão da perda.
Ser “mulher” nunca consigo,
Porque não sei por onde começa,
Não sei por onde termina esta palavra insana, sem início, meio e fim.
Hoje,
Sou apenas a mãe que consegui ser, mas não a que queria ter!

Por Rita de Oliveira Medeiros





Literatura é coisa muito séria

Por Rejane Costa Barros

Além de funcionar como espelho do tempo e expressão da sociedade é, para quem a faz, instrumento individual de prazer, exercício diletante, cavilação amorosa, beco dos disfarces, lenço em que se enxugam as dores, palco em que atuam as vaidades, rio em que se lavam as mágoas.

Através dela semeamos as uvas da esperança e restauramos as pontes destruídas, acendemos archotes nas noites tenebrosas e até recriamos a vida no inexorável corredor da morte. Reunir os que produzem a arte literária é apenas uma das funções de uma Academia.

A Academia é uma associação de pessoas de ideias, portanto, uma elite de mentalidade. Procura resguardar o patrimônio da inteligência, não como o tesouro indevassado do avarento, mas com o objetivo de aprimorá-lo e devolvê-lo, sempre renovado ao conhecimento geral da sociedade. É um órgão semeador de ideias e sentimentos.

A AFELCE é nossa estrada, nosso território. Aqui, palmilhamos os ínvios caminhos das descobertas literárias e repartimos o conforto desta sesmaria de fraternidade e de companheirismo. Nossa Academia Feminina de Letras do Ceará ilustra a terra abençoada de Alencar e Iracema, celeiro lírico da literatura deste país. A Academia é a imortalidade, a espiritual sobrevivência da arte e da cultura.

Somos todos herdeiros da vocação criadora de Deus e nossa missão no mundo é construir.



Enigmas

Por Rejane Costa Barros

Saber-se assim, solta no vento
é ter a sensação de que o pó da estrada
voou para longe.
Tenho chaves no peito que deságuam
minhas solidões
e vão abrindo os portões do meu celeiro.
O momento em que estou diante de ti
vem me destemperando a alma
e fazendo com que eu ouça o silêncio
aquele que amadurece as frutas
que vingam em meu corpo.
O mapa dos meus olhos
radiografa teus caminhos
e despe a cidade rasgando as pétalas do
desejo.
Querer-te próximo
é roçar uma plantação de enigmas
ávidos caçadores de palavras
escrevendo poemas e soltando às estrelas
as desalinhadas promessas.
A noite se inscreve nessa história
como se o vinho temperasse a solidão
e abandonasse as escrituras,
jogasse ao chão as folhas mortas,
e rasgasse os absurdos, a falta de nexo, o
desconsolo.

Minhas sombras estão impregnadas nas
areias da memória
por ela vivo e dela me socorro.
Nas dúvidas do caminho interrompido e sem
amarras
às vezes brotam em mim, urtigas.
Na maioria das vezes, nascem em mim,
gerânios
que refletem imagens nas lâminas de vidro
pequenos depositários dos meus anseios.
Abrigo as estrelas e estendo as mãos
com melancólicos versos de cantigas do amor
distante,
assim, aponto ao horizonte mirando os
pássaros
do meu destino, em curvas delineadas pela
fragilidade
com que o amor nos dilacera a alma,
sangrando
os musgos da nossa existência!



As formigas: Flor de Lótus **(Texto - amizade: reflexão)**

Por Rob Lima

No meio da cidade em um buraco perdido no meio de tudo, morava uma formiga atrevida que se chamava Flor de lótus, mais de flor ela não tinha nada. Era tão atrevida, parecia estar sempre de mau humor. Ela sempre achava defeitos nas outras formigas, ninguém prestava, ninguém agradava, e ela sempre estava certa. Por mais que as outras formigas procurassem agradar, parecia que estavam sempre fazendo algo errado. Todos os dias de manhã bem cedinho, ela saía para o trabalho, e no caminho era cumprimentada com bom dia pelas outras formigas, e ela respondia: _Bom dia pra quem? Sempre de mau humor. No trabalho todos procuravam ser solidários, na medida do possível, e ela sempre grosseira, não fazia questão de agradecer pela ajuda que recebia. Engraçado, por mais que ela fosse tão indiferente aos outros, eles ainda continuavam a falar com Flor de Lótus. Mas tinha uma formiga que trabalhava no mesmo setor que o dela, e por conviverem muito tempo juntas, acabaram virando amigas, quer dizer, só da parte da outra formiga. Flor de lótus não agradava em nenhum momento sua amiga, e ela, sempre com sorriso aberto e disponível. Mas como diz o ditado, “um dia a gente cansa”, e com o tempo sua amiga foi ficando mais triste e desanimada. Sempre que procurava Flor de Lótus pra conversar, ela nunca tinha tempo para ouvi-la, mais ela sempre teve tempo para Flor de lótus.

Um belo dia, Flor chegou ao trabalho e não encontrou sua amiga, como ela sempre foi meio indiferente e grossa, não fez questão de perguntar.

Mas o dia foi passando, e ela sentiu um pouco a

sua falta, afinal conviveram tanto tempo juntas. Então o expediente terminou e Flor de lótus arrumou suas coisas para ir pra casa, e passando pelos corredores do formigueiro, ela percebeu que todos estavam meio cabisbaixos, mas como ela pouco falava com outros, também não perguntou. No dia seguinte chegou ao trabalho e todos continuavam em silêncio, e mais uma vez não perguntou. Chegando ao setor, não encontrou sua amiga e tudo que ela havia deixado depois do último expediente, estavam lá, no mesmo lugar; sua bolsinha, seu uniforme de operária e também uma cartinha no bolso do macacão. Flor de Lótus pegou a carta e leu o que estava escrito...”Querida amiga Flor de Lótus, já fazem uma ano que trabalhamos juntas e agradeço a Deus por isso, esses dias ando meio preocupada, queria conversar com você sobre isso, mais como sempre está sem tempo pra mim, até entendo, mais te amo mesmo assim, afinal as pessoas são diferentes né? mais precisava tanto falar com você, não ando muito bem, tenho que ver o Dr. Zangão para ver o que está acontecendo. Bom, escrevi essa cartinha porque ficaria mais fácil de você ler depois, quando tivesse tempo, Beijos da sua amiga que te ama”.

Flor de lótus correu e perguntou aos outros porque estrelinha sua amiga não tem aparecido, e um dos operários respondeu: _Você não sabe? Sempre trabalhamos juntas, estrelinha faleceu, pois sentia muitas dores em suas perninhas e não deu tempo nem de ir ao Dr. Zangão. Flor de lótus ficou em choque, sem saber o que fazer, os dias foram passando, e de tanta tristeza Flor de lótus veio a falecer.

(Segue)

É, sei que você tem a sua personalidade e é autêntico, tenho certeza que mesmo assim ninguém deixa de olhar por você. Aprenda a olhar por aqueles que esperam um gesto de carinho, afinal você sempre tem quando procura. Então retribua, mesmo que do seu jeito. Porque as palavras podem ser lindas em um discurso, mais nada comparável a um gesto de atenção e carinho. Porque tudo é muito rápido pra mim e pra você também.

Green

No baile de máscaras

Eu vou te conhecer.

Vou te conhecer quando vir esse sorriso grande e incrível

Nos seus lindos olhos verdes.

A esperança de amar sem ter que sofrer

Sem ter medo de sonhar.

Sem ter medo de voar mais alto

Sem ter medo de me machucar

Sem ter medo de te amar.

Por Vagner Xavier



Imagem by catsastrofic

O HERÓI NASCE

Por Rogério Alvarenga

O Fera foi atropelado!

Esse Fera não passava de um cão viralata, sem pedigree, mas estimado como se fosse o rei da Mesopotâmia. Tinha afeição ilimitada pelo Marcim, um garoto avançado, com nove anos incompletos, que cuidava dele, com carinho especial, todos os dias da sua vida. Era afeição mútua instalada à primeira vista. Marcim não tinha irmão e o Fera, com o seu temperamento afetivo, supria as carências do garoto. Era fera, mas, para o seu amo, era guardião.

Foi atropelado na porta de casa, numa manhã sombria. Marcim o acolheu entre os braços. Não havia sangue, mas, certamente, ferimentos internos. Fera gemia baixinho, sem forças, com respiração ofegante.

Marcim ligou imediatamente para o pai, para pedir socorro. O pai, médico, não podia atender ao chamado, naquele momento. Retornaria a ligação, logo depois, informou a secretária.. E o pai esqueceu. Marcim, ou melhor, o Fera, não podia esperar.

Avisou à mãe que iria tomar as providências e levar o Fera imediatamente a uma clínica veterinária.

- Você não pode ir sozinho!

- Eu chamo um táxi. Tenho dinheiro guardado e posso ir agora mesmo.

Sem que a mãe pudesse imaginar a alternativa, Marcim já tinha chamado o taxi que estava já esperando à porta. Colocou o Fera numa cesta grande, forrada com uma toalha azul e saiu em disparada, sem que a mãe pudesse imaginar para qual clínica ele pudesse ir. Saiu sem endereços, mas saiu. O taxista devia saber.

Não foi difícil localizar uma clínica veterinária nas imediações. Pagou o taxista e saiu carregando o Fera, agora imóvel e respirando muito suavemente. Não gemia mais. Entrou alucinado na clínica e ficou desesperado porque tinha os procedimentos de registro de entrada. O

tempo ia passando. Finalmente, o veterinário veio em seu socorro e logo os dois, ou melhor, os três, entraram numa sala toda equipada de instrumentos cirúrgicos. O veterinário examinou com cuidado, mas o Fera não respondia e estava já exalando os últimos suspiros. E o veterinário deu a palavra inesperada e indesejada.

- Nada mais a fazer!

- Não pode! Precisa fazer alguma coisa! Isso não pode ficar assim! Tem que tentar alguma coisa!

- Não há mais jeito. Sinto muito. Pode voltar com ele pra casa, mas se quiser, podemos providenciar a cremação dele aqui mesmo.

- Cremação? Isso nunca!

Enquanto vinham as imagens de tristeza e separação, de perda e abandono, eis que o pai chega à clínica.

- Que aconteceu?

- Um desastre, pai. Nada pude fazer. Ele morreu nos meus braços.

- Sem problemas... Nós arranjamos outro cachorro pra você.

- Sem problemas? Então o senhor pensa que o Fera morto pode ser trocado por um Fera vivo? Nunca. Quero levar para casa e ficar com ele mais algum tempo.

- Você tem que compreender que o Fera, infelizmente, morreu. Temos que tomar as providências necessárias para o final. Você já está com quase dez anos e precisa compreender.

- Eu compreendo, mas não concordo. Quero levar o Fera para casa.

- Nosso apartamento é pequeno, você tem seus deveres ainda hoje por cumprir. Como ficar com o cachorro morto dentro de casa?

- Cachorro morto dentro de casa? Ele é meu amigo! Eu posso deixar na área de serviço e depois, de noite, podemos decidir o que fazer.

- Ainda de noite?

(Segue)

- Compreenda, pai... eu estou triste demais. Não quero ficar chorando nesta clínica, pois nem lenço eu trouxe. Quero ir pra casa levando o Fera comigo, pela última vez.

- Não deixa de ser complicado. Vou respeitar o seu pedido. Certo. Concordo. Então vamos

Chegaram em casa e Marcim carregando o Fera numa cesta grande. Pesava bem uns seis quilos. Ele fez questão de não permitir que ninguém o ajudasse. Procurou um lugar para depositar a cesta. Uma mesa? A mãe, Dulcina, achou melhor colocar numa cadeira. Todos foram ver a cara ou melhor o focinho do Fera morto.

Lavaram-se as mãos. Tomaram-se banhos. Almoçaram em silêncio. A vida parecia correr como de costume, mas tudo estava tenso demais. À tarde não ficou ninguém em casa. Todos cuidando das suas obrigações.

A noite chegou e as pessoas retornaram a casa, apreensivas quanto às providências que deveriam tomar para se livrarem daquele cachorro morto dentro de casa.

Em assembleia improvisada, ficou decidido que o enterro seria no jardim, num canto mais afastado do muro. Seria realizado naquela mesma noite e combinaram com o jardineiro para fazer os procedimentos, depois das vinte e três horas, quando o silêncio fosse total..

Ninguém pôde ligar televisão, naquela noite de vigília. O telefone tocou. Uma amiga da mãe do Marcim queria falar com ela. Já passava das nove horas.

- Dulcina, estamos esperando você para o meu aniversário. Os convidados estão perguntando por você. Você se esqueceu de mim, querida?

- Oh! Desculpe, Cidinha. Aconteceu um imprevisto, um desastre, um atropelamento.

- Quê? Você me assusta. Que aconteceu?

- Fale baixo porque estamos em orações no velório, na sala..

- Velório? Pelo amor de Deus, o que aconteceu?

- Acenderam as velas em torno do corpo e apagaram-se todas as luzes da sala. Marcim, coitado, não tem irmão, mas as duas irmãs estão dando todo conforto a ele. Estão em orações e em meditação profunda..

- Não posso imaginar o que esteja acontecendo. Você está bem?

- Felizmente, eu estou bem, mas o Marcim e as meninas estão em prantos.

- Só pode ser brincadeira! Você está me passando um trote? Uma pegadinha?

- Não! Não! Às vinte e três horas vai sair o enterro.

- Você me deixa alucinada! Quem morreu? Nunca vi enterro às vinte e três horas. Onde vai ser esse enterro?

- Vai ser no quintal, bem perto do muro. Bem afastado. O jardineiro já preparou tudo.

- No quintal? Não suporto mais nada. Penso que você não está bem! Vou dispensar os meus convidados rapidamente e vou pra aí. Preciso verificar isso tudo bem de perto.

- Venha mesmo porque o Marcim vai ficar muito sensibilizado com a sua presença. Será um conforto para nós. Aguardamos você. Um beijo!

- Espere. Não saia de casa enquanto eu não chegar. Vou levar o meu filho que é médico e pode articular com o Dino, seu marido, para as providências. Fique calma porque tudo vai ficar bem. Pode ter certeza. Beijos.

Dona Cidinha sentiu o drama e relatou para as amigas na sua festinha. Depois, cada uma das amigas deu apenas um telefonema. E cada uma das outras, outro telefonema e assim, a rede estava formada. A amiga Dulcina estava com desconforto mental. Claro, só podia mesmo estar.

Meia hora depois, dona Cidinha já estava fazendo parte dos garotos em orações e cânticos fúnebres.

(Segue)

Cinco minutos depois, chega uma vizinha que tinha ficado sabendo. E assim, foram chegando as amigas, todas empenhadas em dar assistência imediata a dona Dulcina.

O pobre Fera, exposto no meio do salão, não ouvia nem via mais nada. Não latia. Dormia eternamente.

Dona Dulcina teve que preparar cafezinho para as amigas e o vira-lata Fera jamais teria pensado que o seu enterro fosse tão concorrido. A sala estava cheia de amigos e amigas. Marcim agradeceu a todos os presentes e sentiu-se mais confortável quando retornou a casa, deixando o Fera num lugar tranquilo e rodeado de flores.

Aprenda...

Por Rosangela Calza

Aprenda a andar leve pelo tempo
deixe o que é pesado ser levado pelo vento...
Aprenda a ser alegre mesmo em meio ao sofrimento...
deixe de lado a dor, a tristeza, o tormento
de verdade... não apenas com fingimento.

Aprenda com as pessoas 'cada uma das boas pequenas partes'
que fazem da sua vida uma obra de arte...
aprenda a ver o lado bom,
a escolher o tom...
aprenda a deixar o riso correr solto
aprenda a não deixar a amargura amargar seu coração.

Aprenda a dançar mesmo que sua vontade seja de não tirar o pé do chão.





Olhou para ela como se fosse nada.
Uma faca enferrujada penetrou o
coração da moça e deixou-a a
morrer sem paz.



[] Design Editora

jacqueline aisenman

o silêncio alheio

[]



"A simplicidade e espontaneidade da escrita
de Jacqueline encantam a todos que têm a
felicidade de ler seus escritos."

Norália de Mello Castro

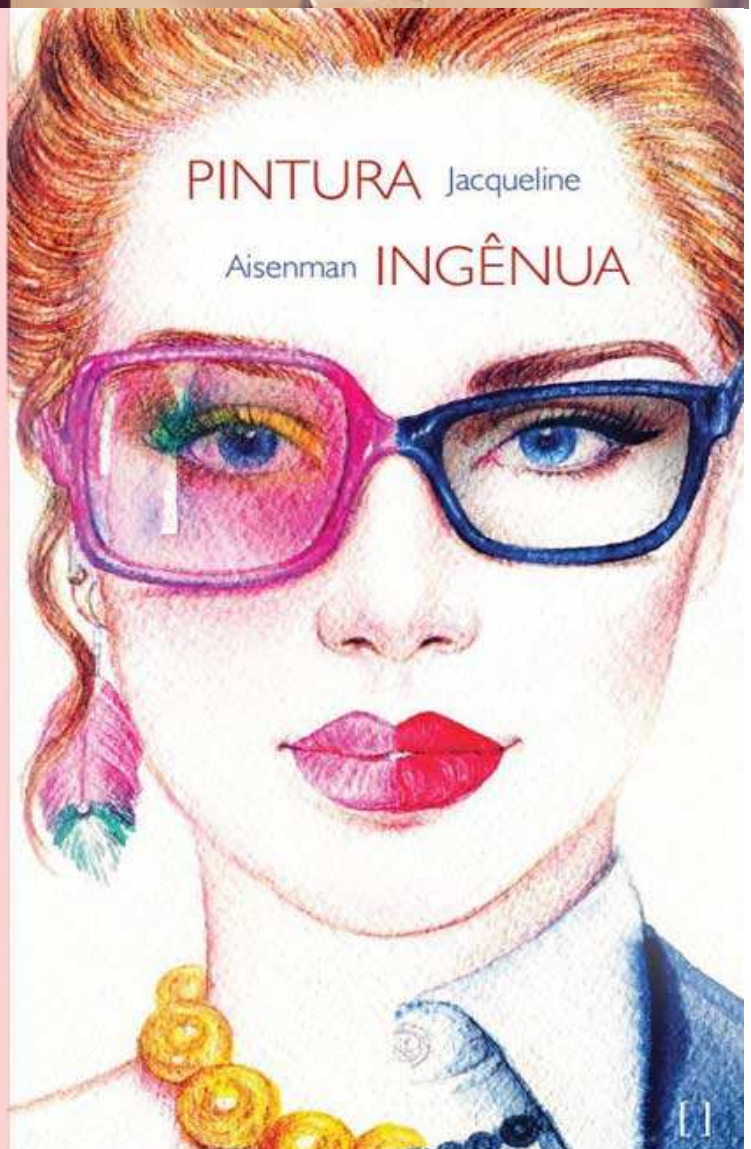


[] Design Editora

Jacqueline Aisenman

PINTURA INGÊNUA

[]



Mulheres Guerreiras

Na estrada da vida elas acordam para um novo dia, preparam o café da manhã dos seus filhos, isto quando tem o pão de cada dia, pegam o ônibus e vão para suas batalhas cotidianas.

Muitas vezes essas mulheres são extremamente violentadas pelos seus esposos e sofrem discriminações no seus trabalhos, mas o silêncio as mantém na labuta.

Mulheres que numa guerra sangrenta defendem seu território como atualmente as mulheres kurdas que expulsaram os fundamentalistas

(tropas do EI) na cidade de Kobani território kurdo situado no norte da Síria.

Mulheres guerreiras, forte, independente, e ao mesmo tempo sensíveis. Mulheres que trazem o odor da cebola e do alho em suas mãos calejadas e que se dedicam a cuidar da família, cozinhar, limpar e atendem ao esposo sempre demonstrando um sorriso com sentimentos de perdas e ganhos.

Mulheres mães, advogadas, médicas engenheiras, motoristas, professoras,

poetas, jornalistas, domésticas, faxineiras e militantes políticas.

Todas desafiam sua territorialidade, guerreiras, lutam, transformam sonhos em realidades.

Dão amor, solidariedade, trabalhadora, companheira e geradoras de vidas.

Todas elas seguem o destino do tempo: mães, amigas, amantes levam no corpo e na alma o segredo e a magia do universo.

Por Rosalinda Mildner



Sustento minhas paredes

Por Rossana Aicardi

Sustento minhas paredes
cansada
de cor
uma vez mais
as cargo em andas
elevo-as
tiro-lhes o pó
alinho-as vertical
caio
de joelhos
sem soltá-las
me lastimo
atropelada
pela vida
que cachete
imutável
limpo minha cara
com o ombro
sujo, lastimado
a olho fixo
uma careta de riso
desenham lábios secos
e desagradando-me
entre o cheiro da nada
e o malefício do vazio
uma vez mais
sem vontades
cansada
sustento minhas paredes.



Classificados de Esquina

Por Rozelene Furtado de Lima

Ofereço para quem quiser e vier
Escrevo poesias para todos os dias
Poemas com qualquer tema
Sonetos chorosos ou versos amorosos
Textos especiais para todos os rituais
Trovas de amores para enviar flores
Bilhetes dobrados com beijo desenhado
Cartas de amor em papel de cor
De despedida com lágrima sentida
De encontros escondidos, proibidos.
Pedidos de desculpas sem culpas
De agradecimento ou de casamento
Oração para o santo ou acalanto
Faço também cartões de parabéns
Dedicatórias em livros de memórias
Tenho letra bonita bem escrita
Caligrafia sem igual, tipo oficial.
Venha sem medo, guardo segredo.
Tenho asas na mão na mente e no coração
Não tenho assento tenho a rapidez do vento
Estou na esquina, no bar ou a beira mar
Na sala de aula da rua com a mestra lua
Na manhã de sol ou no arrebol
Não tenho telefone nem nome
Nem endereço certo, estou por perto.
Apareço do nada sou da estrada
Sou pessoa querida, sou poeta da vida



Jardim de estrelas

E quem é você que invade o meu jardim e tenta roubar minhas pérolas no infinito oceano de mim? – Perguntou a menina, que se assustou ao ouvir a minha voz - Meus pensamentos são proibidos para você – disse ela.

Mas eu quero entrar e invadir tudo o que é seu. Há muito tempo desejo te decifrar. A menina ficou em silêncio. Sabia que ela estudava com cuidado as minhas palavras.

Seu mundo tem mais luz, mais vida e mais encanto. Gostaria de saber o seu segredo. Gostaria de saber como você consegue transformar o mundo simplesmente com sua presença – então ela baixou seus olhos atentos, não conseguia ficar brava por muito tempo.

Não sou deste mundo, apenas vivo aqui – disse agora mais des preocupada.

Mas disso eu já suspeitava. Alguém como ela não poderia ser daqui. Um poeta com certeza vive aqui e ali. Tão perto que você pode tocar, mas tão longe que poucos podem sentir.

A menina sentou-se distraída, olhando para o céu. Já estava anoitecendo em seu jardim. Ela brincava com seus longos cabelos que o vento insistia em desarrumar. Eu a espiava, sem a deixar perceber, mas a vi olhando para mim, escondida, naquele cantinho onde só eu sei olhar.

Às vezes ela silencia até meus pensamentos e fica rindo, tentando me pregar peças. Parece uma garota sapeca, tímida e sonhadora. Até mesmo seu silêncio para mim é canção.

Enquanto a noite chegava lentamente, caminhei ao seu lado pelo jardim. Assim como você, gosto muito de ver as flores. As rosas são as minhas favoritas, mas você sempre gostou das estrelas.

Todas as noites eu a vejo vagando pela noite fria. Sei que ela poderia passar a noite toda simplesmente olhando para o céu, pois lá estão os seus sonhos e são os seus sonhos que fazem seus olhos brilharem e seu coração bater. As meninas gostam de sonhar e esta em especial tem uma vida inteira que começa somente quando ela fecha os olhos.

Ah menina! Você acha que alguém ainda olha o céu e se encanta com a lua? – perguntei tentando conter meu riso, mas ela sorria um sorriso escondido bem no cantinho da boca.

Claro que sim! – percebi que sua voz tinha um leve tom de irritação, pois tinha acabado de interromper os seus sonhos.

- Ninguém mais tem tempo para isso! – insinuei.

Foi então que, colocando as mãos na cintura e levantando ainda mais as sobrancelhas, ela olhou para mim, tentando se fazer de ofendida.

Você está olhando para a lua nesse exato momento não está? É impossível a natureza, o sol, a lua e as estrelas passarem despercebidas pelas pessoas. Seus corações anseiam pelas coisas belas do mundo.

E antes que eu abrisse novamente a boca para questionar, ela logo afirmou:

- Sim, ainda existem pessoas assim.

Do livro: Jardim de Estrelas e Noites sem Fim

Por Selma Antunes

Texto e ilustração da autora



Dia Internacional da Mulher

08 de março

Por Sonia Nogueira

Você mulher, geradora de emoção,
Que embala no berço outra vida,
No seio jorra leite amamentação
Planta a semente de amor carecida.

És a fortaleza que edificada,
Aprofunda alicerces e conquistas,
Faz do trabalho rancho e pousada,
Como mães militantes, estrategistas.

Com a prole é mestra educadora,
Dirige a nave para seguir um rumo,
Entre erros, acertos, a mão redentora,
Mesmo que a barca desvie o rumo.

No lar é a força maior de proteção,
Qual ave que resguarda o ninho,
Tem sempre abraço em comunhão,
No coração, perdão, afeto, carinho.

Dentre tantas onde o jardim floresce,
Com amor semeia a glória infinda.
Noutras a chama que nunca aquece
Traz como sina a desventura finda.

Eu mulher de emoções tantas, tantas,
Curvo-me diante da Divina criação,
Mesmo diante de profanas e santas
Saúdo a mulher do Brasil, com emoção.



Primavera no coração

Por Teodora Ursino

No jardim da primavera
foi colhida a mais bela rosa...
É a flor que enfeita o coração dos amigos.
Viver é viver o prazer
de estar em sua companhia.
Suas palavras vão além
das explicações, narrações, falações.
Suas palavras são aquele leve sereno
da poesia amiga,
são palavras que saltam da alma,
lindos sorrisos todo santo dia.
Sua simplicidade conquista e cativa a gente.
Sua alegria se transforma na alegria dos amigos.
Agradeço a Deus, Leonor,
no fundo do meu coração,
por sua amizade, nossa amizade.
Agradeço todos os dias de minha vida,
você mora no jardim do meu coração.
Para sempre, suas crônicas me fazem
viajar para o Paraíso, muito obrigada!



Mulher da vida

Por Valdeck Almeida de Jesus

Foste tu que me ensinaste a viver
Levaste-me a conhecer o mundo
Deste amor de aprender, de prender
Louco deixaste-me no caos profundo.

Esta vida não é nada, nada boa
Mas transforma cada pedacinho
Mostra ao homem a beleza toda
De viver como um passarinho.

Vive a vida bela – tua vida
Vive a vida feia – minha vida
Transforma meu sofrer em tua ferida.

Perfuma-me, enfeita-me para o mundo
Deixar-te-ei só, partirei pra viver
Devo-te tudo, e vou me esquecer.



O Mundo que Perdi

Por Vitório Pereira dos Santos

Quando cego andei
Perdido que sei
Magoado fiquei
Lúgubre pela terra vaguei
Cansado fiquei
Malandro ou maluco, não sei!
Notícias da terra distante, não sei!
Mas um dia
Eu pensei.
Por isto sentei.
As flores que um dia
Eu senti e toquei
Também já não cheirei
Perdi o tato e o contato
Isso foi mais que imediato.
Saudades das lembranças
Do gosto que perdi
Isto me deu muito desgosto.
O mundo que perdi
A Valença foi que esqueci
Minha cama-meu avião.
Essa foi minha compensação
Voar pelo mundo
Sem sair do chão.



Solidariedade

UMA BONECA PARA LAURA

Por Cassiane Santos

Como de costume nos dias de ações de graça minha mãe prepara um verdadeiro banquete na nossa casa e convida amigos e parentes para todos confraternizarem este dia juntos um dia antes do banquete minha mãe sempre vai comprar as verduras e frutas e mais coisas que não me lembro para o jantar pela manhã ela acorda toma seu café e sai e eu vou com ela mesma não querendo muito então para matar o tempo eu levo minha companheira minha boneca Lili para brincar no carro enquanto minha mãe dirige, ela fica sempre nervosa quando organiza jantares como esse, passado alguns minutos entramos na rua principal que dá acesso ao supermercado e o sinal fecha.

Enquanto minha mãe está olhando a lista do jantar eu percebo algo que nunca vou me esquecer mesmo eu tendo só nove anos uma menina que aparentava ter a mesma idade que a minha estava no sinal ajudando a sua mãe a vender balas e biscoitos digo que é a mãe dela por que percebi que ela estava a chamando ela assim vestida com um vestido azul que nem se via mais o azul e de chinelo gasto no pé elas vieram em nossa direção enquanto a mãe da menina falava com a minha mãe ela me olhava e olhava a Lili, então ela me perguntou se eu queria bala eu disse que não enquanto eu olhava fixamente para ela a sua mãe já estava num outro carro imaginei que a menina também iria com a mãe mais ela ficou ali parada me olhando o vidro do carro estava pelo meio e perguntei a ela se ela gostava de bonecas, ela balançou a cabeça mostrando que sim, e me perguntou quantas bonecas eu tinha respondia que muitas e perguntei a ela também e me disse que só uma e que se chamava feiosa confesso que ri e a menina também, a menina comentou que a minha boneca era muito bonita eu respondi que acha também quando a sua mãe lhe chamou por que o sinal ia abrir eu lhe perguntei o seu nome e ela disse que se chamava Laura, o sinal

abriu eu e minha mãe compramos tudo que tinha que comprar e voltamos para casa, logo quando cheguei a casa fui para o meu quarto e observei que eu tinha muitas bonecas e que algumas eu nem mesmo brincava, então pensei em Laura, no dia seguinte estavam todos em volta da mesa e quando iam fazer uma oração de agradecimento meu pai me perguntou se eu tinha algo para agradecer eu lhe respondi que sim, e que muitas das vezes eu não dava valor a tudo que tinha meu pai me olhou surpreso e me perguntou se tinha acontecido algo então eu lhe contei o que aconteceu pedi ao meu pai que no dia seguinte me levasse até aquele semáforo, pois eu tinha um presente para Laura e como combinado meu pai me levou e chegando lá encontrei Laura e sua mãe trabalhando meu pai fez sinal para a sua mãe que iria. Encostar o carro. , e depois de Laura e sua mãe vieram ao nosso encontro meu pai ficou conversando com sua mãe e eu falei com Laura e lhe disse que tinha um presente do dia de ações de graças ela me olhou e me perguntou o que seria e eu lhe mostrei o embrulho quando ela abriu e viu que era uma boneca ela me abraçou e chorando me agradeceu.

Moral da história agradeça a Deus por tudo que você tem, pois tem gente que vive com muito menos que você tem, e fazer um gesto de solidariedade e amor por uma pessoa não tem dia não tem hora, mês e nem data, decida fazer o bem, decida amar o próximo!





Revista Varal do Brasil

A revista Varal do Brasil é uma revista independente, realizada por Jacqueline Aisenman.

Todos os textos publicados no Varal do Brasil receberam a aprovação dos autores, aos quais agradecemos a participação.

Se você é o autor de uma das imagens que encontramos na internet sem créditos, façamos saber para que divulguemos o seu talento!



Licença Creative Commons. Distribuição eletrônica e gratuita. Os textos aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que seja preservado o nome de seus respectivos autores e não seja para utilização com fins lucrativos.

Os textos aqui publicados são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores.

A revista está disponível para download no site www.varaldobrasil.com

Contatos com o Varal?

varaldobrasil@gmail.com

A responsabilidade dos artigos assinados é exclusiva de seus autores e os mesmos não refletem necessariamente a opinião da revista Varal do Brasil.

Para participar da revista, envie um e-mail e enviaremos o formulário.

CONSULADO-GERAL DO BRASIL EM

ZURIQUE

Stampfenbachstrasse 138

8006 Zürich-ZH

Fax: 044 206 90 21

www.consuladobrasil.ch



**Consulado-Geral do
Brasil em Genebra**

54, Rue de Lausanne

1202 - Genève, Suisse



cg.genebra@itamaraty.gov.br

Varal do Brasil



Voltaremos em julho
com a edição
no. 36!

Literário, sem frescuras!



www.varaldobrasil.com

www.varaldobrasil.blogspot.com

varaldobrasil@gmail.com